

Cândida Mara Britto Leite

***Atitudes Lingüísticas: a Variante Retroflexa
em Foco***

UNICAMP

Universidade Estadual de Campinas

Fevereiro de 2004

Cândida Mara Britto Leite

**Atitudes Lingüísticas: a Variante Retroflexa
em Foco**

Dissertação apresentada ao Departamento de Lingüística, do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Lingüística, na área de Sociolingüística.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Tânia Maria Alkmim.

Co-orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Filomena Spatti Sandalo.

UNICAMP
Instituto de Estudos da Linguagem
2004

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA
IEL - UNICAMP

L536a Leite, Cândida Mara Britto.
 Atitudes Lingüísticas: a variante retroflexa em foco / Cândida Mara
 Britto Leite. - Campinas, SP : [s.n.], 2004.

Orientadora : Profa. Dra. Tânia Maria Alkmim.
Co-orientadora : Profa. Dra. Maria Filomena Spatti Sandalo.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Sociolingüística. 2. Lingüística - Atitudes. 3. Língua portuguesa -
Dialeto - São José do Rio Preto (SP). 4. Estereótipo (Psicologia). 5.
Dialeto caipira. I. Alkmim, Tânia Maria. II. Sandalo, Maria Filomena
Spatti. III. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da
Linguagem. IV. Título.

Banca Examinadora

Tânia Maria Alkmim

Prof^a. Dr^a. Tânia Maria Alkmim (UNICAMP)
(Orientadora)

Prof^a. Dr^a. Maria Filomena Spatti Sandalo (UNICAMP)
(Co-orientadora)

Prof^a. Dr^a. Maria Bernadete Marques Abaurre (UNICAMP)

Prof^a. Dr^a. Anna Christina Bentes da Silva (UNICAMP)

Prof^a. Dr^a. Maria Laura Trindade Mayrink-Sabinson (UNICAMP)
(Suplente)

Este exemplar e a redação final da tese
defendida por Cândida Mara

Britto Leite

e aprovada pela Comissão Julgadora em

02/04/2004.

Sm Alkmim

*À minha mãe, minha irmã,
meu cunhado e minhas sobrinhas.*

Agradecimentos

À Prof.^a Dr.^a Tânia Maria Alkmim pela relação de confiança e apoio estabelecida durante a realização deste trabalho.

À Prof.^a Dr.^a Maria Filomena Spatti Sandalo pelo diálogo constante e pela orientação nas questões relativas à fonologia.

Às professoras Prof.^a Dr.^a Tânia Maria Alkmim, Prof.^a Dr.^a Maria Filomena Spatti Sandalo, Prof.^a Dr.^a Maria Bernadete Marques Abaurre, Prof.^a Dr.^a Anna Christina Bentes da Silva, pelas importantes observações e sugestões no exame de qualificação deste trabalho.

Às professoras Prof.^a Dr.^a Maria Bernadete Marques Abaurre, Prof.^a Dr.^a Anna Christina Bentes da Silva e Prof.^a Dr.^a Maria Laura Trindade Mayrink-Sabinson, por terem aceitado participar, juntamente com a Prof.^a Dr.^a Tânia Maria Alkmim, da banca examinadora de defesa desta dissertação.

Às professoras Tânia Maria Alkmim e Anna Christina Bentes da Silva pelo trabalho desenvolvido na disciplina Variação e Mudança Lingüística, à Prof.^a Dr.^a Tânia Maria Alkmim, pelas discussões durante a disciplina Metodologia da Investigação Sociolingüística, e à Prof.^a Dr.^a Maria Filomena Spatti Sandalo pelo trabalho desenvolvido na disciplina Fonética e Fonologia e, principalmente, pelas discussões suscitadas por ocasião da disciplina Leitura Individual Orientada, que muito contribuíram para o embasamento teórico deste trabalho.

À Prof.^a Dr.^a Eleonora Cavalcante Albano pela gentileza em discutir algumas questões referentes às formas acústicas nos momentos finais de elaboração deste trabalho e ao LAFAPE pelo acesso aos recursos do laboratório.

Aos professores com os quais cursei disciplinas que contribuíram para a minha formação acadêmica: Prof. Dr. Sírío Possenti, e à Prof^a. Dr^a. Mônica Graciela Zoppi-Fontana.

À minha família, especialmente à mamãe, Santa Britto, minha irmã, Sandra Brito, minhas sobrinhas Ludimila e Gisele e meu cunhado Gilberto Luz, pelo carinho, encorajamento e apoio durante todo o meu percurso.

Às amigas e mestras Nirvana Ferraz S. Sampaio pelo incentivo desde a Iniciação Científica na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB e Maria da Conceição Fonseca Silva pelo constante estímulo e colaboração: pessoas fundamentais nessa trajetória.

A Alfredo A. S. Jr. pelo apoio e companheirismo fundamentais nos momentos iniciais e finais que compreenderam a realização deste trabalho.

Aos amigos de longa data e àqueles que encontrei neste caminho pelas experiências compartilhadas e pela palavra confortante em diversos momentos.

À UNICAMP, em especial ao Instituto de Estudos da Linguagem – IEL, aos funcionários da secretária de pós-graduação, aos funcionários do setor de informática e aos funcionários da biblioteca do IEL pela atenção nos momentos em que precisei.

À CAPES pela concessão da bolsa de estudos, sem a qual eu não poderia ter me mantido em Campinas e desenvolvido este trabalho.

Um agradecimento especial aos meus informantes, colaboradores anônimos, imprescindíveis para a realização de pesquisas como esta.

A língua reflete (ou melhor, “ecoa”) a sociedade. Em primeiro lugar, o sotaque, o vocabulário e o estilo geral de falar de um indivíduo revela, para qualquer um com o ouvido treinado, muitas coisas a respeito da posição desse indivíduo na sociedade. Em segundo, as formas lingüísticas, suas variações e mudanças contam-nos alguma coisa sobre a natureza da totalidade das relações sociais em uma determinada cultura.

(Peter Burke em “A Arte da Conversação”)

Resumo

O objetivo do presente estudo foi identificar e analisar as atitudes lingüísticas de alguns estudantes diante do seu próprio dialeto, particularmente em relação à pronúncia do /r/ retroflexo. Os informantes são naturais da cidade de São José do Rio Preto (SP) que têm permanecido na cidade de Campinas (SP) desde que iniciaram seus estudos na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Devido ao estigma que recobre a realização da aproximante retroflexa, pronúncia típica das cidades do interior de São Paulo, postulamos a hipótese de que os estudantes tentam acobertar essa pronúncia. Para comprovar essa hipótese, realizamos entrevistas individuais com oito estudantes: quatro destes estão iniciando a graduação e os outros quatro estudantes estão se graduando. Consideramos como objeto de estudo a fala informal desses estudantes e como objeto específico a variação do /r/ em posição de *coda*. As entrevistas foram gravadas, transcritas e submetidas à análise acústica, constituindo-se, então, no *corpus* desta pesquisa. Os resultados deste estudo demonstraram a efetividade do estigma e evidenciaram o estereótipo relacionado à variante aproximante retroflexa. Dessa forma, para não pronunciar a variante estereotipada, os estudantes “optaram” por outras variantes: a aproximante alveolar e vogal colorida, uma vez que as avaliam como uma forma prestigiosa. Os estudantes também julgam que as variantes aproximante alveolar e vogal colorida representam uma pronúncia “intermediária”, característica do dialeto de Campinas.

Palavras-chave: 1- Atitudes Lingüísticas; 2- estereótipo, 3- variante; 4- aproximante retroflexa; 5- aproximante alveolar e vogal colorida.

Abstract

The aim of the present study is to identify and analyze some students' language attitudes toward their native dialect. The topic of this study is the /r/ retroflex pronunciation. The students are in graduating program and they are native from São José do Rio Preto (SP) who have been living in Campinas (SP) since they began studying at State University of Campinas (Unicamp). Because the stressed stigmatization of the retroflex approximant variant, typical pronunciation from the countryside cities in São Paulo state, we suspect that the students are trying to conceal this pronunciation. To check out our hypothesis we obtain samples of speech by carrying out individual interviews with eight students: four of them are beginners and another four students are in the final year of graduating program. Our object of study was an informal speech of these students and our specific object is the variations of /r/ in *coda* position. The interviews were recorded and transcribed by acoustic analyses, consisting, therefore, in the *corpus* of this research. The results of this study present evidence of stereotype of the retroflex approximant variant. So, in order to not pronounce a stereotyped variant, the students choose other variants: alveolar approximant and r-coloring vowel, because they evaluate both as a prestigious form. The students also judge that the variants alveolar approximant and r-coloring vowel represents an "intermediate" form of pronunciation of Campinas dialect.

Key words: 1- Language attitudes; 2- stereotype; 3- variant; 4- retroflex approximant; 5- alveolar approximant and r-coloring vowel.

Sumário

Índice de símbolos utilizados para a transcrição ortográfica	17
Índice de símbolos utilizados para a transcrição fonética	19
Capítulo 1 – Introdução	21
1.1 – Considerações iniciais	21
1.2 – O dialeto caipira e a variante retroflexa	22
1.3 – Hipótese e objetivos	28
1.4 – Critérios e instrumentos utilizados na pesquisa	33
1.4.1 – Considerações metodológicas	33
1.4.2 – Os informantes	36
1.4.3 – As entrevistas	38
1.5 – Organização da dissertação	41
Capítulo 2 – Atitudes Lingüísticas	45
2.1 – Estudos de atitudes lingüísticas: algumas reflexões	45
2.2 – Um olhar sobre a atitude: inter-relação entre a Psicologia Social e a Sociolingüística	47
2.3 – Um outro olhar sobre a atitude: as pesquisas acerca de atitudes lingüísticas no Brasil	54
2.3 – Termos e conceitos teóricos adotados neste trabalho	58
Capítulo 3 – Status Fonológico da Vibrante	
Caracterização e Descrição Acústica dos Dados	65
3.1 – Considerações gerais	65
3.2 – Status fonológico da vibrante	65
3.2.1 – Interpretação fonológica baseada em dois fonemas róticos distintos: /r/ e /P/	68
3.2.2 – Interpretação fonológica baseada em um fonema rótico: /P/	69
3.2.3 – Interpretação fonológica baseada em um fonema rótico: /r/	72
3.3 – Caracterização acústica dos róticos	78

3.4 – Descrição acústica das variantes do <i>corpus</i> deste trabalho	84
Capítulo 4 – Atitudes Lingüísticas dos Informantes	97
4.1 – Considerações iniciais	97
4.2 – O dialeto caipira como estereótipo	97
4.3 – Atitudes dos informantes perante a sua própria fala	103
4.4 – Avaliando a variedade campineira...	108
4.5 – Reconhecendo e avaliando outras variedades	113
4.6 – A “fala ideal” ou a “pronúncia ideal”	117
4.7 – Discussão dos resultados	122
Capítulo 5 – Considerações Finais	131
Referências Bibliográficas	135
Anexos	141

Símbolos utilizados para a transcrição ortográfica¹

1. [[– Dois turnos de fala iniciados ao mesmo tempo;
2. [– Sobreposição de vozes;
3. [] – Sobreposição localizada;
4. (+), (2,5) – pausa;
5. (incompreensível) ou (escreve-se o que se supõe ter ouvido) –
Dúvidas e suposições;
6. / – Truncamento brusco;
7. **MAIÚSCULA** – Ênfase ou acento forte;
8. : :: ::: (co::mo) – Alongamento de vogal;
9. (()) – Comentários do analista;
10. ----- – Silabação;
11. ” – Subida rápida de entoação (interrogação);
12. ’ – Subida leve (vírgula ou ponto e vírgula);
13. eee ele, ca ca ca cada – Reduplicação;
14. eh, ah, oh, ih::, mhm, ahã, etc – Para pausas preenchidas,
hesitações ou sinais de atenção;
15. ... – Transcrição de um trecho;
16. /.../ – Corte na produção de alguém;
17. Os turnos de fala devem ser iniciados com letras minúsculas;
18. Transcrição ortográfica seguindo a escrita padrão.
19. A identidade dos informantes foi preservada e eles, portanto, são
indicados por parte das iniciais de seus nomes, acompanhados da
referência do sexo (M para masculino e F para feminino) e da idade
real.

¹ De acordo com Marcuschi (1986).

Símbolos utilizados para a transcrição fonética¹

[©] – Aproximante Retroflexa

[♦] – Aproximante Alveolar

[ϕ] – Aproximante Palatal

[}] – *Tap* Retroflexo

[P] – *Tap* Alveolar

[p] – Vibrante Alveolar

V~ – “Vogal colorida”²

¹ Neste trabalho, segue-se para a transcrição fonética o Alfabeto Internacional de Fonética – IPA, em anexo. Destacamos aqui os símbolos que estamos utilizando para representar as variantes do /r/ em *coda* a que faremos referência neste trabalho.

² Os exemplos ilustrados nos espectrogramas foram segmentados, editados e transcritos através do software Praat. Com os recursos desse software não foi possível transcrever a vogal colorida ou rotacizada (ocorrências em que prevaleciam os formantes das vogais, uma vez que estavam coarticuladas com o /r/ seguinte – ver melhor caracterização da vogal colorida ou rotacizada no capítulo 3, tópicos 3.3 e 3.4), uma vez que o Praat só oferece o diacrítico referente à rotacização atrelado à vogal central média, o schwa. Dessa forma, não seria possível vincular o diacrítico a uma outra vogal. Assim, assumimos a grafia das vogal correspondente ao exemplo selecionado seguida do sinal gráfico do til (~).

Capítulo 1

Introdução

1.1 Considerações iniciais

A motivação para o desenvolvimento deste trabalho surgiu a partir de observações empíricas que pudemos realizar junto aos estudantes de algumas cidades do interior de São Paulo que se encontravam na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Através da convivência com esses graduandos, verificamos o quanto a pronúncia do /r/ retroflexo, realização típica do dialeto paulista, era avaliada de forma negativa, como uma pronúncia “feia”, “carregada”, “puxada” e o quanto os seus usuários eram alvo de “brincadeiras” nas mais diversas situações. Diante desse quadro, buscamos, neste trabalho, identificar e analisar as atitudes lingüísticas de alguns estudantes oriundos do interior paulista, pois supomos que esses estudantes estão acobertando a pronúncia estigmatizada. Supomos ainda que a tentativa de acobertar a pronúncia retroflexa está diretamente relacionada às avaliações que alguns estudantes manifestam a respeito do falar da cidade de Campinas, uma vez que julgam que o campineiro detém um falar, uma pronúncia “intermediária”. Levando em conta a estreita relação entre o /r/ retroflexo e o dialeto caipira, teceremos algumas considerações acerca desse dialeto e de estudos de alguns pesquisadores que se dedicaram, de uma forma ou de outra, a essa questão, para, em seguida, darmos continuidade à temática central desta pesquisa.

1.2 O dialeto caipira e a variante retroflexa

Em *O Dialeto Caipira*, Amaral (1920) descreve o dialeto da antiga província de São Paulo¹. Esse dialeto caipira, segundo o autor, apresentava um sistema distinto e inconfundível e era falado pela grande maioria da população. A influência desse falar se estendia à minoria culta da capital e, desde então, já era avaliado de forma pejorativa, a ponto de ser apontado como o responsável por corromper o vernáculo² e considerado como vício de linguagem.

Além das inúmeras características fonéticas, sintáticas, morfológicas e do vasto vocabulário elencado por Amaral (1920) que particularizam o dialeto caipira frente ao português falado pela população letrada no Brasil do início do século XX, há também características comportamentais que marcam o modo de vida caipira³. Assim, conforme o autor, *o caipirismo não existia apenas na linguagem, mas em todas as manifestações da nossa vida provinciana*. (Amaral, 1920, p. 41)

Ao tratar das generalidades fonéticas do dialeto caipira no capítulo I do seu livro, Amaral (1920, p.45) afirma que a prosódia caipira⁴ difere da prosódia portuguesa por apresentar um *tom geral do frasear lento, plano e igual*. Além dessa qualidade, acrescenta o fato de o dialeto caipira não exibir uma variedade de flexões e de apresentar uma linguagem vagarosa com um estiramento das vogais, entre tantas outras características que se

¹ No prefácio de *O Dialeto Caipira*, Paulo Duarte indica que os informantes de Amaral (1920) eram provenientes das regiões de Capivari, Piracicaba, Tietê, Itu, Sorocaba e São Carlos.

² Como exemplo dessa questão, Amaral (1920, p. 41) relata que, no Senado do Império, ao decidirem sobre o local para a sede dos cursos Jurídicos no Brasil, a proposta de São Paulo como lugar para um desses cursos causou objeções, pois consideravam o linguajar dos falantes nativos de São Paulo de tal forma inconveniente que poderia contaminar os futuros bacharéis que viriam de outras localidades do país.

³ Os genuínos caipiras são descritos por Amadeu Amaral como sendo os roceiros ignorantes e atrasados. Assim, com essa denominação, Amaral (1920) procura caracterizar o dialeto do homem do interior paulista, de hábitos simples e voltado ao meio rural.

⁴ Amaral (1920) esclarece que o termo prosódia é utilizado numa acepção lata, abrangendo o ritmo e a musicalidade da linguagem.

somavam às peculiaridades desse dialeto, distinguindo-o, então, da referida variedade de português considerada padrão e encontrada na fala dos habitantes cultos do Brasil no início do século XX.

A pronúncia do /r/ retroflexo é apontada como característica do dialeto caipira por estudiosos da linguagem, como Amaral (1920), Rodrigues (1974), Head (1987), entre outros. Os referidos trabalhos que tratam do dialeto caipira, descrevem a articulação que envolve o /r/ típico desse dialeto de maneiras distintas. No entanto, como alerta Head (1987), embora nem todos os estudiosos o denominem como /r/ retroflexo, a exemplo de Amaral (1920)⁵, o vocábulo "retroflexo" para descrever o /r/ típico do dialeto caipira figura ao lado de "r caipira" como termos sinônimos para caracterizar a pronúncia típica desse dialeto.

O caráter retroflexo do /r/ típico do dialeto caipira, conforme descrito por Amaral (1920), demanda para a sua produção uma posição mais retraída da língua. É possível observarmos que a posteriorização da língua requerida para a produção dessa pronúncia retroflexa não se limita apenas à pronúncia do /r/, mas se estende à articulação de outros segmentos, produzindo sons retroflexos⁶ e conferindo uma qualidade de voz retroflexa ao dialeto em questão. Dessa forma, ao descrever as variações dos fonemas do dialeto

⁵ Amaral (1920, p. 47) assim descreve o /r/, uma das variantes típicas do dialeto caipira: r inter e post-vocálico (arara, carta) possui um valor peculiar: é linguo-palatal e guturalizado. Na sua prolação, em vez de projetar a ponta contra a arcada dentária superior, movimento este que produz a modalidade portuguesa, a língua leva os bordos laterais mais ou menos até os pequenos molares da arcada superior e vira a extremidade para cima, sem tocá-la na abóbada palatal. Não há quase nenhuma vibração tremulante. Para o ouvido, este r caipira assemelha-se bastante ao r inglês post-vocálico. Apesar de não ser denominado como retroflexo, a descrição apresentada, segundo Head (1987), deixa claro que se trata do aspecto retroflexo de articulação. Assim, a realização do /r/ caipira pode se dar através do contato entre a ponta da língua (virada para cima) e o palato ou por uma articulação posterior realizada pelo levantamento do dorso da língua, ou seja, guturalizado. Quanto a essa descrição feita por Amaral (1920), Head (1987) acrescenta que apesar da diferença entre a produção de uma consoante retroflexa (linguo-palatal) e de uma consoante gutural, é possível apontar semelhanças entre essas articulações, pois *ambas representam processos de produção num sentido posterior, com realizações mais retraídas do que seriam sem a virada da ponta da língua ou sem o levantamento do dorso.* (Head, 1987, p. 10)

⁶ Cagliari (1981) afirma que encontramos sons retroflexos no dialeto paulista e, sobretudo, no dialeto caipira. Em suas palavras: *No dialeto caipira, além da constrictiva, não é raro encontrar também sons oclusivos, nasais e laterais retroflexos.*

caipira, Amaral (1920, p. 47) atribui ao /r/, tanto intervocálico quanto pós-vocálico, a articulação retroflexa⁷. Assim, até mesmo na posição intervocálica, própria do *tap* alveolar, como ocorre no vocábulo *arara* [αPαPα], o autor registra a ocorrência do /r/ retroflexo [α©α©α].⁸

Dentre as características do dialeto caipira descritas por Amaral (1920), admite-se que, atualmente, algumas estejam mais restritas a determinadas regiões ou a falantes mais idosos ou ainda com pouco nível de instrução, como podemos destacar a alteração das sílabas pretônicas iniciais em que [ɛ] aparece mudado em [i] nasal, como em *inzame* por *exame*. No entanto, grande parte das características desse dialeto descritas em *O Dialeto Caipira* está presente em todos os dialetos do Brasil, como a redução de grupos vocálicos quando seguidos de *r*, *x* ou *j* em *chêro*, por *cheiro*; *quêjo*, por *queijo*; *pêxe* por *peixe*, entre outras⁹. Esta última e outras tantas características desse dialeto descritas por Amaral (1920) fazem parte do português falado no Brasil de tal forma que não há mais como entendê-las enquanto particulares de um dialeto em especial.

Dessa forma, podemos concordar com Amaral (1920), quando este faz a seguinte afirmação a respeito das mudanças verificadas, já em 1920, no uso do dialeto caipira por falantes do interior de São Paulo que se propôs descrever:

Hoje, ele acha-se acantado em pequenas localidades que não acompanharam de perto o movimento geral do progresso e subsiste, fora daí, na boca de pessoas idosas, indelêvelmente [sic] influenciadas pela antiga educação. Entretanto, certos remanescentes do seu predomínio de outrora ainda flutuam na linguagem corrente de todo o Estado, em luta com outras tendências, criadas pelas novas condições.(Amaral, 1920, p. 42)

⁷ Concordando com a posição de Head (1987) na nota anterior de n° 5, tomo aqui a designação retroflexa ou erre retroflexo para me referir à realização descrita por Amaral (1920) como representante do dialeto caipira.

⁸ Assumimos aqui a transcrição da aproximante retroflexa para representar o /r/ retroflexo do dialeto caipira.

⁹ As descrições estão grafadas conforme consta em Amaral (1920, p. 50).

É sabido que muito das características do dialeto caipira, particularmente a qualidade de voz retroflexa desse dialeto, perdeu-se com o passar do tempo. Para Amaral (1920) o desenvolvimento da população, a intensificação do comércio, enfim, o contato da província de São Paulo com outras localidades, entre outras causas, contribuiu para que o dialeto caipira sofresse grandes alterações. Dessa forma, se em 1920 Amadeu Amaral já indicava que exemplos do dialeto caipira só poderiam ser encontrados em pequenas localidades, o que se percebe atualmente é que uma das marcas que se mantém enquanto representativa desse dialeto é a pronúncia retroflexa do /r/, o chamado /r/ caipira¹⁰.

Quanto à distribuição geográfica e à vitalidade dessa pronúncia, podemos dizer que não há um consenso entre os autores. Dessa forma, Cunha (1968, p. 83) já afirmava que o chamado *erre* caipira, conforme descrito por Amaral (1920), *era peculiar à região Norte de São Paulo e Sul de Minas Gerais*. Melo (1946) ao referir-se ao /r/ retroflexo, concorda com Cunha (1968) quanto à sua extensão geográfica:

Tal r é característico do Norte de S. Paulo e Sul de Minas, e nêle se transforma sistematicamente o -l final de sílaba. Quem já viajou por aquelas bandas sabe que, basta transpor-se a Mantiqueira, aparecem meninos vendendo “paster de carne”, com o seu errezinho particular. Esta consonância aproxima-se bastante do -r final de sílaba inglês, que figura por exemplo em form, porém é mais intenso. (Melo, G. C. de, 1946, p. 86-87, grifos do original).

A realização do /r/ retroflexo encontrada no interior paulista e ainda apontada como típica do falar caipira, *bastante característica para ser notada pelos mais desprevenidos*, nas palavras de Amaral (1920, p.41),

¹⁰ Talvez ainda possam ser encontrados exemplos do /r/ caipira (particularmente de sua realização linguo-palatal, conforme descreve Amadeu Amaral) além de toda a retroflexão que caracterizava a pronúncia dos verdadeiros falantes desse dialeto, no interior paulista, fazendo parte do idioleto de falantes mais velhos. Assim, não pretendemos afirmar que a variante retroflexa que nos dias atuais pode ser apontada como representativa do dialeto paulista tenha as mesmas características da variedade descrita por Amaral (1920).

pode, no entanto, ser percebida, ainda que com algumas alterações, na fala da população que reside em estados¹¹ como São Paulo, Minas Gerais, Paraná, Mato Grosso e Goiás, como atesta Rodrigues (1974).

Além dessas localidades indicadas no trabalho de Rodrigues (1974), os estudos dialetológicos empreendidos na Bahia e em Sergipe, referentes ao Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB (1963) e ao Atlas Lingüístico de Sergipe (1973)¹² – ALS, por exemplo, também documentam a realização do /r/ retroflexo em cartas lingüísticas¹³, estando representado por isoglossas bastante representativas. Também há registros da realização do /r/ retroflexo, largamente atribuída ao dialeto caipira, no estado da Paraíba, no norte fluminense (municípios de Campos e São João da Barra), norte do Paraná e nordeste de Santa Catarina, como nos informa Brandão (1991).

A controvérsia que diz respeito à extensão geográfica da realização do /r/ retroflexo, característica do dialeto caipira, existe e, mesmo antes da realização dos estudos mais recentes que apontam a ocorrência desse segmento em regiões como o Nordeste, por exemplo, estudiosos da linguagem já questionavam a respeito da origem dessa pronúncia. Assim, a hipótese¹⁴ de que os traços típicos do dialeto caipira, entre estes o /r/ retroflexo que nos interessa no presente estudo, teriam irradiado de São Paulo para as áreas desbravadas pelos bandeirantes é atestada por Melo (1946)¹⁵:

¹¹ O fato de os falantes realizarem em diversas localidades do país o denominado erre caipira não significa que esses falantes sejam representantes do dialeto em questão. O que pode ser percebido é que apenas um dos traços do dialeto caipira, a realização do /r/ retroflexo, ainda pode ser encontrado como uma variante em alguns dialetos.

¹² O Atlas Lingüístico de Sergipe só foi publicado em 1987, segundo atestam Ferreira, C. e Cardoso, S. A. (1994).

¹³ Estão registrados mais especificamente em cartas fonéticas. Quanto à pronúncia do /r/ retroflexo, é possível visualizar a delimitação da referida isófona, além do registro nos referidos Atlas, também em Ferreira, C. & Cardoso, S. A. (1994, p. 14).

¹⁴ Não há o interesse, neste trabalho, de suscitar a questão relacionada à origem do “r caipira”, debatida por estudiosos como Amaral (1920), Elia, S. (1963) em “Ensaio de Filologia”, Melo (1946) e Head (1987). Um resumo sobre as hipóteses de origem do “r caipira” pode ser encontrado em Head (1987).

¹⁵ Depois de algumas discussões sobre essa hipótese, Head (1987, p. 18) parece ratificar o que foi dito por Melo (1946), pois afirma: *Parece evidente que o ponto de irradiação do dialeto caipira em geral, e da*

Esse dialeto caipira, em virtude das Bandeiras e dos movimentos de população que estas determinaram, teve ampliada sua área geográfica, diluindo-se embora ou caldeando-se com elementos outros, e, atingindo o rio S. Francisco, chegou até os sertões do Nordeste. Só isto pode explicar, a meu ver, a notável unidade relativa da nossa linguagem popular do interior. (Melo, G. C., 1946, p. 62).

A discussão que envolve as possíveis origens e disseminações do dialeto caipira e, mais particularmente, no que se refere à origem do /r/ caipira é também abordada por Head (1987). Esse autor entende essa pronúncia como sendo o resultado de um processo de variação e mudança que abrange /r/ e /l/. O estudo desenvolvido por ele aponta para propriedades comuns entre as diversas realizações do “r caipira”, retroflexo e “gutural”¹⁶, e as realizações do /l/ “velar” ou “velarizado”, referentes a uma produção marcada pela posição retraída da língua, correspondendo, acusticamente, a uma propriedade que denomina de “bemol”¹⁷ ou “rebaixada”¹⁸. Assim, conclui:

As variantes velarizadas (ou recuadas e rebaixadas) de /l/ e /r/ ocorrem tipicamente em posição final de sílaba. Em face do caráter comum, tanto na natureza da alternância fonética (articulatória e acústica) como no contexto fonológico mais característico, o presente estudo propõe considerar a origem de “r caipira” como

pronúncia típica do “r” em particular, teria sido São Paulo, de onde partiram os bandeirantes, levando a língua portuguesa a outras regiões da colônia.

¹⁶ Todas as aspas contidas nesse parágrafo foram mantidas conforme o texto original.

¹⁷ Head (1987) utiliza esse conceito baseado nas propostas de: Jakobson, R., Fant, G e M. Halle (1952). *Preliminaries to Speech Analysis. The Distinctive Features and their Correlates*. Cambridge, Mass., MIT Press.

¹⁸ Essa propriedade acústica é explicada por Head (1987, p. 16) da seguinte forma: (...) *as articulações que produzem o “r caipira” resultam em efeitos acústicos e auditivos bastante parecidos com as propriedades correspondentes ao “l velar”*: ambas produzem um aumento da cavidade anterior, o que provoca um abaixamento da zona de frequências (ou do formante) que corresponde a essa cavidade. Assim, Head (1987) procura se referir a um abaixamento do terceiro formante, F₃, característico da retroflexão – essas características serão melhor explicadas no capítulo 3, tópicos 3.3 e 3.4.

*resultado de um processo de variação e mudança que abrange as consoantes líquidas anteriores (ou apicais)*¹⁹. (Head, 1987, p.21)

Depois de ter apresentado brevemente essa questão, pretendemos, neste trabalho, estudar a realização do /r/ retroflexo, um dos traços remanescentes do dialeto caipira que podemos considerar como a característica mais evidente do referido dialeto e também como uma das mais estigmatizadas e, portanto, alvo de constantes comentários, chacotas e desprestígio – resultado, principalmente, das avaliações negativas das comunidades externas aos limites dialetais do /r/ retroflexo.

O estigma com relação à realização do /r/ retroflexo amplamente difundido entre os falantes, tanto nas relações diárias quanto nos meios de comunicação, desperta o nosso interesse em identificar as atitudes lingüísticas de um certo número de falantes²⁰, oriundos da cidade de São José do Rio Preto, frente a essa questão.

1.3 Hipótese e objetivos

Nesta pesquisa, tentamos comprovar a hipótese de que há uma alteração do /r/ em posição de *coda*²¹ impulsionada por uma estigmatização do dialeto típico do interior de São Paulo²², o dialeto caipira,

¹⁹ O autor salienta, ainda, a necessidade de análises fonéticas para que se possa descrever as semelhanças e diferenças articulatórias, acústicas e auditivas entre as variantes “velarizadas” (ou rebaixadas) de /r/ e /l/.

²⁰ O recorte por essa cidade encontra-se justificado na sequência do texto deste Capítulo 1.

²¹ Conforme Selkirk (*Apud.* Bisol, 2001, p. 92), uma sílaba consiste em um ataque (A) e em uma rima (R); a rima, por sua vez, consiste em um núcleo (Nu) e em uma coda (Co). Qualquer categoria, exceto Nu, pode ser vazia.

²² Neste trabalho estamos tomando a designação *dialeto caipira* para nos referirmos ao falar do interior de São Paulo, conforme fez Amaral (1920). Segundo Amadeu Amaral, esse dialeto característico da antiga província de São Paulo já estava sofrendo as alterações do meio social e desaparecendo em 1920, mas, ainda assim, havia muitas características a serem apontadas e resgatadas. Dessa forma, explica o seu objetivo ao elaborar o *Dialeto Caipira: O que pretendemos neste desprezioso trabalho (de que pedimos escusa aos componentes) é – caracterizar esse dialeto “caipira”, ou, se acham melhor, esse aspecto da dialetação portuguesa em São*

particularmente no que se refere à pronúncia do que há de mais característico nesse dialeto, o /r/ retroflexo. Como já salientamos nas considerações iniciais, o nosso objetivo, portanto, é identificar e analisar as atitudes lingüísticas de alguns estudantes, migrantes da cidade de São José do Rio Preto (SP) em direção à cidade de Campinas (SP), bem como investigar a possível alteração que esse grupo específico pode estar realizando.

A seleção dos informantes provenientes da cidade de São José do Rio Preto baseou-se no resultado do trabalho desenvolvido por Guiotti (2002).

Guiotti (2002), trabalhando com a perspectiva da sociolingüística quantitativa, desenvolve um estudo na comunidade de São José do Rio Preto em que focaliza a variante retroflexa do fonema /r/ com o intuito de investigar a manutenção ou desaparecimento dessa pronúncia. O resultado dessa pesquisa mostrou que a variante retroflexa mantém-se ativa na comunidade estudada, embora esteja presente, também, uma estigmatização em relação à pronúncia do /r/ retroflexo, tanto no uso quanto na avaliação subjetiva dos informantes.

Tomando como objeto de estudo a fala informal de graduandos, oriundos da cidade de São José do Rio Preto e residentes na cidade de Campinas, e como objeto específico a variação do /r/ em posição de *coda*, procedemos a uma investigação dessa variante, com base na hipótese inicial de que, nesta posição, ocorre uma alteração do [ʁ], *tap* retroflexo, impulsionada por atitudes negativas em relação à fala do interior – marcando, assim, uma certa posição em relação ao falar da cidade de Campinas, apontado como um falar “intermediário”.

No estudo realizado por Guiotti (2002) há transcrições fonéticas da fala dos informantes e em todas essas transcrições o que se observa é a

Paulo. Não levaremos, por isso, em conta todos os paulistimos que se nos têm deparado, mas apenas aqueles

indicação do *tap* retroflexo [ʔ] como representante da variante retroflexa encontrada na cidade de São José do Rio Preto. No entanto, o contato com o *corpus* desta pesquisa fez com que reformulássemos essa hipótese inicial, e então passamos a admitir que a referida alteração ocorre, mas a variante que caracteriza o dialeto dos informantes de São José do Rio Preto, ao menos em nossos dados, é a aproximante retroflexa²³ [ʔ̞] e não o *tap* retroflexo [ʔ].

Embora pareça conflitante, os resultados da pesquisa desenvolvida por Guiotti (2002) indicam que, apesar da existência do estigma diante da pronúncia retroflexa, há a manutenção dessa variante – que a autora credita a uma reavaliação positiva da figura do agro-empresário e à pujança econômica do interior paulista. Assim, no estudo de Guiotti (2002) o apagamento²⁴ do /r/ é muito mais estigmatizado pelos informantes entrevistados do que a pronúncia retroflexa²⁵. Essa parece ser uma questão interessante, pois revela que circunscritos em sua comunidade, ambiente em que os falantes compartilham com muita representatividade a variante retroflexa, o estigma que recobre essa variante não corrobora para a não realização de tal pronúncia. Ao contrário, essa pronúncia mantém a sua vitalidade apoiada em um novo argumento.

Mas até onde a estigmatização em relação à pronúncia retroflexa por parte dos graduandos que migram para Campinas afetaria a manutenção

que se filiam nessa velha corrente popular. (Amaral, 1920, p. 43)

²³ Cagliari (1981) registra a ocorrência da constritiva (aproximante) retroflexa [ʔ̞], também conhecida como R-caipira, como variante no dialeto paulista. Para o autor, “nesse dialeto [no dialeto caipira], a constritiva retroflexa posterior sonora [ʔ̞] ocorre onde, em outros dialetos, ocorre [ʔ̞̃, ʔ̞̄] ou [P], exceto em posição intervocálica, dentro de palavras, onde encontramos também a vibrante alveolar, como em ‘carro’”.

²⁴ O resultado da pesquisa de Guiotti (2002) revela que o apagamento do /r/ retroflexo é favorecido no estilo casual de fala, mostrando que quanto maior o grau de formalidade do discurso menor o índice de apagamento. Quanto à análise da variável com relação aos fatores internos, foram considerados o contexto fonológico precedente ao fonema /r/, o contexto fonológico seguinte às variantes e o fator tonicidade. De acordo com o resultado da análise, o contexto mais apropriado para apagamento é o de infinitivos verbais cujas vogais temáticas são /a/, /e/ e /i/.

do traço mais característico do dialeto caipira, a realização do /r/ retroflexo, comprovadamente presente na comunidade de São José do Rio Preto? Que atitudes lingüísticas estariam manifestando esses informantes pela necessidade do contato e da aceitação no convívio social?

No âmbito da Sociolingüística, há alguns estudos envolvendo o fonema /r/²⁶. Pesquisa como a de Callou et al. (1996), por exemplo, indicam que o fonema /r/ apresenta, em posição de *coda* silábica, um elevado grau de polimorfismo, prestando-se, exemplarmente, à caracterização da variação no português do Brasil. Em seu trabalho, que segue a metodologia quantitativa laboviana, os autores analisam as ocorrências de /r/ oriundas de trinta inquéritos do tipo diálogo distribuídos por uma área geográfica englobando as cidades de Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife.

O trabalho de Guiotti (2002), já referido anteriormente, que aborda a manutenção ou desaparecimento da pronúncia do /r/ retroflexo, entre outras questões, também é desenvolvido nos parâmetros da sociolingüística quantitativa.

Diferentemente de trabalhos como os acima citados, a nossa proposta é analisar a variação do /r/ em posição de *coda* na fala de alguns estudantes, migrantes da cidade de São José do Rio Preto (SP), sob uma perspectiva qualitativa da pesquisa sociolingüística, sem estar atrelada a uma abordagem com características como as dos estudos de Callou et al. (1996) e Guiotti (2002), já que, se assim procedesse, não alcançaria o objetivo maior que é o de procurar compreender as atitudes que norteiam a possível

²⁵ O estudo de Guiotti (2002) indica que as variantes /r/ não retroflexo, /r/ retroflexo e apagamento de /r/ não são marcadores de classe social, nem de sexo, nem de idade. Também não se confirmou a hipótese de correlação entre classe social e grau de prestígio.

²⁶ Há vários trabalhos realizados com o Português do Brasil que registram, também, as variantes da vibrante em diferentes dialetos. Um comentário a respeito de tais trabalhos pode ser encontrado em: Monaretto, V. N. O, Quednau, L. R. & Hora, D. As Consoantes do Português. In.: Bisol, L (org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 3. ed. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

variação. Há que se pensar nos motivos pelos quais uma certa variante ocupa posição de destaque em relação às demais. Qual a relação entre as variáveis sociais e as realizações proferidas pelos informantes? Além dos fatores lingüísticos, quais fatores sociais estão funcionando para o favorecimento de uma variante sobre a outra? Os falantes do dialeto em questão estão atentos a essas variações? Posicionam-se?

O enfoque que norteou esta pesquisa pauta-se numa concepção em que os estudos lingüísticos e os fatores sociais estão inter-relacionados no desenvolvimento da mudança lingüística, concordando com Weinreich et alii. (1968):

Linguistic and social factors are closely interrelated in the development of language change. Explanations which are confined to one or the other aspect, no matter how well constructed, will fail to account for the rich body of regularities that can be observed in empirical studies of language behavior. (Weinreich et alii, 1968, p. 188)

Pensar que esse fenômeno pode ser controlado social e lingüisticamente implica reconhecer a estreita ligação entre língua e sociedade. Para que possamos trilhar os caminhos capazes de nos levar a esse entendimento, é preciso que abandonemos os modelos clássicos do trabalho variacionista e tentemos compreender as variações para além do dado que pode ser quantificado.

No momento em que reconhecemos que nenhuma forma variante ocorre sem propósito, admitimos que, sobre essa variante, já se opera um jogo social. Dessa forma, acreditamos que a investigação do comportamento lingüístico dos indivíduos que atuam em sociedade, participando desse jogo, pode revelar as atitudes que impulsionam as variações lingüísticas descritas acima que se suspeita ocorrer.

1.4 Critérios e instrumentos utilizados na pesquisa

1.4.1 Considerações metodológicas

As pesquisas sobre atitudes lingüísticas podem estar relacionadas a trabalhos que visam, principalmente, ao estudo de atitudes: (i) diante de línguas estrangeiras focalizando o impacto na aprendizagem de tais línguas; (ii) relacionadas ao contato entre línguas vizinhas com atenção especial aos efeitos causados pelo empréstimo lexical, por exemplo; (iii) manifestadas diante de certas classes sociais e diante das variedades lingüísticas faladas por estas classes sociais e (iv) diante de certos grupos raciais ou minoritários e sua língua.

Saville-Troike (1982) esclarece que há uma grande divergência de opiniões entre os pesquisadores no que diz respeito às questões metodológicas em se tratando dos estudos de atitudes lingüísticas. Essa divergência de opiniões é ilustrada na seguinte passagem:

Qualitative research is considered unreliable by many, on the one hand, because of limited sample, possible subjective biases, and lack of explanatory power. The validity of experimental research is questioned from an ethnographic perspective, on the other hand, because of the unnaturalness of the situation and means by which data are elicited, and equally possible subjective biases, both in research design and interpretation of findings. (Saville-Troike, 1982, p. 182).

Neste trabalho, a perspectiva qualitativa no que diz respeito às questões metodológicas foi a escolhida por entender que estamos lidando com questões delicadas, que envolvem juízos de valor. Assim, optamos por tentar “captar” as atitudes dos informantes através de conversas que versavam sobre questões que envolviam tanto o dia-a-dia de qualquer

graduando quanto aquelas que os convidavam a opinar sobre questões de linguagem. Assim, os informantes, em boa parte do tempo, conduziram a conversa de maneira que delimitavam o que e como se expressavam.

A grande maioria das pesquisas realizadas que têm como foco o estudo de atitudes lingüísticas, mesmo no âmbito da Sociolingüística, freqüentemente usam a técnica *matched-guise*²⁷ para captar as atitudes, e também para medi-las, e acabam por privilegiar um método reducionista para tratar de questões relacionadas à linguagem e ao comportamento humano. O fato de não termos apresentado nenhum modelo de ficha para análise ou medição de atitudes deu margem a que os informantes falassem além do esperado, enriquecendo os depoimentos.

A respeito da técnica *matched-guise*, Schlieben-Lange (1993, p. 94) afirma ser este o instrumento mais conhecido e utilizado entre os estudiosos, lingüistas e psicólogos sociais, para a compreensão de atitudes lingüísticas. Apesar da vasta difusão da referida técnica, a autora alega a ineficiência dessa quando aplicada para elucidar as atitudes lingüísticas, pois, do seu ponto de vista, todo o âmbito do “falar e saber sobre línguas” acaba sendo interpretado erroneamente de forma homogênea.

Quanto à representatividade da amostra, sempre restarão questões, tais como: a) informantes com grau de escolarização inferior aos dos informantes deste trabalho expressariam atitudes semelhantes?; b) Falantes mais idosos, crianças ou adolescentes manifestariam julgamentos em que se pudesse identificar um certo desprestígio em relação ao seu dialeto, ou seja, o dialeto de São José do Rio Preto?

O fato é que, no presente estudo, o objetivo foi o de identificar as atitudes de um grupo específico – graduandos de uma mesma instituição de ensino, todos com o mesmo nível de instrução, detentores de um nível econômico que lhes possibilitaram estudar em colégios particulares até o

final do ensino médio. Enfim, trata-se de um grupo de informantes que compartilha muitas características em comum e é este grupo que, ao se deslocar da sua cidade de origem, manifesta o desejo de acobertar a pronúncia típica do falar caipira que o particulariza enquanto pertencente ao interior paulista.

É importante registrar que, antes da realização da entrevista definitiva, foi realizada uma enquete composta de 28 questões – também baseada em entrevistas – com seis informantes com o intuito de investigar a opinião de alguns paulistas, campineiros e não-campineiros, a respeito da questão levantada como hipótese deste trabalho. O resultado dessa investigação revelou que a maioria dos entrevistados suspeita que esteja ocorrendo uma alteração na fala daqueles que migram do interior paulista em direção à cidade de Campinas. Acrescentaram, ainda, que a cidade de Campinas, dentre as demais do interior paulista, ocupa um lugar de destaque no contexto sócio-econômico no país.

A notoriedade conferida a Campinas, o *status* que essa cidade detém, faz com que esta se distancie do perfil de cidade do interior. Os entrevistados apontaram também que essa distância pode ser conferida, dentre outras particularidades, à forma como o campineiro fala – designado pelos informantes como um falar “intermediário”. Devido a essas questões percebidas durante a enquete, questões estas que não imaginávamos que ocupassem o destaque que pudemos perceber, incorporamos o depoimento de quatro campineiros ao *corpus* de análise deste trabalho, apenas para ilustrar as atitudes em relação ao dialeto campineiro e ao seu falar reconhecido como “intermediário”.

²⁷ No capítulo 2 deste trabalho, tópico 2.2, pode ser encontrada a definição da técnica *matched-guise*, bem

1.4.2 Os Informantes

Após a realização da enquete referida anteriormente, procedemos à escolha dos informantes. A seleção desses informantes foi feita observando-se o critério de os informantes terem nascido em São José do Rio Preto e de terem residido nesta cidade até sua vinda para Campinas. Os informantes estão inclusos em uma faixa etária que varia entre 19 e 25 anos.

Foram selecionados oito informantes, todos alunos da graduação da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp – sendo quatro homens e quatro mulheres. Destes, quatro são alunos que estão iniciando a graduação e os demais são concluintes, ou, seja, estão residindo em Campinas há, pelo menos, quatro anos. Todos os informantes eram solteiros e apresentavam o seguinte perfil:

1- K. F. (F – 19 anos): pais naturais de São José do Rio Preto (SP), está iniciando a graduação no curso de Biologia e faz pesquisa (estágio) junto a um laboratório da região.

2- C. S. (F – 20 anos): pai natural de São Carlos (SP), mãe natural de Uchoa (SP), está iniciando a graduação no curso de Antropologia, exerce a profissão de estudante, mas faz pesquisa (estágio) junto ao departamento de sua faculdade.

3- F. H. (M – 23 anos): pai natural de São Paulo, capital, mãe natural de São José do Rio Preto (SP), está iniciando a graduação no curso de Ciências Sociais e exerce a profissão de estudante.

4- M. T (M – 20 anos): pais naturais de Monte Aprazível (SP), está iniciando a graduação no curso de Música e exerce a profissão de estudante.

5- L. T. (F – 24 anos): pais naturais de Monte Aprazível (SP), está concluindo o curso de Engenharia de Alimentos, exerce a profissão de estudante e foi, durante dois anos, bolsista em um projeto de Iniciação Científica.

6- P. G. (F – 25 anos): pai natural de Monte Aprazível (SP), mãe natural de Potirendaba (SP), está concluindo o curso de Engenharia de Alimentos, exerce a profissão de estudante e foi, durante dois anos, bolsista em um projeto de Iniciação Científica.

7- P. L. (M – 22 anos): pai natural de São José do Rio Preto (SP), mãe natural de Santa Fé do Sul (RS), está concluindo o curso de Engenharia de Alimentos e trabalha como bancário.

8- V. E. (M – 21 anos): pai natural de Santos (SP), mãe natural de Farroupilha (RS), está concluindo o curso de Engenharia de Alimentos, exerce a profissão de estudante e foi, durante dois anos, bolsista em um projeto de Iniciação Científica.

Quanto à filiação, cinco dos oito informantes têm pais nascidos no interior de São Paulo, enquanto três têm ao menos um dos pais nascidos no interior de São Paulo. Nestes casos, os pais não oriundos do interior paulista são de origem sulista – dois destes – ou paulistana – apenas um.

No que se refere aos informantes campineiros entrevistados posteriormente²⁸, todos são naturais de Campinas, tendo morado apenas nesta cidade, e apresentam o seguinte perfil:

1- L. F. (M – 26 anos): pai natural de Campinas (SP), mãe natural de Promissão (SP), graduando em Engenharia Elétrica na Unicamp, trabalha como coordenador de manutenção em uma empresa da região.

²⁸ Embora o foco deste trabalho não seja a cidade de Campinas, fez-se necessário entrevistar alguns campineiros devido à constante referência ao falar de Campinas nos depoimentos dos informantes de São José do Rio Preto.

2- R. S. (M – 19 anos): pais naturais de Mato Grosso, concluiu o ensino médio e trabalha como operador de máquina copiadora nas dependências da Unicamp.

3- S. A. F. (F – 37 anos): pai natural de Penápolis (SP), mãe natural de Serra Negra (SP), graduou-se em História na Unicamp e trabalha como documentalista na Unicamp.

4- L. B. (F – 32 anos): pai natural de Franca (SP), mãe natural de Bebedouro (SP), graduou-se em Pedagogia e trabalha como analista de sistemas na Unicamp.

O contato com esses informantes foi intermediado por amigos ou por conhecidos em comum. Essa forma de aproximação promoveu uma certa descontração durante os encontros e favoreceu o desenvolvimento das entrevistas, sempre marcadas por risos, piadas e relatos de experiências pessoais. Antes de proceder à entrevista, foram realizadas algumas conversas informais, encontros em lanchonetes da Unicamp com o intuito de estabelecer uma maior proximidade entre o entrevistador e os informantes. Esses contatos sempre ocorreram individualmente com cada informante.

1.4.3 As Entrevistas

Para Boukous (1999), ao estudar as semelhanças existentes entre a sociedade de uma parte, e, de outra parte, a estrutura, a função e a mudança da língua, a sociolinguística busca coletar dados junto a uma amostra representativa²⁹ da comunidade linguística a ser estudada e, para tanto,

²⁹ A propósito da representatividade dos dados, vale dizer que cada trabalho acaba por delinear o seu percurso. Determinado número de informantes que mostra ser suficiente para o encaminhamento de uma pesquisa pode revelar-se insuficiente para um outro trabalho.

vale-se de instrumentos que assegurem objetividade e confiabilidade aos resultados da pesquisa.

A pesquisa sociolingüística poderá ser efetuada sem a necessidade de seguir padrões rígidos ou pré-determinados, visto que o objetivo maior ao proceder a uma coleta de dados é o de procurar atender às diferentes necessidades das pesquisas a serem realizadas. É preciso estar atento, no entanto, para não enveredar pelo caminho das generalizações e da crença de que o trabalho empreendido tem a capacidade de representar de maneira imparcial e altamente segura a realidade e completude do objeto investigado.

O *corpus* desta pesquisa é constituído de entrevistas não-diretivas compostas por questões de opinião que foram baseadas em dois roteiros com as mesmas questões para todos os informantes³⁰. Antes da realização das entrevistas procedeu-se ao preenchimento de uma ficha com dados pessoais dos informantes. A identidade desses informantes é preservada e ao citarmos exemplos de seus depoimentos utilizaremos parte das iniciais de seus nomes acompanhados da indicação do sexo e da idade destes.

Todas as gravações ocorreram numa sala acusticamente tratada no Laboratório de Fonética e Psicolingüística Experimental do IEL/UNICAMP. Em seguida, também no LAFAPE, os dados foram digitalizados no CSL Modelo 4300B da Kay Elemetrics. Posteriormente, as entrevistas foram transcritas, segmentadas manualmente e submetidas à análise acústica, baseada na frequência, duração e padrão dos formantes. O número

³⁰ O roteiro das entrevistas encontra-se em anexo. Houve uma certa adequação quanto às questões feitas aos informantes, levando em consideração se estes eram oriundos da cidade de São José do Rio Preto ou se eram campineiros. Após a enquete, que contemplou informantes campineiros e informantes do interior paulista, deu-se início às entrevistas com os informantes de São José do Rio Preto. Em um momento posterior, esse mesmo questionário serviu para guiar as entrevistas empreendidas com os informantes naturais de Campinas.

de ocorrências – no total, trata-se de 527 ocorrências – de cada variante por informante pode ser visualizado na tabela abaixo³¹:

Tabela 1 – Número de ocorrências de cada variante³² por informantes:

Informantes	Amostras	Variantes				
		R1	R2	R3	R4	R5
K. F.	62	33	15	14	0	0
C. S.	84	55	12	12	3	2
F. H.	132	63	18	30	1	20
M. T.	48	9	13	25	1	0
L. T.	37	13	3	9	9	3
P. G.	49	20	0	22	7	0
P. L.	58	21	4	31	0	2
V. E.	57	15	9	33	0	0

A análise acústica foi empreendida no intuito de responder à questão sobre o que ocorre com o /r/ na posição de *coda* silábica na fala desses informantes. A suposta alteração estaria ocorrendo? Quais as variantes que figurariam em concorrência com a aproximante retroflexa? Além disso, há o interesse de averiguar, a partir dessas análises, se os depoimentos dos falantes condizem com a referida análise. Assim, a análise acústica poderia nos ajudar a identificar, através da inspeção dos espectrogramas, quais as variantes proferidas pelos informantes. Dessa forma, poderíamos verificar se o falante realmente realiza a variante a que almeja ou se continua a realizar a variante estigmatizada, embora afirme o contrário em seus depoimentos, por exemplo.

³¹ Os valores referentes às ocorrências das variantes, em anexo, foram calculados a partir da aplicação da seguinte regra de porcentagem: $V_x = \Sigma V_x * 100 / \Sigma V_T$, onde V_x corresponde às variantes encontradas em posição de *coda* na fala dos informantes e V_T corresponde à somatória total de variantes da amostra.

³² Esclarecimento sobre a legenda: R1 = aproximante retroflexa [©], R2 = aproximante alveolar [♦], R3 = vogal colorida, R4 = aproximante palatal [j] e R5 = *tap* alveolar [P].

Quanto à seleção dos vocábulos a serem analisados, foram descartadas as ocorrências em que o /r/ figurava em final de palavra, seja em verbos ou preposições – ambientes em que a ocorrência do zero fonético é prevista. Assim, para a análise, foi priorizada a realização do /r/ em *coda* no interior de substantivos³³ adjetivos e verbos.

A entrevista realizada junto aos informantes mostrou-se suficiente para que pudéssemos ter acesso a depoimentos valiosos que possibilitaram uma ilustração significativa das atitudes manifestadas por esses informantes. O fato de também ser uma estudante nos corredores de uma das faculdades da Unicamp facilitou o meu contato com os graduandos entrevistados.

Para Bres (1999), a entrevista deve ser concebida como um complemento da observação das práticas linguísticas da vida social e não como um substituto a essa observação. Assim, vale ressaltar que, de fato, a entrevista funcionou como uma maneira de documentar, uma vez que foi gravada, e de ter acesso às atitudes manifestadas por colegas vindos do interior paulista que, cotidianamente, verbalizavam através das nossas conversas muito do pouco que foi apreendido neste trabalho.

1.5 Organização da dissertação

Esta dissertação é composta por cinco capítulos. Neste capítulo, ou seja, capítulo 1, tentamos justificar o nosso objeto de estudo, apresentar a hipótese que defendemos, os objetivos que pretendemos alcançar, os critérios metodológicos e os instrumentos da pesquisa realizada, como vimos.

³³O fato de mantermos para a análise o vocábulo *interior*, em que o /r/ na posição de *coda* encontra-se no final da palavra, justifica-se por tratar-se de um vocábulo recorrente na fala de todos os informantes.

No capítulo 2, apresentamos alguns dos trabalhos sobre atitudes lingüísticas desenvolvidos no âmbito da Sociolingüística na estreita relação destes com a Psicologia Social. Definimos, também, os termos e conceitos teóricos que irão guiar as análises, no capítulo 4, das atitudes lingüísticas manifestadas em depoimentos pelos informantes.

No capítulo 3, por considerarmos importante para uma melhor compreensão do fenômeno estudado neste trabalho, traçamos um breve panorama de como os róticos vêm sendo discutidos no âmbito da Fonologia, desde os estudos de Câmara Jr. (1953) até a proposta de Abaurre e Sandalo (2003). Ainda nesse capítulo, apresentamos uma sucinta caracterização acústica de alguns sons de /r/ e a descrição acústica das variantes encontradas no corpus analisado. Esclarecemos, entretanto, que não foi nosso objetivo realizar uma descrição fonética fina, já que isto implicaria mais tempo para a conclusão da pesquisa e deste trabalho. Com isso, salientamos que nossa intenção foi, apenas, a de inspecionar visualmente o padrão dos formantes dos róticos segmentados, com o intuito de verificar o que os informantes estão pronunciando, ou seja, saber se ocorre a aproximante retroflexa, que caracteriza o dialeto típico do interior paulista, ou se as pronúncias se afastam dessa realização, justificando assim a impressão que se tem, de oitiva, ao falar com aqueles que estão aqui há mais tempo. Reafirmamos, dessa forma, que não se trata de uma descrição fina, capaz de abordar de forma mais precisa os fatos acústicos e articulatórios envolvidos na produção desses segmentos³⁴.

No capítulo 4, analisamos os depoimentos dos informantes procurando identificar e analisar as atitudes manifestadas por estes estudantes. Para tanto, procuramos verificar a estigmatização que recobre a pronúncia do /r/ retroflexo, bem como a avaliação que os informantes

³⁴ Sabemos, contudo, que a realização de uma análise fonética mais acurada seria bastante interessante e, talvez, pudesse esclarecer mais sobre a questão analisada. No entanto, para que tal análise fosse feita,

manifestaram a respeito de outras variedades de fala, como a campineira e a paulistana.

No capítulo 5, enfim, apresentamos as considerações finais do que foi possível observar na análise do *corpus* deste trabalho.

teríamos que dispor de um tempo maior do que aquele que o Mestrado nos oferece. Fica a questão para estudos futuros.

Capítulo 2

Atitudes Lingüísticas

2.1 Estudos de atitudes lingüísticas: algumas reflexões

Os estudos de atitudes lingüísticas originaram no seio da Psicologia Social. Segundo Fraser e Scherer (1982, p. 3), os estudos baseados na perspectiva da Psicologia Social Norte-Americana estavam preocupados em sustentar uma “purificação metodológica” e não privilegiavam o estudo da linguagem até o final da década de 60. Por outro lado, os psicólogos sociais da escola européia demonstravam em seus trabalhos uma preocupação maior no que diz respeito à linguagem, priorizando as investigações empíricas.

A Lingüística, particularmente a Sociolingüística, também tem desenvolvido estudos relacionados a esse tema, uma vez que as pistas para o entendimento de questões relevantes para os estudos da linguagem podem estar assentadas na compreensão de determinadas atitudes lingüísticas manifestadas por um grupo ou por uma comunidade de fala³⁵, por exemplo. Assim sendo, podemos concordar com a opinião de Giles et al. (1982, p.1) quando reconhecem a importância dos estudos de atitudes diante de questões que envolvem a variação da linguagem:

³⁵ Concordando com Alkmim (2001, p. 31) quanto à definição de comunidade de fala: “Uma comunidade de fala se caracteriza não pelo fato de se constituir por pessoas que falam do mesmo modo, mas por indivíduos que se relacionam, por meio de redes comunicativas diversas, e que orientam seu comportamento verbal por um mesmo conjunto de regras”.

In every society the differential power of particular social groups is reflected in language variation and in attitudes toward those variations. Typically, the dominant group promotes its patterns of language use as the model required for social advancement; and use of a lower prestige language, dialect, or accent by minority group members reduces their opportunities for success in the society as a whole.

Dessa forma, de acordo com Giles et al. (1982), os estudos de atitudes lingüísticas, necessariamente, pressupõem o reconhecimento de que numa sociedade dada, e entre sociedades, existem variedades de língua e de estilo coexistindo de forma competitiva e contrastante. Giles et al. (1982) apontam a Sociolingüística como um campo multidisciplinar capaz de examinar a relação entre língua e sociedade a partir de perspectivas políticas, demográficas, econômicas, lingüísticas, entre outras.

As pesquisas em Sociolingüística que recorrem às contribuições da Psicologia Social têm crescido de maneira considerável. Giles et al. (1982) atestam a publicação de um grande número de livros voltados aos estudos da Psicologia Social envolvendo questões de linguagem a partir de 1970. A realização de duas conferências internacionais nessa perspectiva, em 1979 e em 1983, e o estabelecimento do *Journal of Language and Social Psychology*, que se firmou enquanto um fórum coerente direcionado a essa especialidade, foram fundamentais nesse processo.

Com uma proposta diferente daquela desenvolvida pela Psicologia Social para lidar com as atitudes lingüísticas, podemos ressaltar o estudo de Schlieben-Lange (1993) como proposta para o desvendamento de “língua encoberta” desenvolvido na cidade de Bagnols-sur-Cèze, no sul da França com o intuito de verificar se o ocitano ainda era falado nessa cidade. É, principalmente, por esse viés que pretendemos conduzir as análises neste trabalho.

2.2 Um olhar sobre a atitude: inter-relação entre a Psicologia Social e a Sociolingüística

As variações lingüísticas dentro e entre as comunidades de fala podem envolver diferentes línguas ou apenas diferentes estilos de uma determinada língua. Conforme Ryan et al. (1982, p. 7) todos os indivíduos, falando uma ou mais línguas, pertencem a pelo menos uma comunidade de fala, de forma que as variedades de fala e as normas apropriadas a tais usos é que agregam tais indivíduos em uma comunidade. Assim, no âmbito da sociedade, as diferenças advindas de distintos grupos sociais encontram-se refletidas na variação da linguagem e nas atitudes dos indivíduos diante dessas variações.

Considerando que a Psicologia Social pode se ocupar do estudo do indivíduo através da interação face-a face, sendo este influenciado por outros indivíduos, ou ainda por meio da relação entre indivíduos e as sociedades em que estes vivem, seria natural que a preocupação com estudos relacionados à linguagem funcionasse como peça fundamental no desenvolvimento dos trabalhos dessa disciplina. No entanto, a Psicologia Social não estava interessada na linguagem enquanto objeto de estudo, de forma que o texto de Brown (apud Fraser e Scherer, 1982, p. 2), que aparece suscitando essa discussão, é tido como uma exceção em relação aos trabalhos até então realizados.

Dessa forma, na tentativa de entender o porquê de os psicólogos sociais terem ignorado a linguagem nos seus estudos, Fraser e Scherer (1982) lembram que esse déficit não pode ser entendido como consequência de imaturidade da Psicologia Social enquanto campo de pesquisa, uma vez que a preocupação com a língua e com a fala já ocupava um lugar proeminente no seio dessa disciplina desde o seu surgimento. Quanto a isso, os autores acrescentam que Wilhelm Wundt em sua obra *Voelkerpsychologie*

(1900-20), por exemplo, já colocava a linguagem no topo da lista dos fenômenos com os quais a Psicologia Social deveria se ocupar.

Entre os poucos estudiosos da escola Norte-Americana que traçaram caminhos diferentes em suas pesquisas, passando a considerar a linguagem não mais como elemento acessório, mas sim como determinante em suas investigações, podemos destacar o trabalho realizado na década de 60 por Wallace Lambert³⁶ e seus associados: Hodgson, Gardner e Fillenbaun. Lambert (1960) é considerado por muitos como o introdutor dos estudos de atitudes lingüísticas na Psicologia Social.

A técnica³⁷ *matched guise* elaborada por Lambert (1967) é definida por seu próprio criador da seguinte maneira em seu texto de 1967:

Envolve as reações de ouvintes (referidos como juízes) a gravações de um número de falantes perfeitamente bilíngües lendo uma passagem de dois minutos, uma vez em uma das línguas (ex. francês) e, depois, uma tradução equivalente da mesma passagem em sua segunda língua (ex. inglês). Grupos de juízes são levados a ouvir estas séries de gravações e a avaliar as características da personagem de cada falante tanto quanto possível, usando pistas de fala apenas. (Apud Sepé, 2000, p. 371).

A técnica *matched guise* permite, portanto, a manipulação de “dicas” (*cues*) de características lingüísticas e/ou sociais sobre uma determinada

³⁶ Wallace Lambert e seus associados são considerados uma exceção entre os estudiosos da Psicologia Social Norte-Americana. O reconhecimento do trabalho de Lambert é quase uma unanimidade entre os pesquisadores de atitudes lingüísticas, tais como Omdal (1995, p.88) que sustenta que “provavelmente a medida indireta mais conhecida de atitudes lingüísticas é a técnica *matched-guise*, apresentada por Lambert et al. (1960)”. Também Giles et al. (1982: 8) ao discutirem o método indireto de inferir atitudes, mencionam Lambert e seus associados como os introdutores da técnica em questão.

³⁷ Ao estudar o bilingüismo franco-inglês em Montreal na década de 60, Lambert chamava a atenção para a metodologia do “falante disfarçado” ou dos “falsos pares”. Comentando esse trabalho de Lambert (1960), Calvet (2002, p.66) assim resume: “Ele [Lambert] utilizava falantes bilíngües e gravava dois textos de cada um (um em francês, outro em inglês). As gravações eram em seguida apresentadas como vindas de pessoas diferentes a ‘jurados’ que deviam, numa escala de ‘muito pouco’ a ‘muito’ descrever os falantes do ponto de vista da altura, da beleza física, da aptidão para dirigir, do senso de humor, da inteligência, da religiosidade, da confiança em si, da confiabilidade, da jovialidade, da bondade, da ambição, da sociabilidade, do caráter e da simpatia”. Os resultados são apontados como interessantes porque os jurados não avaliavam as vozes, mas sim as línguas. Por esse resultado é que muitos lingüistas valem-se dessa técnica para destacar atitudes ou representações lingüísticas, segundo Calvet (2002).

língua ou dialeto, com o intuito de observar as reações de outras pessoas a respeito dessas características ou variações.

Valendo-se plenamente das inovações técnicas inauguradas por Lambert, Oppenheim (1966) elabora o “Questionnaire Design and Attitude Measurement” com a intenção de ajudar aos sociólogos, pesquisadores de mercado (entrevistadores de opinião pública), psicólogos sociais, antropólogos, médicos, criminologistas e professores em geral que precisam preparar questionários que serão utilizados como roteiro em uma entrevista.

Em seu livro, Oppenheim (1966) afirma que as pesquisas de cunho social, usualmente, coletam dados por meio de questionários, entrevistas, escalas para medição de atitudes e técnicas de projeção. Nos primeiros capítulos descreve como criar e adaptar os questionários e as demais técnicas para que se tornem relevantes aos objetivos de cada pesquisador. Também exemplifica maneiras de lidar com a análise e o processamento dos dados.

Em seguida, ao tratar dos procedimentos preliminares que devem anteceder a confecção das escalas de atitudes, discute questões e conceitos acerca do que seja atitude. Assim, sob a perspectiva da Psicologia Social, Oppenheim (1966, p. 106) esclarece que a maioria das definições aponta para o fato de que uma atitude é um estado de disposição, uma tendência para agir ou reagir de uma certa maneira quando confrontado com certos estímulos. Em suas palavras: *the individual's attitudes are present but dormant most of the time; they become expressed in speech or other behavior only when the object of the attitude is perceived.*

Isso implica que uma pessoa pode manifestar atitudes expressivas, a favor ou contra viajantes estrangeiros, mas essas atitudes podem ser despertadas ou expressas apenas quando surgirem temas relacionados ao assunto, como uma viagem, por exemplo. Dessa forma, o autor afirma que:

Attitudes are reinforced by beliefs (the cognitive component) and often attract strong feelings (the emotional component) that will lead to particular forms of behavior (the action tendency component). (Oppenheim, 1966, p. 106).

Segundo Oppenheim (1966), o uso de um modelo linear imaginado como algo que obedece a um contínuo que se move a partir de um valor positivo, passando por uma posição neutra e seguindo em direção a concepções negativas em torno de um objeto ou questão não é apropriado para representar as atitudes de um indivíduo. Ao contrário, a representação destas está mais próxima de um círculo concêntrico ou de uma formação tridimensional.

Para o referido autor, algumas atitudes apresentam graus de intensidade variáveis e algumas podem ser mais resistentes que outras. Assim, a crença política deve ser mais estável durante a vida de um certo indivíduo enquanto que sua atitude perante jogos de azar, por exemplo, pode sofrer múltiplas variações. Dessa forma, certas atitudes estão mais arraigadas, envolvendo uma filosofia de vida, enquanto outras são relativamente superficiais e estão mais sujeitas a mudanças. Da mesma forma, algumas atitudes envolvem questões mais embaraçosas que outras e assim predispoem o indivíduo, de uma certa maneira, em direção a novas atitudes e experiências que podem surgir a partir desse confronto.

Os conceitos da Psicologia Social utilizados por Oppenheim (1966), permitem fazer uma distinção entre diferentes níveis, dentre os quais as crenças ocupariam uma posição mais superficial, seguida pelas atitudes, enquanto os valores ocupariam um nível mais aprofundado e a personalidade estaria em uma posição ainda mais profunda, mais arraigada. Essa vaga distinção feita entre esses níveis deve ser pensada em termos de mais ou menos resistentes, mais superficiais versus menos superficiais, relativamente estáveis versus relativamente variáveis e mais gerais ou mais específicas. Também se deve levar em consideração a inter-relação e os

padrões de conexão existentes entre esses níveis. A propósito das inconstantes opiniões que podem ocorrer envolvendo atitudes, Oppenheim (1966) salienta que não deve ser tão difícil convencer um homem com uma forte aversão a mexicanos, por exemplo, que sua visão é errada ao crer que estes apresentam uma alta taxa de crimes, mas a atitude anti-mexicanos que se encontra subjacente permanece inalterada e ele logo irá encontrar alguma outra crença com a qual possa sustentar sua hostilidade frente aos mexicanos.

Oppenheim (1966)³⁸ assinala a importância de se perceber que as atitudes muito raramente são o produto de uma conclusão pensada, balanceada, depois de uma análise cuidadosa de evidências. Antes, as atitudes são adquiridas e modificadas pela absorção, ou pela reação, de atitudes de outras pessoas.

A preocupação em “medir” as atitudes através de escalas de atitudes não nos interessa neste trabalho. No entanto, é interessante pensar a atitude lingüística, ou seja, a atitude do um indivíduo diante de determinados aspectos lingüísticos, a partir da maneira como esta é entendida pela Psicologia Social, embora não seja essa a abordagem privilegiada nas análises seguintes, realizadas no capítulo 4, como veremos. Da maneira como é concebida por Oppenheim (1966), podemos perceber que a atitude ao se realizar, ao ser concretizada, evidencia julgamentos que agregam convicções e uma postura diante daquilo que se observa. A atitude, portanto, é o resultado da avaliação feita pelo indivíduo, é a manifestação deste frente a uma determinada questão.

Paralelo ao trabalho de Oppenheim (1966), Lambert (1960), no início da década de 60, inaugurava uma nova maneira de lidar com os dados relacionados aos estudos de atitudes. Fraser e Scherer (1982, p. 3)

³⁸A proposta de trabalho descrita por Oppenheim (1966) e a maneira como trata de questões tão delicadas como estas revela um certo cuidado da sua parte e funciona como um referencial para aqueles que pretendem se ocupar de tais questões. No entanto, a proposta para elaboração dos questionários que guiam esta pesquisa encontra-se no capítulo 1 deste trabalho.

argumentam que, apesar da contribuição bastante significativa do trabalho de Lambert (1960), o maior destaque dado à linguagem advém do enfoque da Psicologia Social desenvolvida na Europa, que considerava ser impossível ignorar o fenômeno da variação lingüística sem levar em consideração questões como atitudes, principalmente no que se refere a sociedades bi ou multilingües, ou ainda multi-dialetais – podendo incluir, neste último caso, sociedades calcadas numa divisão de classes, marcadas pelas especificidades lingüísticas de cada segmento social.

O fato é que, desde a década de 70, as atitudes lingüísticas ocuparam a pauta das pesquisas desenvolvidas não apenas por psicólogos sociais, mas também por lingüistas, especialmente no campo da Sociolingüística. Nessa área de saber, argumenta-se que a variação da linguagem não deve ser completamente explicada considerando-se apenas fatores sociais e situacionais; é preciso, também, que se considerem as normas, valores e padrões de prestígio em uma comunidade lingüística, como defende Omdal (1995, p. 85).

Labov (1972), no clássico estudo de Martha's Vineyard, trata da variação fonética existente entre a pronúncia do ditongo /ay/, em palavras como *right*, *wine*, e do ditongo /aw/ em palavras como *house*, *out*, tomando como ponto de partida o entendimento da vida social dessa ilha. O estudo revelou, então, que há uma distribuição social dos ditongos, de forma que os que desejam ficar na ilha adotam uma pronúncia mais centralizada, conservadora e não prestigiosa, típica dos viniardenses, diferente da pronúncia adotada por aqueles que querem partir. Para interpretar a centralização dos referidos fonemas, propõe, dentre outros fatores, que sejam consideradas questões relacionadas, principalmente, às aspirações sociais e às atitudes subjetivas que os moradores manifestaram diante da vida na ilha, da falta de trabalho e diante dos veranistas. Segundo Labov (1972), em Martha's Vineyard não foi feito uso da técnica *matched guise*

por não ter sido possível encontrar o número suficiente de nativos anônimos em uma comunidade tão pequena para que se procedesse a gravações.

Em seu estudo sobre a estratificação do inglês na cidade de Nova Iorque, Labov (1972) mostra que as variantes lingüísticas são determinadas por um padrão de normas sociais e estilísticas. Dentre as variáveis analisadas, dedicou-se a avaliar as reações subjetivas dos falantes focalizando a pronúncia ou o apagamento do /r/ final e pré-consonantal (*car*, *card*, etc.). Nesse estudo, utilizou testes de reação subjetiva – uma variação da técnica *matched-guise* – em que era solicitado ao informante para que colocasse em ordem de valor um número determinado de amostras de discursos de outros nova-iorquinos, segundo uma escala profissional³⁹; e teste de auto-avaliação, em que era pedido ao informante que escolhesse uma entre várias pronúncias assim como a forma que ele realmente empregava com maior frequência.

O estudo que tomou como variável o /r/ final e pré-consonantal indicou que as reações subjetivas dos falantes são mais uniformes que o desempenho. Dessa forma, todas os grupos sociais concordavam que a pronúncia de um /r/ constrictivo em palavras como *car*, por exemplo, era apropriada para contextos mais formais. No entanto, a grande maioria dos nova-iorquinos não pronunciava o /r/, de forma que apenas os falantes de alta classe média mostravam algum grau de pronúncia de /r/ na fala casual. Resultados como esse mostram, segundo Labov (1964, p.59), que *quando um novo padrão de prestígio entra na linguagem, ele é aceito ao nível de reação subjetiva inconsciente antes que alcance uniformidade no uso real*.

O autor, ao considerar a proposta de Lambert (1960) e a dificuldade em lidar com questões tão subjetivas como as atitudes dos falantes, comenta:

³⁹ A escala profissional continha as seguintes ocupações: artista de televisão, secretária executiva, recepcionista, telefonista, vendedora, operário e a alternativa nenhuma dessas opções.

The essential principle which emerges from Lambert's work is that there exist a uniform set of attitudes towards language which are shared by almost all members of the speech community, whether they use a stigmatized or a prestige form of that language. These attitudes do not emerge in a systematic form if the subject is questioned directly about the same speaker using two different forms of language, and does not realize that it is the same speaker, his subjective evaluations of language will emerge as the differences in the two ratings. (Labov, 1972, p. 146).

2.3 Um outro olhar sobre a atitude: as pesquisas acerca de atitudes lingüísticas no Brasil

As diversas características da linguagem são, freqüentemente, alvo de um certo tipo de discurso lingüístico⁴⁰, quase sempre permeado por situações contraditórias, mas que podem dizer muito sobre a diversidade lingüística, bem como sobre o predomínio de uma determinada variedade sobre a outra. Considerando essa realidade, alguns estudiosos têm desenvolvido pesquisas no âmbito da Sociolingüística, procurando entender e descrever a variação para além do que é dado lingüisticamente.

Um dos primeiros estudos envolvendo atitudes lingüísticas no Brasil, de que se tem notícia, é o de Alves (1979), trabalho esse em que se verificou as tendências nas atitudes que nordestinos, estando em São Paulo, manifestaram com relação às variedades lingüísticas nativas e paulistas. Os informantes foram entrevistados através de questionários e submetidos à audição de amostras de falares regionais paulistas e de nordestinos – pernambucanos e baianos.

As hipóteses que nortearam a pesquisa de Alves (1979) eram a de que as atitudes lingüísticas mais positivas quanto às variedades lingüísticas paulistas estariam relacionadas a um grupo pertencente a um nível sócio-

⁴⁰ Quero me referir ao “discurso público sobre a língua” a que Schlieben-Lange (1993) faz menção.

econômico-cultural baixo⁴¹, denominado (B) enquanto as atitudes lingüísticas mais positivas, relativas às variedades lingüísticas nativas dos informantes, estariam relacionadas a um outro grupo pertencente a um nível sócio-econômico-cultural alto, designado (A). Procurou-se também verificar, a título de hipótese, se o grupo pertencente ao nível (B), diferentemente do grupo pertencente ao nível (A), por estar preocupado em ocultar a sua origem regional, tentaria uma “camuflagem lingüística”, procurando, então, assumir as variedades lingüísticas de São Paulo.

O resultado da pesquisa apontou para uma acentuada tendência dos falantes pertencentes ao grupo apontado como nível (A) em prestigiar as variedades lingüísticas regionais nordestinas em questão, diferentemente dos falantes circunscritos ao grupo pertencente ao nível (B) que estigmatizavam o seu dialeto em favor do falar de São Paulo, atitude atribuída pela autora às perspectivas otimistas com que os falantes de nível (B) encaram a cidade de São Paulo.

O trabalho de Alves (1979) contribui para a descrição de uma realidade lingüística que pode ser vista e entendida no Brasil, ainda hoje, impulsionada pelo fluxo migratório interno que, dentre outras tantas questões, contribui também para a diversidade lingüística. Assim, a autora preocupou-se em registrar e compreender, principalmente nos assuntos que envolvem a linguagem, como reagem os indivíduos pertencentes aos “dois mundos”⁴² envolvidos nessa questão.

Além do trabalho de Alves (1979), outros tantos estudos foram desenvolvidos enfocando questões de atitudes lingüísticas no Brasil. Não há a intenção aqui de fazer uma apresentação exaustiva dos estudos brasileiros

⁴¹ A seleção entre informantes que fariam parte do nível (A) e aqueles que figurariam entre o nível (B) foi feita da seguinte forma: os de nível (B) eram aqueles recém-chegados em São Paulo, desprovidos de recursos econômicos ou financeiros e que necessitavam de auxílio e orientação. Estes estavam cadastrados junto à CETREN – Centro de Triagem e Encaminhamento, um órgão da Secretaria da Promoção Social (SPS). Por outro lado, os classificados como de nível (A) eram aqueles que tinham vindo para São Paulo para ocupar postos-chave (essa é a definição da autora), bem como para participar de congressos ou de cursos.

⁴² Expressão utilizada pela autora que procura marcar as diferenças culturais, lingüísticas e de costumes entre São Paulo e o Nordeste.

relacionados a esse tema. No entanto, vale ressaltar os trabalhos de da Hora (1994) e Barbosa (2002).

O estudo desenvolvido por da Hora (1994) tem como objetivo verificar as atitudes de falantes naturais de João Pessoa (PB) frente à sua fala e à de pessoas de outros estados a partir de medidas avaliativas. Esses falantes estavam organizados da seguinte forma: 26 nascidos e tendo sempre morado em João Pessoa, distribuídos por anos de escolarização (nove a onze anos – sete informantes; mais de onze anos – dezenove informantes) e sexo (treze do masculino e treze do sexo feminino); 27 informantes do VALPB (Projeto Variação Lingüística da Paraíba), distribuídos conforme anos de escolarização, sexo e faixa etária⁴³.

Os dados da supra-citada pesquisa foram coletados a partir de duas técnicas diretas (questões orais em que o informante era convidado a falar sobre a sua fala em relação à de outros pessoenses, se ele gostaria de mudar sua forma de falar, dentre outras; e questões escritas, por meio das quais era perguntado aos informantes como eles achavam que falavam – bem, mal...) e uma técnica indireta, uma variação do *matched-guise*, em que eram apresentados quatro textos gravados pelo mesmo falante realizando dois tipos de concordância nominal (padrão x não padrão) e dois tipos de uso das oclusivas dentais /t/ e /d/ (palatalizadas e não palatalizadas). Cabia aos informantes fazer predições sobre o falante da gravação.

Como resultado, a análise referente às questões diretas mostrou que os pessoenses têm consciência de que a forma como falam é semelhante à de outros membros de sua comunidade. Os informantes também reconheceram as diferenças regionais, na medida em que tomam como referência marcante os sotaques dos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, avaliando-os positivamente. Ressalta, também, que a maior parte dos informantes demonstrou lealdade lingüística, já que, apesar de não avaliar de maneira muito positiva o seu falar, não quer mudá-lo.

⁴³ Não há especificação no trabalho quanto à faixa etária.

Quanto aos resultados obtidos mediante a aplicação das questões indiretas, o autor observou que os falantes têm consciência do aspecto gramatical da concordância nominal, valorizando sua realização de acordo com a norma culta. Observou também que houve rejeição à não ocorrência da palatalização das oclusivas dentais, o que, segundo os informantes, era traço de um sotaque forte e feio. Nesse caso, os pessoenses se auto-avaliaram negativamente, uma vez que possuem esse traço em sua fala.

No nosso estudo, não empregamos medidas avaliativas indiretas como fez da Hora (1994). Ainda assim é interessante observar através do resultado do seu trabalho o quanto a pronúncia particular de cada região é passível de julgamentos avaliativos e mesmo estereotipados por parte dos falantes. No entanto, diferentemente da lealdade lingüística manifestada pelos pessoenses, suspeitamos que os informantes da nossa pesquisa estejam alterando a pronúncia do /r/ retroflexo, típica do dialeto do interior paulista.

A pesquisa desenvolvida por Barbosa (2002), por sua vez, procurou investigar as atitudes lingüísticas de brasilienses frente à diversidade de sotaques que estão presentes em Brasília desde sua constituição e frente ao processo de formação de um falar próprio das pessoas nascidas na capital. Esses falantes parecem definir, segundo a autora, padrões lingüísticos diversos dos de seus pais e assim estariam constituindo uma pronúncia particular e nova. Essa mudança estaria sendo seguida por um discurso corrente na cidade de que os brasilienses sustentam uma fala neutra, sem sotaque, não se assemelhando a nenhum sotaque focalizado como o gaúcho, o carioca, etc. Esse discurso já havia sido detectado em estudos anteriores realizados junto à comunidade de Brasília.

Para averiguar essa hipótese, Barbosa (2002) realizou entrevistas com doze brasilienses residentes em áreas diversas do Distrito Federal (Plano Piloto, Taguatinga, Ceilândia e Gama) no intuito de verificar as atitudes explícitas que os brasilienses têm construído a respeito de suas falas, de

seus sotaques, procurando entender como percebem e manifestam-se em relação a si mesmo e aos outros.

O resultado da pesquisa de Barbosa (2002) mostra que os informantes entrevistados reconhecem que há uma fala regional particular aos brasilienses, bem como definem essa fala como um não-sotaque, uma fala sem traços característicos, comprovando, assim, a hipótese inicial da pesquisa. Dessa forma, segundo interpretação da autora, os brasilienses ratificam a imagem externa que se quer para o Distrito Federal, a idéia de ser moderno e diferente que moveu a própria construção da capital do Brasil.

2.4 Termos e conceitos teóricos adotados neste trabalho

Ao considerar a língua em interação social, provavelmente, iremos deparar com uma complexidade de questões que podem nos conduzir a caminhos diversos no intuito de descrever, de tentar entender a efervescência que subjaz a cada questão que se apresenta. No exercício de tentar compreender as “opções” feitas pelos indivíduos entrevistados no que se refere à alteração do /r/ em posição de *coda*, fez-se necessário pensar em conceitos como *atitudes*, *saber lingüístico*, *discurso público sobre a língua* e *estereótipos*.

Para Smith (1973, p.110), ao se dedicar a investigações relativas a atitudes lingüísticas, a Sociolingüística alarga e torna complexo o trabalho sobre seu objeto de estudo – a diversidade lingüística – no momento em que passa a considerar que o que dá sustentação àquela diversidade são relações de poder e força estabelecidas de forma assimétrica entre os diferentes grupos sociais, já que cada um deles dispõe de graus de poder diferenciados, não só pelas posições que ocupam na estratificação social, mas também pela linguagem que utilizam.

Em se tratando de atitudes lingüísticas, podemos dizer, baseados em diversos estudos sobre o tema, que essa questão tem sido recorrente em trabalhos recentes da Sociolingüística. Os lingüistas que têm se debruçado sobre questões que envolvem atitudes lingüísticas, como esclarece Omdal (1995, p. 86), concordam que estas são extremamente difíceis de serem avaliadas bem como de serem comparadas umas com as outras. Sendo assim, ressalta:

Moreover, the attitudes dealt with in language studies (and especially in social psychological studies) are often results of hypothetical questions, and there is probably no way to establish whether the answers that are given reflect a real-life situation, or whether the answers are due to “overt” or “covert” prestige. (Omdal, 1995, p. 86⁴⁴).

Os problemas que recobrem a situação esboçada acima existem, mas não são suficientes para que as pesquisas envolvendo atitudes lingüísticas não ocorram.

As atitudes lingüísticas manifestadas pelos informantes desta pesquisa são analisadas a partir da proposta de Schlieben-Lange (1993), principalmente. Para a autora, é preciso observar que duas coisas distintas estão em jogo em relação a atitudes: (i) um saber sobre a língua – um saber que, na maioria das vezes, permanece implícito, que raras vezes se torna explícito e que afeta tanto as unidades de uma determinada língua como também as suas possibilidades de uso e (ii) um discurso público sobre língua – relativo às línguas e à fala – que, ao longo de amplos períodos,

⁴⁴ Quando os falantes usam determinadas variedades de língua conscientes de seu prestígio na sociedade tem-se prestígio aberto. Por outro lado, quando o uso se dá de forma inconsciente, ocorre prestígio encoberto. Os mentores da noção de prestígio na Sociolingüística, segundo Fernádes (1990), são Charles Ferguson (em “Diglossia”, 1959), William Labov (em “Language in the Inner City”, 1972) e Peter Trudgill (em “Sex, Covert Prestige and Linguistic Change in the Urban British English of Norwich”). Contudo, afirma que apenas Trudgill desenvolveu a noção de prestígio encoberto. Quanto a essa noção, esclarece Fernádez. (1990, p. 186): “El prestigio encubierto puede definirse como el conjunto de valores ocultos que se asocian a usos lingüísticos que no se ajustan a la norma, o que pertenecen a una variedad no estándar, como prefriere decirse en la sociolingüística anglosajona”.

pode ser transmitido, embora esteja superado pela prática e experiência lingüística. Apesar de ter ressaltado duas questões distintas a serem observadas, explica que nas enunciações há a penetração de elementos dos dois âmbitos acima esboçados.

Os estereótipos são entendidos pela referida autora como sendo os argumentos desse discurso público, ou dos vários discursos públicos que concorrem entre si, argumentos estes facilmente disponíveis e incorporáveis. Vale ressaltar que este é um termo recorrente e imprescindível na abordagem a respeito de atitudes lingüísticas.

Labov (1972) propõe uma classificação para os elementos envolvidos na mudança lingüística de acordo com o tipo de avaliação social que recebem. Assim, os *indicadores* são os traços lingüísticos que mostram a variação social (idade, grupo social), mas geralmente não a variação lingüística, que tem pouco efeito sobre o julgamento do ouvinte quanto ao *status* social do falante. Os *marcadores* são os traços que mostram tanto variação social quanto estilística e têm efeitos consistentes sobre o julgamento consciente ou inconsciente do ouvinte e podem ser elicitados por testes de reação subjetiva. Por outro lado, os *estereótipos* são formas socialmente marcadas que podem ou não corresponder ao comportamento lingüístico real. A propósito dos estereótipos, afirma:

A social stereotype is a social fact, part of the general knowledge of adult members of the society; this is true even if the stereotype does not conform to any set of objective facts. Stereotypes are referred to and talked about by members of the speech community; they may have a general label, and a characteristic phrase which serves equally well to identify them. (Labov, 1972, p. 314).

Podemos entender os estereótipos, portanto, como uma forma socialmente marcada compartilhada socialmente que descreve uma atitude diante de um objeto, rotulando-o, de maneira simplificada e não

diferenciada, ou seja, uma opinião pública da sociedade em geral que contrasta com a opinião de cada indivíduo.

A propósito dos estereótipos, Smith (1973), afirma que não há falta de evidência em relação ao fato de que, enquanto membros de uma comunidade lingüística particular, temos idéias estereotipadas sobre voz, entonação, sinais paralingüísticos, aspectos fonológicos, léxico e estilo – todos permeados por uma conotação avaliativa.

Ao investigar os julgamentos feitos pelos falantes das três principais línguas – Inglês, *Afrikaans* e *Xhosa* – do extremo leste da África do Sul a partir da pronúncia utilizada pelos falantes, Klerk e Bosch (1995), relembram o quanto é pertinente e recorrente a relação entre poder, estereótipo e linguagem, pois a raça e as diferenças lingüísticas desses falantes e sua conseqüente valorização ou desvalorização estão relacionadas à desigual distribuição de poder nos últimos 200 anos no referido país. A respeito dessa realidade, que se repete em outras sociedades, os autores afirmam:

There is a relationship between power, stereotypes, and language, and linguistic differences that arise in any community can generally be attributed to factors such as social status, solidarity, the forces of socialization, and identification and modeling – all of which are directly influenced by stereotyped beliefs within the society. (Klerk e Bosch, 1995, p. 19).

Por esse viés não é de espantar que julgamentos estereotipados acerca da fala, ou mesmo de aspectos fonológicos, sejam veiculados de maneira a evidenciar uma grande carga de juízos de valor. Quanto a isso, vale citar o depoimento de um dos informantes a respeito das diferenças existentes entre os tipos de fala típicos do interior paulista e da capital, do paulistano.

(1)

F. H. (M – 23 anos): em relação a esses dois” olha (+) na na (+) na sociedade que a gente vive eu acho que acaba valendo mesmo um pouco o o / a questão do paulistano (+) é tinha um amigo até que BRINCAVA (+) meio na brincadeira mas não deixava de ser que (+) quem tem sotaque é os outros’ né” NÓS TEMOS O MAIOR PIB DO PAÍS’ então (+) é (+) era uma brincadeira horrível mas (+) é (+) querendo ou não toda brincadeira tem um fundo de verdade’ né”.

A partir do depoimento do informante fica clara a relação estabelecida entre o poder econômico que a capital, São Paulo, detém frente a todo o país e a transposição dessa representatividade às questões de linguagem. Neste caso, o *status* conferido à pronúncia do paulistano – pronúncia esta considerada como exemplo para os demais falantes por ser “não marcada” – está estreitamente relacionado a questões econômicas, políticas e sociais, enfim, à representatividade da capital paulista no cenário brasileiro.

Como assinala Schlieben-Lange (1993, p. 94), as línguas são objeto de discursos quotidianos que podem ser tanto descritivos quanto avaliativos. Ainda conforme a autora, *esses discursos e sua fossilização em clichês e estereótipos parecem ser importantes para a prática lingüística e não podem ser subestimados como ponto de partida para intervenções político-lingüísticas.*

Considerando-se o dialeto paulista, é corrente o discurso que envolve a caracterização e negação do chamado dialeto caipira. Antes mesmo de analisar a avaliação manifestada pelos entrevistados podemos citar, como exemplo, uma propaganda veiculada pela televisão, em um horário de grande audiência, pela empresa Talentos Brilhantes⁴⁵ em que modelos da empresa distribuem sorrisos e elegância ao convidar jovens de todo o interior paulista interessados em fazer parte do *casting* de tal empresa.

⁴⁵ Essa propaganda foi gravada em 12/03/2003 e estava sendo veiculada no canal da Rede Globo de Televisão nos intervalos do programa *Mais Você*, que é exibido todas as manhãs entre 8h. e 9h. Trata-se de um programa de grande audiência direcionado ao público feminino, particularmente às donas-de-casa.

Durante a chamada, não esquecem de avisar que aquele “probleminha”, o /r/ retroflexo que provavelmente faz parte do dialeto desses modelos, será resolvido mediante um “toque”, talvez como um toque de mágica. Assim, dois interlocutores, uma moça (M) e um rapaz (R), anunciam:

M: Fazer T.V. pra mim sempre foi um sonho

R: Tudo muito difícil (+) viu’

*M: Imagina eu (+) morando no interior (+) falando [$\cup\pi\Box\textcircled{\tau}\Box$]
(+) [$\varpi\epsilon\textcircled{\cup}\mu\epsilon\times Y$]*

M: Mas aí a Talentos me deu um toque e as coisas ficaram mais fáceis

R: De repente eu estava assinando um contrato incrível

M: Agora eu tô aqui (+) pronta pra vôos mais altos

M: E se você quer ser cantor (+) ator (+) bailarino (+) ou...

R: Apresentar um PROGRAMA DE T.V.

M: E se você quer participar das produções ainda deste ano (+) não perca tempo (+) LIGUE AGORA PARA TALENTOS BRILHANTES.

Podemos observar que o discurso que os interlocutores da propaganda mobilizam condiz com o discurso público instaurado acerca do desprestígio do dialeto caipira. A propaganda veiculada pela televisão legitima o desprestígio do /r/ retroflexo na sociedade paulista.

Para Schlieben-Lange (1993), quando um membro de uma comunidade de fala, por qualquer razão, manifesta-se sobre sua língua ou sobre as línguas ou formas lingüísticas que concorrem no seu mundo cotidiano, é possível observar em suas enunciações a penetração de elementos dos dois âmbitos acima esboçados – um saber sobre a língua e um discurso público sobre a língua. Assim, afirma:

(...) de um lado, esse falante explicita seu saber, que se baseia na sua prática e nas suas experiências, ao mesmo tempo que é fundador deles; de outro lado, ele repete elementos do discurso público (ou

inclusive de outros com ele concorrentes), discurso, aliás, que tem existência autônoma. (Schlieben-Lange, 1993, p. 95).

As concepções sobre atitudes lingüísticas e estereótipos desenvolvidas por Schlieben-Lange (1993) e esboçadas acima nortearão a análise dos depoimentos dos informantes no capítulo 4 deste trabalho.

Trataremos, no capítulo 3 a seguir, do status fonológico da vibrante e da caracterização e descrição acústica dos dados.

Capítulo 3

Status Fonológico da Vibrante

Caracterização e Descrição Acústica dos Dados

3.1 Considerações gerais

O estudo dos róticos suscita muitas discussões, seja no âmbito da Sociolinguística, da Fonética ou da Fonologia. Os estudos sociolinguísticos mostram que os róticos exibem um alto grau de polimorfismo, prestando-se exemplarmente a estratificações sociais e regionais, por exemplo. Já as descrições fonéticas salientam a grande variabilidade dessa classe de sons, tornando difícil a tarefa de agrupá-los sob um mesmo conjunto de características. No que se refere aos estudos fonológicos, não há um consenso em precisar quantos são os fonemas róticos. A respeito dessas duas últimas questões, dedicaremos algumas considerações a seguir.

3.2 Status fonológico da vibrante

O Alfabeto Fonético Internacional (IPA) traz uma ampla seleção de símbolos relacionados aos sons do /r/. Fonologicamente, os róticos tendem a se comportar de maneira bastante similar, ocupando um lugar privilegiado

na estrutura silábica de diferentes línguas⁴⁶. Devido a esse privilégio é permitido a estes ocuparem, em um grupo silábico, a posição de segundo membro em um *onset*, ou mesmo figurar como o primeiro membro em posição de *coda*.

Ladefoged e Maddieson (1996) afirmam que mais importante do que as evidências de que os róticos pertencem a uma classe, pelo menos segundo um ponto de vista fonológico, é perceber que os tipos de róticos alternam-se. Como exemplo, cita variações que ocorrem em línguas como Farsi (língua persa), Fula (falada na África) e Palauan (falada em Palau, Indonésia). Em Farsi, /r/, o qual funciona como uma vibrante⁴⁷ em posição inicial, apresenta um *tap* como alofone em posição intervocálica e uma variante de vibrante desvozeada em posição final de palavra. Em Fula, a vibrante é realizada como uma aproximante alveolar [♦] antes de consoante e como vibrante nos demais ambientes. Já em Palauan, /r/ é, geralmente, um *tap* em ambientes intervocálicos e pósvoicálicos, mas uma aproximante em posição inicial. Dessa forma, do ponto de vista fonético, os róticos formam um grupo heterogêneo, exibindo uma ampla variedade quanto ao modo e ponto de articulação. Assim, há róticos que são fricativos, vibrantes, *taps* e aproximantes⁴⁸.

A propósito dos sons do *r-forte* (vibrante) no Português do Brasil (PB), Monaretto et al. (2001, p.205)⁴⁹, apontam que podem ser tanto uma vibrante propriamente dita, quanto uma fricativa ou aspirada. Logo em seguida, comenta:

⁴⁶ Segundo Ladefoged e Maddieson (1996), os róticos podem ser encontrados em muitas línguas do mundo. Cerca de 75 por cento de todas as línguas apresentam alguma forma do fonema /r/.

⁴⁷ Aqui, o que estou chamando de vibrante o autor denomina *trill*.

⁴⁸ Para uma definição de aproximantes ver tópico 3.3 deste capítulo.

⁴⁹ Monaretto, V. N. O, Quednau, L. R. e Hora, D. As Consoantes do Português. In.: Bisol, L (1996).

Há, também, sons de r que podem ocorrer com uma só batida da língua junto aos alvéolos chamados de tap ou de vibrante simples, branda ou fraca, encontrados em grupo consonantal (cravo) e entre vogais (maré). Há outros sons de r, em que se encurva a ponta da língua em direção à região palato-alveolar ou palatal, os retroflexos, encontrados no dialeto caipira (característico da região norte de São Paulo e sul de Minas Gerais).

Alguns estudos fonéticos, fonológicos e sociolingüísticos que se voltam para essa questão exibem um interessante quadro no que se refere à variação dos róticos em diversas línguas. Em se tratando das línguas ibéricas, se, por um lado, há uma certa facilidade em perceber e registrar tais variedades, por outro, não há um consenso em precisar quantos são os fonemas róticos em posição intervocálica, ou seja, trata-se de um ou dois fonemas?

Nessa posição de contraste há uma oposição fonológica entre /r/ e /P/ que pode ser verificada em Português (e[r]a : e[P]a) e Espanhol (pe[r]o : pe[P]o), por exemplo. Para explicar essa oposição, há na literatura duas alternativas: (i) considerar que existem dois fonemas, o *erre* forte (doravante vibrante) e o *erre* fraco (doravante *tap*); (ii) considerar que há apenas um fonema, que, para alguns estudiosos é a vibrante e, para outros é o *tap*. Teóricos como Câmara Jr. (1953, 1977), Bonet e Mascaró (1996), Harris (2002) e Abaurre e Sandalo (2003) tratam dessa questão. Essas propostas serão abordadas em seguida na tentativa de melhor entendermos essa controvérsia a respeito dos róticos que pode ser verificada nas línguas ibéricas.

3.2.1 Interpretação fonológica baseada em dois fonemas róticos distintos: /r/ e /P/

Bonet e Mascaró (1996) entendem que há dois fonemas róticos distintos⁵⁰, /r/ e /P/. Registram que em Catalão, Espanhol e Português há um contraste em posição intervocálica entre vibrante e *tap* e que nos demais ambientes a distribuição destes fonemas é totalmente previsível, de forma que estariam dispostos da seguinte maneira: em posição de *onset* depois de consoante e em início de palavra ocorreria a vibrante; o *tap* apareceria na segunda posição de um *onset*, enquanto em posição de *coda*, não intervocálica, os róticos variariam em função do dialeto, da fala, da velocidade em que são pronunciados e dos demais fatores capazes de alterar a posição final de uma sílaba⁵¹.

Para Bonet e Mascaró (1996), a distribuição dos róticos nas línguas ibéricas pode ser explicada por meio de uma escala de sonoridade⁵², em que a vibrante (trill) se coloca na mesma posição que as fricativas, enquanto o *tap* (flap) aparece ao lado dos glides, conforme a seguinte ilustração:

0	1	2	3	4	5
Stops – trill, fricatives – nasals – laterals – flap, glides - vowels					

Segundo os autores, esse princípio favorece a distribuição de *taps*⁵³ e vibrantes e promove como resultado: (i) a vibrante em posição inicial de sílaba, uma vez que, comparada com o *tap*, irá causar uma subida brusca de

⁵⁰ Para os autores, a vibrante /r/ é o segmento não-marcado, sendo o *tap* /P/ o marcado.

⁵¹ Exemplos relacionados a tais posições podem ser encontrados em Bonet e Mascaró (1996).

⁵² Bonet e Mascaró (1996) seguem a proposta de Clements (1988) o qual argumenta que a silabificação é baseada no Ciclo de Sonoridade. Esse Ciclo indica que a sílaba preferida tem um crescimento máximo de soância a partir do primeiro elemento de um *onset* para o núcleo e decresce minimamente do núcleo em direção ao último elemento da *coda*.

⁵³ O termo *flap*, a que os autores se referem, será traduzido por *tap*. Também não farei distinção entre *tap*, vibrante simples ou *r-fraco*.

sonoridade; (ii) apenas o *tap* ocupa a segunda posição do *onset*, pois a vibrante violaria a distância mínima permitida pela escala de sonoridade; (iii) o *tap* em posição de *coda*, visto que assim é possível obter uma queda gradual de sonoridade, se comparado com a vibrante.

No que se refere à oposição entre vibrante e *tap* em posição intervocálica, ressaltam que ocorre em tal posição algo não esperado. O *tap* encontra-se em posição de *onset* ($[\cup\mu\text{ɪ}P\leftrightarrow]$, $[\cup\mu\text{ɪ}p\leftrightarrow]$), realização não prevista pelos princípios do Ciclo de Sonoridade, uma vez que era esperado uma vibrante nesta posição.

A proposta de Bonet e Mascaró (1996) conduz a resultados como o seguinte: VC.[r]V (hon.[r]a) e V.[P]V (pe.[P]o) são construções consideradas possíveis, bem formadas, enquanto VC[P]V (*hon.[P]a), não. No entanto, uma construção como se[r] considerada como bem formada pelos falantes do Espanhol é prevista como mal formada, uma vez que nessa posição é preferível que haja uma queda gradual de sonoridade e, o que pode ser verificado a partir do último exemplo (se[r]) é justamente o contrário, ou seja, uma queda brusca de sonoridade. Esse é, portanto, um dos pontos questionáveis dessa teoria, segundo Harris (2002).

3.2.2 Interpretação fonológica baseada em um fonema rótico: /P/

Contrapondo-se à proposta de que na forma subjacente há dois fonemas róticos, Harris (2002), ao analisar a vibrante no Espanhol,

argumenta que há um único fonema *r*, o *tap*, /P/⁵⁴, e que a vibrante seria o epifenômeno⁵⁵ de uma seqüência de dois *taps* adjacentes, um em *coda* silábica e o outro em *onset*.

A estrutura silábica do Espanhol⁵⁶ permite que apenas o *tap* [P] (/R/) ocorra em posição de *coda*. Assim: (i) [P] e [r] não contrastam nessa posição, uma vez que só [P] ocorre e, portanto, (ii) apenas [P] pode formar uma *coda* complexa. Quanto à silabificação, ambos – [P] /R/ e [r] /RR/ – podem ser silabificados em posição intervocálica: [P] como sílaba inicial (*pe./R/o* ; *pe. [P]o*) e /RR/ enquanto heterossilábica VR. RV (*pe./R/. /R/o* ; *pe. [r]o*). Disso resulta que [P] e [r] não contrastam em posição de *onset*, pois a ocorrência de uma obstruinte + /RR/ – considerando-se que /RR/ origina [r] – não podem resultar em uma estrutura bem formada, e somente [P] pode se juntar a uma obstruinte em um *onset* complexo (ou seja, obstruinte + /R/).

Harris (2002)⁵⁷ reforça os argumentos de sua proposta apresentando resultados de análises adicionais. Assim observou no Espanhol a frequência lexical, as formas verbais nos tempos futuro e condicional, a estrutura morfológica, casos do uso de /s/ como hipercorreção e jogos baseados em transposição de palavras.

Ao realizar um jogo com as palavras, por exemplo, para verificar a transposição de sílabas de uma palavra com o intuito de elaborar outra que fosse aceitável, Harris (2002) procurava ilustrar o poder de predição de sua

⁵⁴ Harris (2002) representa esse segmento como /R/. Para o autor, /R/ é apenas uma forma simbólica, assumida por muitos estudiosos, uma vez que os traços que distinguem [P] e [r] na representação fonética não são especificados.

⁵⁵ Na literatura gerativa, epifenômeno refere-se a um fato que pode ser interpretado como reflexo de um fenômeno subjacente. (*Apud.* Abaurre e Sandalo, 2003)

⁵⁶ Segundo Harris(2002) a restrição geral de silabificação do Espanhol é a seguinte: em posição de *onset*: se dois segmentos = obstruinte + líquida; em posição de *coda*: se dois segmentos = glide ou consoante + /s/.

⁵⁷ Assim como Harris (2002), os trabalhos desenvolvidos por Lopez (1970) e Monaretto (1992) assumem que o rótico subjacente é o *tap*. Um resumo desses dois últimos trabalhos pode ser encontrado em Bisol (1996).

teoria através do comportamento do [P] e do [r] em algumas construções no jogo proposto. Assim, conforme o autor, a versão do jogo para a palavra *casa é saca*, para *gato é toga*. A partir desse jogo, ao investigar o que ocorreria, então, com o [P] e o [r], apresenta os seguintes resultados: (i) pa[P]che → chepa[P]. Neste exemplo, observa que após a transposição o status silábico da *coda* não é alterado; no exemplo (ii) mo[P]a → [r]amo, verifica, através desta representação, que a vibrante aparece iniciando a palavra. Esse exemplo não causa surpresa, pois o [r] em início de palavra é esperado; em (iii) [r]osa → sa[P]o, obtém um resultado interessante uma vez que o *output* esperado seria sa[r]o e em (iv) pe[r]o → [r]ope[P], o autor julga que o resultado conduz a uma verdadeira surpresa. O [r] da palavra normal, corrente na língua, é dividido em dois segmentos, [r] no início e [P] na forma final produzida pelo jogo.

Esse jogo permitiu a Harris (2002) aplicar as regras da sua teoria de forma a obter o *output* correto. Foi possível observar que: para o [P] intervocálico, para a *coda* em [P] e para o [r] em início de palavra, a competência fonológica assinala que há um /R/; e o [r] intervocálico, que se realiza como /RR/, ao ser silabificado e dividido (transposto em dois segmentos), devido à forma produzida pelo jogo, pode ser interpretado pela regra de tensionamento (em que o *tap* em início de palavra e depois de sílaba travada por consoante se transforma em uma vibrante) de sua proposta para a explicação do *output* encontrado, uma vez que é aceita a ocorrência de {P,r} para /RR/ intervocálico.

A proposta de Harris (2002) prevê para a *coda* silábica apenas a ocorrência do *tap*, o que inviabiliza a sua proposta para o PB, uma vez que podemos verificar a ocorrência da vibrante, com uma ampla variação de sons de /r/, na referida posição.

O fato de não poder explicar de forma simples a ocorrência do *erre* forte em início absoluto de palavra – uma vez que a explicação que utiliza

apóia-se em uma regra nada simples, a regra de tensionamento – fragiliza a argumentação de Harris (2002). Quanto a essa questão, Abaurre e Sandalo (2003) ressaltam que no dialeto carioca o *erre* forte ocorre na *coda* e, para Harris (2002), este /r/ não deveria ocorrer nessa posição, uma vez que considera esse elemento como sendo correspondente a dois *taps*.

3.2.3 Interpretação fonológica baseada em um fonema rótico: /r/

Com o intuito de precisar quantos são os fonemas róticos do PB, Câmara Jr. (1953), em sua tese de doutorado, sustenta a proposta de que existe apenas um fonema /r/ na forma subjacente, a vibrante (ou erre forte como chama), enquanto o *tap* (erre fraco) era entendido como uma variante posicional intervocálica enfraquecida. Para justificar essa oposição recorre a argumentos de natureza diacrônica, afirmando que em latim havia em posição intervocálica um /r/, que podia ser geminado como qualquer outra consoante – *ferum* (feroz) versus *ferrum* (ferro), *ager* (campo) versus *agger* (colina) – e um /r/ simples, sendo a oposição simples/geminado distintiva. Segundo Mattoso, a geminação se reduziu, na evolução histórica do sistema consonantal, a uma vibrante múltipla em oposição a um /r/ simples, mantendo-se a oposição – não mais como uma geminada em relação a uma simples, mas como uma vibrante forte em relação a uma fraca.

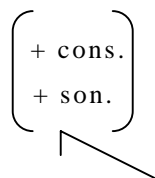
Em seguida, na edição de 1977 de *Para o estudo da fonêmica portuguesa*, Câmara Jr. revê a sua análise com base na fonética e argumenta em favor da existência de dois fonemas vibrantes que se opõem apenas em posição intervocálica, com neutralização em outras posições, inclusive na

posição mais favorável para a nitidez das consoantes, que é a inicial e onde só aparece /r/ forte.

Revisitando Câmara Jr. (1953), Abaurre e Sandalo (2003) retomam essa discussão, baseando-se no quadro gerativo para melhor entender o que ocorre em relação aos róticos nas línguas ibéricas. Procurando respeitar os critérios de avaliação da teoria gerativa – naturalidade, simplicidade, economia e poder de predição – argumentam que o português tem um único fonema rótico, a vibrante, na forma subjacente, e não o *tap*. Dessa forma, assumem que o erre forte nas línguas ibéricas é um epifenômeno de dois erres adjacentes que não se superficializam, por um efeito do OCP⁵⁸.

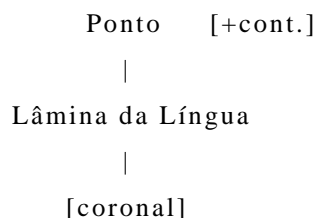
Para defender essa interpretação, as autoras relembram, por exemplo, o quanto é freqüente o fato de as línguas evitarem segmentos idênticos adjacentes, ou mesmo segmentos adjacentes com o mesmo ponto de articulação. Observam que no inglês é possível verificar que seqüências como *[πω] são consideradas como mal formadas, enquanto [τω] (*twin*) e [κω] (*queen*) existem.

Continuando a argumentar a favor da sua proposta, Abaurre e Sandalo (2003), propõem uma representação dos róticos do PB a partir da geometria de traços⁵⁹. Assim, assumindo a vibrante como elemento subjacente para o /r/ apresentam a seguinte representação da vibrante em termos de traços:



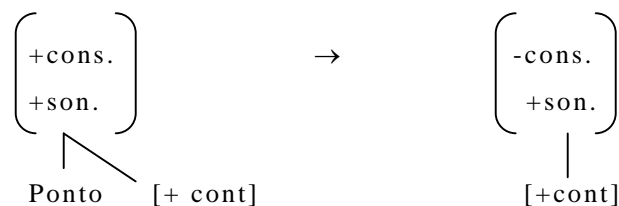
⁵⁸ Obligatory Contour principle – OCP: princípio que estabelece que elementos adjacentes idênticos são proibidos. Conforme consta em Bisol (1996), esse princípio deve-se a Leben (1973) e foi proposto originalmente para resolver problemas tonais, sendo estendido para os segmentos por McCarthy (1986).

⁵⁹ Abaurre e Sandalo (2003), adotam a visão de Halle (1995) e Halle, Vaux & Wolfe (2000) por considerarem essa representação menos controversa em termos de hierarquia de traços. Os referidos autores propõem uma hierarquia, denominada Teoria do Articulador, em que tomam a fonética articulatória como critério para estabelecer uma hierarquia de traços.



Considerando-se a ocorrência do *tap* como sendo o resultado de um processo de enfraquecimento⁶⁰ entre vogais e partindo da representação acima, a ocorrência do *tap* entre vogais pode ser facilmente derivada, apenas pelo desligamento do traço contínuo.

A partir dessa representação da vibrante, a fricativa glotal também pode ser derivada com muita simplicidade, conforme registram Abaurre e Sandalo (2003), da seguinte maneira: (i) o nódulo de Ponto é desligado (debucalização)⁶¹ e, como consequência, (ii) a raiz se transforma em [-consonantal]⁶². As autoras argumentam que o referido processo de debucalização torna-se evidente na medida em que a vibrante pode ser resgatada em contexto de ênfase.



⁶⁰ As autoras esclarecem que em termos de uma hierarquia de traços, o enfraquecimento pode ser entendido como a perda de um traço, neste caso o de continuidade. Assim, entre vogais, a vibrante transforma-se em *tap* pela perda do referido traço de continuidade.

⁶¹ Conforme Halle (1995) e Halle et al. (2000), a debucalização é compreendida como o desligamento do nódulo de Ponto da Raiz.

⁶² O que caracteriza uma consoante, para Halle (1995) e Halle et al. (2000), é a presença de uma obstrução na cavidade oral e, portanto, devem apresentar uma obstrução de ponto de articulação labial, coronal ou dorsal.

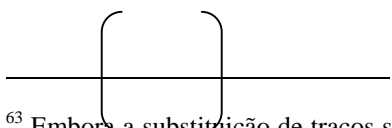
|
Lâmina da Língua
|
[coronal]

A ocorrência de uma fricativa velar pode ser representada a partir da vibrante se considerarmos apenas o desligamento dos traços de ponto com a implementação do traço *default*, o dorsal. Além dessa realização do erre no português, há ainda a ocorrência de uma vibrante uvular em *coda*, embora seja rara nos dialetos do português do Brasil. A vibrante uvular é entendida pelas autoras como sendo resultado de um processo de posteriorização da vibrante em que o ponto alveolar foi substituído⁶³.

Quanto às variantes retroflexas em posição de *coda*, Abaurre e Sandalo (2003) ressaltam que em vários dialetos do interior do Brasil o /r/ nessa posição é realizado como uma aproximante coronal. Acrescentam ainda que *o português brasileiro favorece elementos com o traço [-consonantal] em coda silábica, uma vez que um processo de vocalização está ocorrendo com a lateral e com nasais nesta posição*.

A partir da proposta referida acima, em que se argumenta a favor da existência de uma vibrante na forma subjacente, a aproximante retroflexa e a aproximante alveolar encontradas nos dados deste trabalho, que correspondem ao dialeto do interior de São Paulo, podem ser representadas da seguinte maneira:

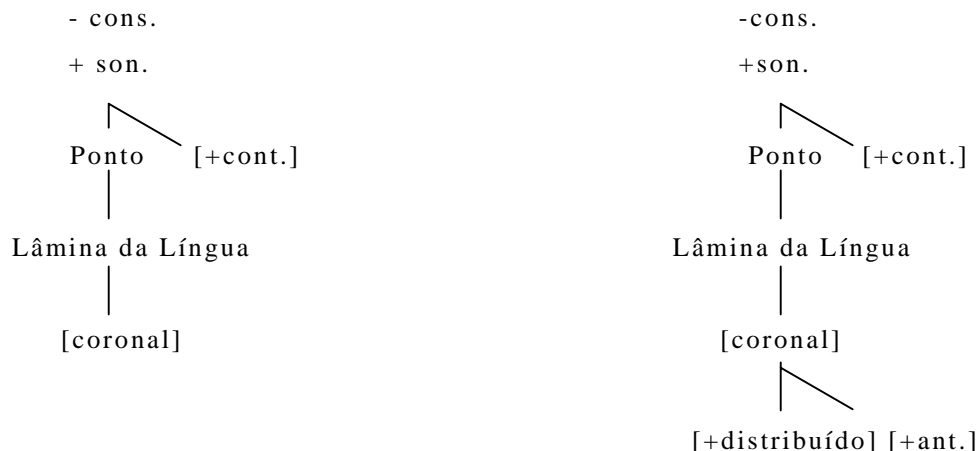
Aproximante retroflexa:



Aproximante alveolar:



⁶³ Embora a substituição de traços seja menos simples que a debucalização, ainda assim justifica-se, segundo as autoras, uma vez que se trata de uma ocorrência pouco recorrente nos dados de Callou et al. (2002), por exemplo.



Considerando-se a argumentação de Abaurre e Sandalo (2003), que consegue prever a derivação da mudança lingüística apontada nos estudos de Callou et al. (2002), o erre forte pode ser admitido em *coda* em vários dialetos do PB, pois por ter se tornado um *glide* pelo processo de debucalização, passa a ser bem aceito em uma língua que privilegia aproximantes em tal posição. Finalizando, a discussão dessa questão, as autoras afirmam:

É verdade que ainda temos dialetos do português que favorecem uma consoante verdadeira em coda, isto é, a fricativa velar no Rio de Janeiro ou o tepe em alguns dialetos do sul e sudeste, mas um elemento [- consonantal], que pode ser um elemento debucalizado ou uma aproximante coronal, surge como a variante mais comum em coda na maioria dos dialetos.(Abaurre & Sandalo, 2003)

Os estudos de Callou et al. (2002) indicam que o enfraquecimento do /r/ em posição de *coda* vem ocorrendo no PB, especialmente nas capitais. Esse enfraquecimento pode estar relacionado a uma tendência geral à posteriorização da articulação das consoantes que ocorre nos demais

dialetos abordados em sua pesquisa: São Paulo, Porto Alegre, Recife, Salvador e Rio de Janeiro. Quanto a esse processo, esclarecem:

A realização do R, determinada dialetalmente, vai de uma vibrante múltipla alveolar (rara em posição de coda) a um zero fonético (em posição final de vocábulo). Essa possibilidade de variadas realizações pode ser vista como vestígio de um processo de enfraquecimento, que leva até mesmo ao apagamento do segmento. A sequência postulada seria $RR \rightarrow R \rightarrow x \rightarrow h \rightarrow \emptyset$. (Callou et al. 2002, p. 544).

A análise dos dados do presente trabalho, apresentada no capítulo 4, revela a ocorrência das seguintes variantes do /r/ em *coda* silábica: aproximante retroflexa, aproximante alveolar, vogal colorida, aproximante palatal e *tap*. Os dados coletados neste trabalho, no entanto, não permitem que façamos afirmações a respeito de uma possível mudança relacionada ao /r/ retroflexo no interior paulista, que poderia ser impulsionada pela estigmatização dessa pronúncia, pois estamos trabalhando com um grupo muito específico de informantes. Essas são questões que poderão ser tratadas em estudos futuros.

3.3 Características acústica dos róticos⁶⁴

⁶⁴ Não se trata de uma caracterização de todos os tipos de sons de /r/.

Segundo Kent e Read (1992, p. 13) as vogais são sons produzidos com vibração laringal e apresentam o trato vocal relativamente aberto, moldado de forma a produzir padrões de ressonâncias particulares. Com a ajuda de movimentos da laringe, da língua, dos lábios e do véu palatino é possível modificar a forma e o volume das diferentes cavidades do nosso aparelho fonador. A influência ressoadora exercida por tais cavidades sobre a onda periódica complexa criada na laringe pode ser compreendida como responsável pelo mecanismo de produção das vogais⁶⁵. Nesse empreendimento, as cavidades bucais e nasais funcionam como um filtro acústico. Os parâmetros para a descrição acústica das vogais são: padrões formânticos⁶⁶, o espectro, duração e frequência fundamental.

As consoantes, para Kent e Read (1992, p. 105), diferem entre si de forma significativa no que se refere às suas propriedades acústicas, tornando difícil a tarefa de descrevê-las a partir de um único conjunto de características. Algumas consoantes envolvem em sua produção a geração de ruído, enquanto outras não. Da mesma forma, há consoantes que são produzidas com um período de completa obstrução do trato vocal, enquanto outras são produzidas apenas com um estreitamento do trato vocal. Devido a essas diferenças, segundo Kent e Read (1992), podem ser reunidas de acordo com suas propriedades acústicas nas seguintes classes de sons: oclusivas, fricativas, africadas, nasais, glides⁶⁷ e líquidas.

⁶⁵ Vale ressaltar, contudo, que há uma relação de interdependência entre a fonte sonora e o trato vocal, tanto que podemos produzir vogais sem que haja vibração das cordas vocais, afinal, o que dá configuração às vogais é o trato vocal.

⁶⁶ Os formantes são picos de energia acústica que representam as frequências de ressonância do ar no trato vocal e são denominados como F₁, F₂, F₃, etc., iniciando a partir da menor frequência de ressonância, segundo Ladefoged (1975). A estrutura formântica é o principal traço dos sons da fala. Todas as vogais e algumas consoantes têm formantes e é o padrão dos formantes (especialmente a disposição dos dois primeiros formantes) que nos habilita a diferenciar vogais ou a reconhecer repetições de uma vogal e a classificá-la, mesmo que sejam produzidas por diferentes falantes.

⁶⁷ Os glides correspondem aos fonemas /w/ e /j/ segundo Kent e Read (1992). O referido autor ainda esclarece que Ladefoged (1975) usa o termo *aproximante* para esses sons. Além desses, o termo semivogal também é utilizado para se referir a /w/ e /j/. Assim, afirma que o termo *glide* descreve o movimento articulatorio gradual que caracteriza esses sons, o termo *aproximante* descreve o traço articulatorio no qual verifica-se um

Os róticos e as laterais são considerados enquanto pertencentes à classe das líquidas. Kent e Read (1992) mencionam que as líquidas /r/ e /l/ apresentam propriedades consonantais semelhantes às oclusivas e propriedades similares aos glides. Assemelham-se às oclusivas por apresentarem movimentos articulatórios rápidos e as similaridades que compartilham com glides dizem respeito principalmente à qualidade de sonorantes, ao fato de exibirem uma estrutura formântica bem marcada, bem como ao fato de apresentarem uma constrição do trato vocal menos severa, se comparada com as obstruintes (oclusivas, fricativas e africadas).

Conforme Kent e Read (1992, p. 39), a produção das laterais envolve uma divisão do trato vocal, fazendo com que a corrente de ar seja obstruída na linha central desse trato. Com isso, o ar é expelido por ambos os lados dessa obstrução, lateralmente. Essa bifurcação é, então, a responsável pela formação de antiformantes⁶⁸ – uma das principais características acústicas dessas consoantes. Quanto aos róticos, a principal propriedade espectral está associada a um F3 baixo, bem próximo do F2⁶⁹. Em se tratando da baixa frequência de F3, Kent e Read (1992, p. 139) asseguram que freqüentemente, apenas com o uso desse traço pode-se identificar a ocorrência dessa líquida.

Ladefoged e Maddieson (1996) afirmam que os róticos tendem a ocupar espaços privilegiados na estrutura silábica de diferentes línguas do mundo, assim é bastante comum o fato de os róticos figurarem como segundo membro na posição de *onset* ou como primeiro membro em posição de *coda*. Assinalam, também, que as semelhanças entre os róticos podem ser

estreitamento do trato vocal, mas não uma oclusão, e o termo semivogal descreve a qualidade de vogal desses sons.

⁶⁸ De acordo Kent e Read (1992), antiformantes ou zeros surgem em decorrência de constrições ou bifurcações no trato vocal. Devido a essas constrições a energia sonora não é liberada para a atmosfera e fica retida no trato vocal, ou seja, não há transmissão sonora. Assim, enquanto os formantes representam picos de energia sonora no espectrograma, os antiformantes aparecem como espaços em branco (ou zeros).

⁶⁹ Esse também é um traço distintivo para a rotacização em vogais do inglês, segundo Kent e Read (1992, p. 139).

mais de ordem acústica e auditiva do que articulatória. Acrescentam que não é o modo nem o ponto de articulação que definem a classe dos róticos, pois segmentos de diferentes articulações, como dorsais e coronais, por exemplo, estão agrupados enquanto róticos. Dessa forma, esclarecem: *most important as evidence that they belong in a single class, at least from a phonological point of view, is the fact that rhotics of one type often alternate with other rhotics.* (Ladefoged e Maddieson, 1996, p. 216)

Róticos e vogais se assemelham, conforme Ladefoged e Maddieson (1996), por apresentarem variantes silábicas ou por se fundirem (coarticularem)⁷⁰ com vogais contíguas. Os autores apresentam, ainda, uma outra evidência dessa similaridade ao mencionarem que nas línguas germânicas – dinamarquês e sueco – as vogais seguidas de /r/ tendem a ser alongadas, além de terem a qualidade “colorida” pelo /r/ seguinte, apresentando, portanto, modificações acústicas. Ao final, concluem:

Thus, the rhotics form a heterogeneous group from the phonetic point of view, exhibiting a wide variety of manners and places of articulation. We find rhotics that are fricatives, trills, taps, approximants, and even ‘r-colored’ vowels, as well as articulations that combine features of several of these categories. The most common places of articulations are in the dental-alveolar area, although post-alveolar (retroflex) /r/’s are not unusual, and in some languages /r/’s have a uvular articulation. (Ladefoged e Maddieson, 1996 p. 217) .

⁷⁰ Silva (1996) aponta um ponto em comum entre róticos e laterais baseada em seu trabalho de descrição fonético-acústica das líquidas no português brasileiro. As análises estatísticas empreendidas pela autora revelaram que a configuração de formantes dos róticos ([p] e [6P]) e laterais ([λ] e [x]) analisados sofriam influência dos formantes das tônicas, evidenciando a existência de coarticulação entre as líquidas e o ambiente vocálico adjacente. Ou seja, havia coarticulação da tônica para a líquida verificada principalmente sobre F₂ e em alguns casos sobre F₃. Salienta, ainda, que o efeito coarticulatório tornava-se mais elevado quando a líquida precedia vogais anteriores. Em seu trabalho, não faz menção a qual segmento coarticula mais ou qual seria mais resistente à coarticulação. Para tanto, esclarece que seria necessário realizar experimentos articulatórios.

As vogais coloridas pelo *r* (*r-colored vowels*) a que Ladefoged e Maddieson (1996) se referem são observadas por Ladefoged (1975) no Inglês Americano. Este autor afirma que essas vogais invocam um traço adicional chamado rotacização, uma vez que os traços: alto (high)/ baixo (low), anterior (front)/ posterior (back) e arredondado (rounded)/ não arredondado (unrounded) não são suficientes para descreve-las. Ladefoged (1975), define uma vogal rotacizada como se segue:

Rhotacization is an auditory quality, which, like height and backness, is most appropriately defined in acoustic terms. In a rhotacized vowel (or portion of a vowel) there is a marked lowering of the frequency of the third formant. (Ladefoged, 1975, p. 212)

Os róticos formam uma classe de sons com um grande número de diferenças fonéticas e apresentam frequências de formantes relacionadas aos pontos de constrição no trato vocal. Lindau (1980a) discute algumas diferenças fonéticas entre várias línguas nigerianas abordando a classe dos róticos, implosivas e vogais. Ao descrever os sons de *r*, afirma que o primeiro e o segundo formantes parecem refletir a qualidade da vogal que ladeia esse segmento, enquanto o terceiro e quarto formante são indicadores importantes do ponto de constrição nesse tipo de som. No que se refere a essa descrição, a autora chama a atenção para o correlato acústico que se tem quando ocorre uma constrição em uma região mais posterior ou mais anterior do trato vocal:

According to acoustic theory, a lowered third formant, close to the second formant, indicates a constriction fairly far back in the postalveolar-midpalatal region with strong retroflexion. This happens in Izon. As the constriction moves forward in the mouth the third formant increases. A relatively high third formant, close to the fourth formant indicates a dental place, as happens in the Kalabari example. (Lindau, 1980a, p. 107).

A referida autora observa que os falantes da língua bumo usualmente variam entre o uso de *taps* e aproximantes. Em se tratando deste último, esclarece que o terceiro formante é geralmente alto (por volta de 2,500 Hz) apresentando uma grande distância do segundo formante, diferente do correlato típico da retroflexão.

A pesquisa de Lindau (1980a) indica que o abaixamento de F_3 é característico apenas dos róticos produzidos na região pós-alveolar e retroflexa, enquanto que os róticos produzidos em uma região mais anterior ou posterior do trato vocal, em relação a essa área mediana do palato (mid palate area), apresentam uma elevação de F_3 e não um abaixamento.

Do ponto de vista fonético, os róticos exibem uma ampla variedade de modos e pontos de articulação. Lindau (1980b) investiga os róticos em três línguas indo-europeias (o inglês da Califórnia, o sueco de Estocolmo e de Skane e o espanhol dos *chicanos*⁷¹) e em sete línguas faladas na África Ocidental (hausa, degema, edo, ghotuo, kalabari, bumo e izon). A autora faz referência à dificuldade em determinar um único correlato fonético dentre todas as variações possíveis de sons de *r*, embora tenha sido proposto que há um fator acústico comum – um abaixamento do terceiro formante de forma que este se apresenta próximo do segundo formante. Essa proposição, conforme indicação da autora, também é compartilhada por Ladefoged (1975) e Condax e Nathan (1979).

Em Inglês e Espanhol, segundo Lindau (1980b), é possível verificar, acusticamente, um abaixamento de F_3 para a realização dos róticos⁷². No entanto, o abaixamento de F_3 não é uma característica dos róticos em outras línguas. Segundo a autora, nas realizações do *tap* e da aproximante referente à fala de falantes da língua degema, originária da Nigéria, não era

⁷¹ Essa é a denominação que se dá aos imigrantes mexicanos nos Estados Unidos.

⁷² Lindau (1980 b) aponta um abaixamento de F_3 na realização de *trills* (vibrantes), *taps* e aproximantes.

verificado um abaixamento de F_3 , mas sim uma elevação, de forma que o terceiro formante apresentava-se próximo do quarto formante.

Através desses estudos, Lindau (1980b) aponta para o fato de que um abaixamento do terceiro formante pode ser obtido por retroflexão e por uma constrição na região palatal pós-alveolar. Esse abaixamento pode, ainda, ser produzido com a ponta da língua abaixada e por uma constrição na faringe. Os estudos também confirmam o fato de que o arredondamento dos lábios contribui para o abaixamento de F_3 .

Ao final, as pesquisas de Lindau (1980a; 1980b) indicam que as relações de semelhança ou de parentesco é que podem agrupar a classe dos róticos, antes mesmo que uma característica acústica. Dessa forma, vibrantes e *taps* assemelham-se quanto à duração do fechamento, vibrantes apicais e uvulares assemelham-se no que se refere ao padrão rápido e consecutivo das vibrações, *taps* apicais e aproximantes apresentam semelhanças em relação à escala articulatória de fechamento e talvez em relação à posição do terceiro formante; enquanto que vibrantes uvulares e fricativas uvulares apresentam padrões de formantes parecidos. Em suas palavras:

Thus there is no physical property that constitutes the “essence” of all rhotics. Instead, each member of the class of r-sounds resembles some other member with respect to some property, but not with respect to the same property across all r-sounds. (Lindau, 1980b, p. 118)

As similaridades entre os róticos devem-se muito mais a razões acústicas ou auditivas do que articulatórias, pois há uma grande abrangência em relação aos modos e pontos de articulação que envolvem tais segmentos.

Considerando-se os parâmetros acústicos descritos pelos teóricos acima relatados, procederemos às descrições dos dados que compõem o *corpus* deste trabalho.

3.4 Descrição acústica das variantes do *corpus* deste trabalho

Na língua portuguesa, segundo Câmara Jr. (1969), todas as consoantes podem aparecer no aclave⁷³, ou seja, no *onset* de uma sílaba. As sílabas travadas ou fechadas – CVC – são menos freqüentes e apresentam limitações quanto às consoantes que podem ocupar a posição decrescente. Essa posição pode ser ocupada pelas vogais /i/ e /u/ como assilábicas e decrescentes e pelas consoantes /S/, /N/, /l/ e /r/.

Considerando-se a possibilidade de duas consoantes no aclave, Câmara Jr. esclarece que a segunda é sempre⁷⁴ /r/ ou /l/ combinada com uma das oclusivas (/p,b,t,d,k,g/) ou com uma das fricativas de articulação labial (/f,v/), figurando nas sílabas iniciais, como em *blusa* e *prato*, ou na sílaba final, como em *litro*.

⁷³ Ao descrever a estrutura silábica da língua portuguesa, Câmara Jr. (1969) esclarece que a enunciação completa da sílaba é composta de um aclave, um ápice e um declive. O ápice é entendido como o momento essencial da sílaba e corresponde, quase sempre, à emissão de uma vogal. Assim, o fonema que ocupa essa posição é denominado silábico e é essencial à sílaba, enquanto que os fonemas assilábicos, aqueles que ocupam a posição do aclave ou do declive da sílaba, podem ocorrer ou não.

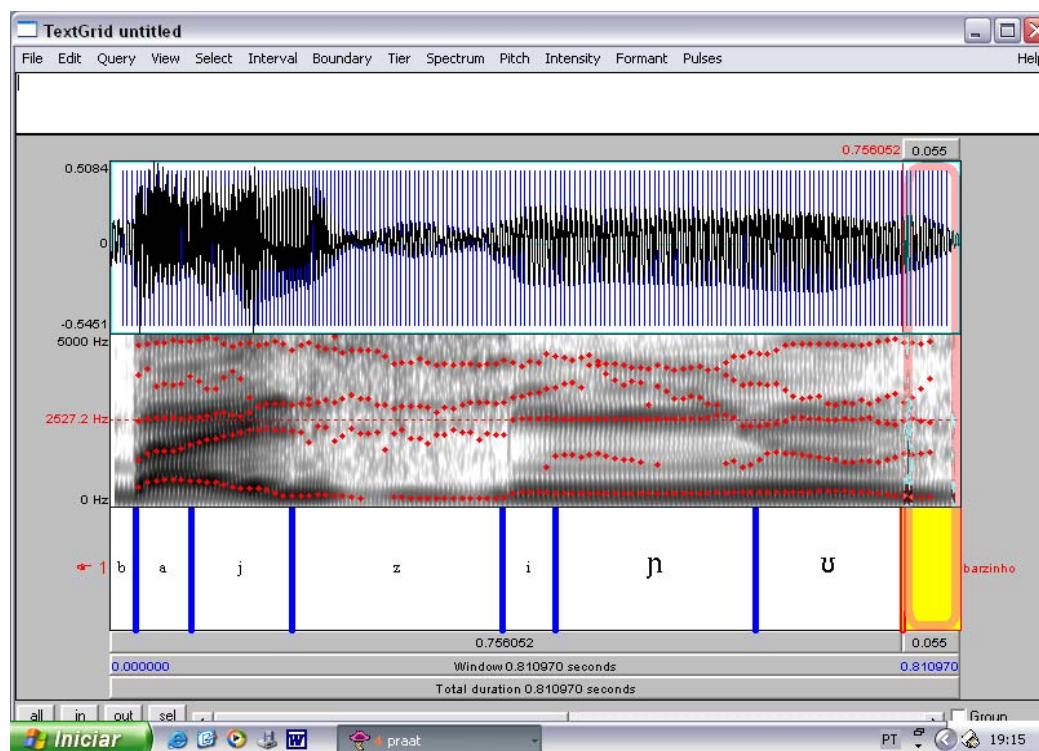
⁷⁴ Há exceções quanto a essa possibilidade, como assinala Câmara Jr. (1969), que podem ser verificadas devido à existência de vocábulos como *pneumático*, *psicologia*. A esse respeito, Mattoso Câmara chama a atenção para o fenômeno fonológico que se caracteriza pela inserção de um /i/ entre as duas consoantes, separando, então, a primeira das consoantes como sílaba distinta.

Condicionado pela faixa etária, por fatores sociais, estilísticos e geográficos, por exemplo, /r/ pode ser realizado em PB na posição de *coda* através dos seguintes fones: [ξ, ⊗, η, |, Ξ, ®, ρ, P, }, ♦, ©]⁷⁵.

Com a análise dos dados deste trabalho pudemos verificar que as variantes de /r/ que concorrem na *coda* silábica no dialeto de São José do Rio Preto, são: aproximante retroflexa, aproximante alveolar, vogal colorida, *tap* e aproximante palatal⁷⁶.

⁷⁵ Os fones citados são: /ξ/ fricativa velar surda; /⊗/ fricativa velar vozeada; /η/ fricativa glotal surda; /|/ fricativa glotal vozeada; /Ξ/ fricativa uvular surda; /®/ fricativa uvular vozeada; /ρ/ vibrante alveolar; /P/ *tap* alveolar; /}/ *tap* retroflexo; /♦/ aproximante alveolar e /©/ aproximante retroflexa.

⁷⁶ Neste trabalho não vamos nos ater a essa variante. A intenção é apenas de registrar sua ocorrência nos dados que correspondem a um percentual de 4% da amostra total, conforme Tabela 3 em anexo. Como exemplo dessa variante, segue o *Espectrograma 1* abaixo da palavra “barzinho”:



A ocorrência da variante aproximante palatal em posição de *coda* pode ser percebida mais claramente na fala dos graduandos que estão concluindo o curso, especificamente na fala daqueles que estão morando em Campinas há quatro anos. Essa não é a variante mais recorrente, pois os dados apontam que esses informantes realizam em maior número a variante vogal colorida. No entanto, os dados coletados e digitalizados mostram que a realização da aproximante palatal⁷⁷ – [j] – é tão freqüente quanto a realização da aproximante alveolar – [ɲ].

Salientamos que seria necessário efetuar um estudo mais amplo⁷⁸ para que pudéssemos melhor caracterizar a ocorrência dessa variante aqui representada como sendo uma aproximante palatal [j], encontrada na fala dos entrevistados – notadamente nos dados referentes aos graduandos concluintes, relativos a 8% da amostra, e também na fala dos campineiros, correspondendo a 9%, como pode ser visualizado no gráfico *Campineiros 2*, em anexo.

A variante aproximante retroflexa é a que prevalece, correspondendo a 49%, em número de ocorrência nos dados dos alunos ingressantes,

⁷⁷ A propósito da ocorrência de uma aproximante palatal [j], que se apresenta no dialeto de São José do Rio Preto como uma variante no contexto em que prevalece a realização da aproximante retroflexa, vale ressaltar os dados registrados no Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB (1963) e ao Atlas Lingüístico de Sergipe – ALS (1973). O resultado das pesquisas dialetológicas do APFB e no ALS, organizados em *O Léxico Rural*, mostra a ocorrência da aproximante palatal como variante do /r/ retroflexo em posição de *coda* silábica, como em *co[j]po*.

Por se tratar de dados referentes ao Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB (1963) e ao Atlas Lingüístico de Sergipe – ALS (1973) e, ainda, por esses dados terem sido coletados há mais de quarenta anos, não é possível saber, com detalhes, o comportamento das variantes [j] e [ʝ] nas áreas investigadas. Por representarem um uso restrito, pois estas não são as variantes mais recorrentes nessa posição no dialeto nordestino, o seu desaparecimento pode ter ocorrido ou talvez ainda haja focos de tal uso. O certo é que não há registro nesses estudos que possa esclarecer quaisquer dúvidas quanto a essa ocorrência.

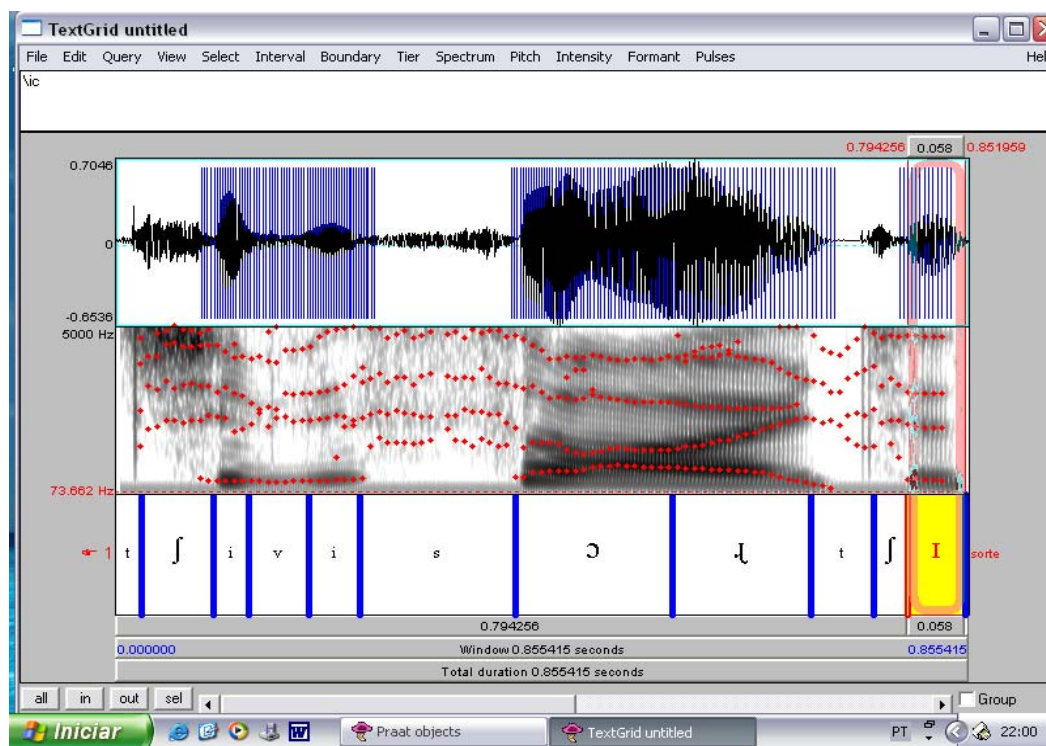
Ao tratar da constituição e estrutura da nossa linguagem popular, isto é, referindo-se ao Português do Brasil, Melo (1946), também registra a ocorrência da aproximante palatal em *coda* silábica como variante do /r/ e adverte que a referida vocalização é uma mudança própria do dialeto brasileiro. Assim, declara: *Creio que se deva ter por evolução própria da língua no Brasil a vocalização de -r e -l fechando sílaba: caine, baiba, Baibino, coigo, etc.* (Melo, G. C. de, 1946, p. 86).

⁷⁸ Pretendemos explorar essa questão em trabalhos futuros. Por enquanto, vale apenas a referência a essa variante, a aproximante palatal, encontrada em nossos dados.

naturais de São José do Rio Preto. Trata-se da variante estigmatizada, rotulada pelos informantes como um erre “puxado”, que lhes causa vergonha, como pode ser visto nos depoimentos dos informantes no quarto capítulo.

O correlato acústico que caracteriza a aproximante retroflexa corresponde a um abaixamento do terceiro formante (doravante F_3) que se aproxima do segundo formante (doravante F_2), como pode ser visualizado, abaixo, no espectrograma 2 onde se lê “tive sorte”:

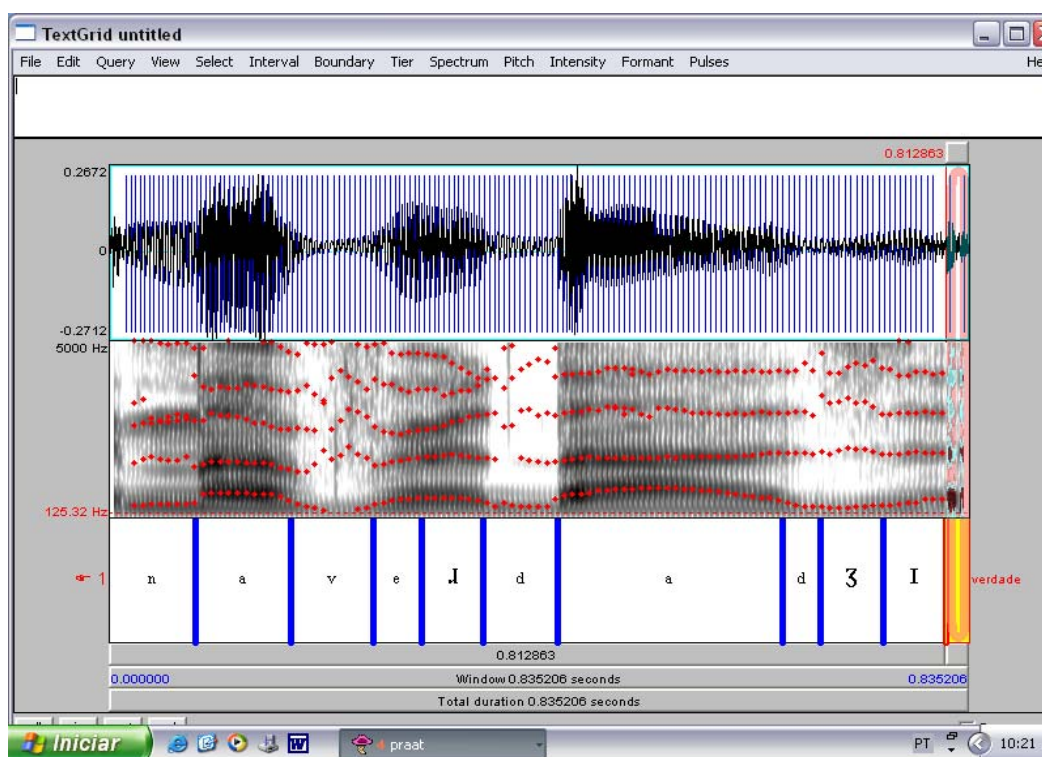
Espectrograma 2 – aproximante retroflexa



Além dessa variante, há a aproximante alveolar, que tem como correlato acústico um levantamento do terceiro formante, chegando a se

aproximar do quarto formante. O número de ocorrências da aproximante alveolar corresponde entre os alunos ingressantes a uma porcentagem de 18%, enquanto entre os alunos concluintes esse número é de 8%. No espectrograma abaixo, onde se lê “na verdade” podemos visualizar um exemplo da variante aproximante alveolar:

Espectrograma 3 – aproximante alveolar



Essa variante é avaliada pelos informantes como sendo “menos marcada” socialmente, se comparada com a aproximante retroflexa. Dessa forma, avaliam positivamente a ocorrência da variante aproximante alveolar.

Nos depoimentos dos informantes, podemos perceber a expectativa de que com o tempo, ou seja, com o passar dos anos em Campinas, a pronúncia que têm do /r/ retroflexo irá alterar, de tal forma que encontrarão uma pronúncia “intermediária”, tal qual a dos campineiros, avaliada por esses informantes como pronúncia prestigiosa. A propósito dessa questão, o depoimento do informante M. T. (M – 22 anos) é bastante representativo:

(2)

M. T. (M – 22 anos): Então’ né”(+) como convivo com pessoas de vários luga::res (+) a tendência é ir acabando o sotaque da MINHA região (+) é:: encontrando aquele intermediário’ né”.

E também:

(3)

M. T. (M – 22 anos): Ah:: não pode ter os exageros’ né” (+) não puxar muito o erre (+) ou tremer’ tremer muito o erre (+) tem que ser o equilibrado.

A partir da análise acústica dos dados, foi possível verificar um número de ocorrências da variante vogal colorida, correspondendo a 33% (25% para os alunos ingressantes e 47% para os alunos concluintes) em relação à amostra total, referente à realização de todos os informantes.

Ao contrário do que acontece com os espectrogramas em que é possível visualizar o correlato acústico que caracteriza a retroflexão (F_2 próximo de F_3) de maneira clara ladeado pela vogal, nos espectrogramas 2 e 3 analisados, o que prevalece na variante vogal colorida são os padrões formânticos da vogal, alterados⁷⁹ em seus valores de frequência por estarem coarticulados, acompanhados da propriedade auditiva de retroflexão que

⁷⁹ Os valores médios de frequência do /e/ (valores estes referentes à pronúncia de informantes do PB, anotados por mim durante as aulas da disciplina Fonética Acústica I na Unicamp) são estipulado em torno de: $F_1 = 460$, $F_2 = 1820$ e $F_3 = 2390$. No *Espectrograma 4*, no entanto, os valores de frequência encontrados na posição medial da vogal foram: $F_1 = 536$, $F_2 = 2008$ e $F_3 = 2466$. Podemos observar também que há um abaixamento da frequência de F_3 no final da vogal, correlato acústico da rotacização segundo Ladefoged (1975).

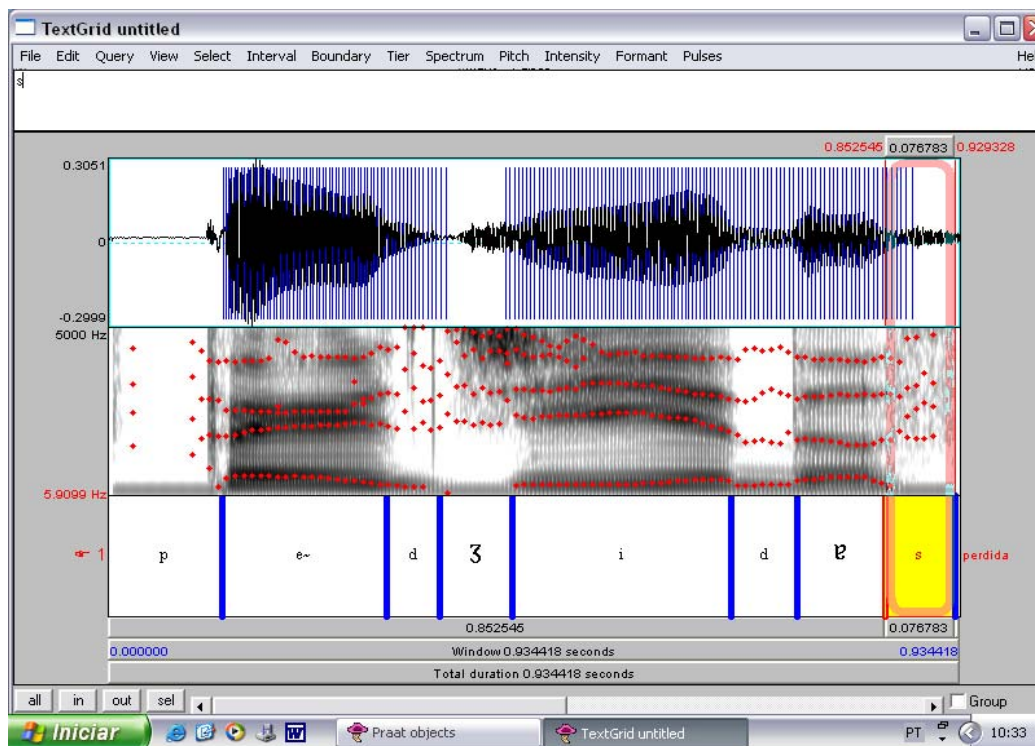
pode ser percebida em quase toda a extensão da vogal ou apenas no final desta – ocorrência mais freqüente, além de uma pequena proximidade entre F_2 e F_3 . Assim, parece haver uma coarticulação⁸⁰ entre a vogal e o /r/ de forma que não é possível identificar pelos padrões formânticos nem exatamente a vogal, nem o /r/.

No próximo espectrograma em que se encontra manipulado o vocábulo “perdidas”, pode-se visualizar o que estamos denominando, neste trabalho, de vogal colorida (*r-colored vowel*) ou rotacizada. A respeito da vogal rotacizada, esclarece Ladefoged (1975):

When we describe the height of a vowel, we are saying something about how it sounds rather than something about the tongue position necessary to produce it. Similarly, when we describe a sound as a rhotacized vowel, we are saying something about how it sounds. (Ladefoged, 1975, p. 77).

⁸⁰ O termo coarticulação, segundo Kent e Read (1992), refere-se ao fenômeno na fala no qual os atributos de sucessivas unidades de fala se sobrepõem em padrões acústicos ou articulatórios. Isto é, um traço de unidade de fala pode ser antecipado durante a produção de uma unidade anterior a esse segmento (coarticulação antecipatória) ou pode ser que as características sejam verificadas no segmento seguinte (coarticulação perseveratória).

Espectrograma 4- vogal colorida ou rotacizada



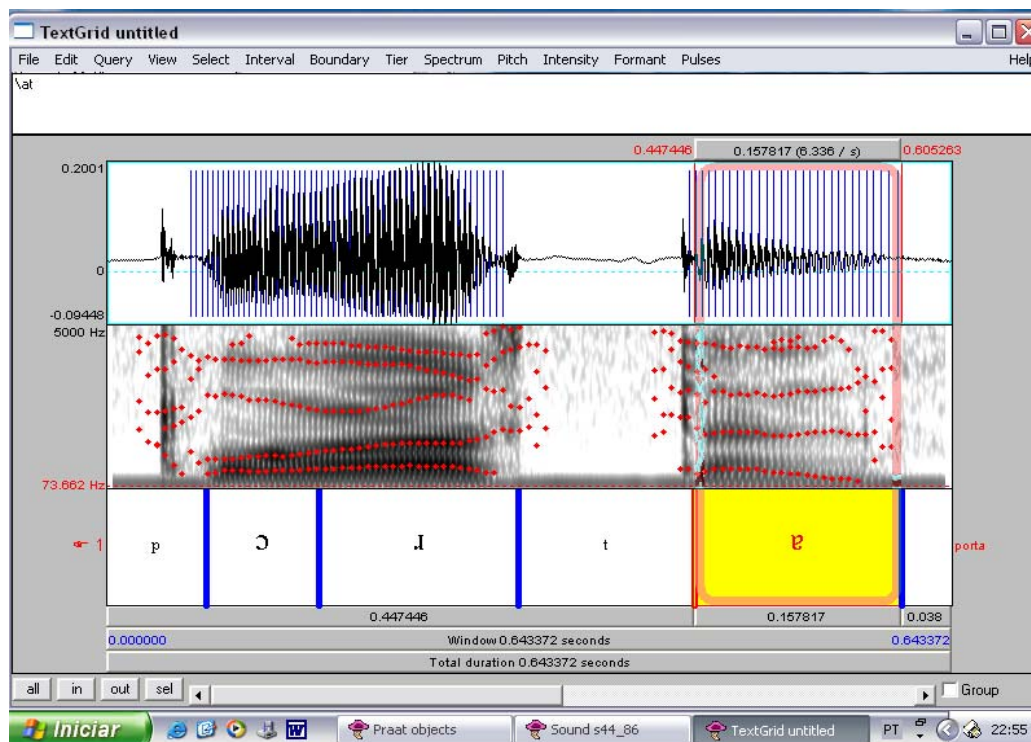
No exemplo acima, há, apenas, a tentativa de representar com o diacrítico referente à rotacização um certo colorido que a vogal apresenta por estar coarticulada com o /r/, uma vez que não é possível demarcar os limites entre vogal e rótico a partir da análise feita⁸¹. Neste trabalho, apenas ilustramos a coarticulação ocorrida, mas não poderemos afirmar se a referida coarticulação é mais saliente em ambientes em que ocorram vogais anteriores ou posteriores, por exemplo.

⁸¹ Vale esclarecer que, como os dados foram coletados a partir da fala espontânea em entrevistas não foi possível controlar o ambiente em que as variantes ocorreram. Para tanto, precisaríamos proceder à coleta de dados de forma a controlar o ambiente entre vogais e consoantes. Também seria importante controlar a taxa de elocução dos falantes, além de estudos articulatórios, como salienta Silva (1996), vide nota n° 67 neste mesmo capítulo.

A análise acústica foi bastante elucidativa porque através desta foi possível perceber, por exemplo, que quando os informantes de São José do Rio Preto tentavam caracterizar a realização do /r/ que julgavam como típica do campineiro, a variante que estes informantes realizavam se aproximava de uma aproximante alveolar ou mesmo de uma vogal colorida, mas nunca se parecia com uma aproximante retroflexa, por exemplo. Assim, pudemos verificar que os informantes, de fato, podem perceber a realização do /r/ campineiro como distinta daquela que predomina em seu dialeto e tentam reproduzi-la. Para esses informantes as variantes aproximante alveolar e vogal colorida são mais prestigiosas que a aproximante retroflexa. Essa opção se justifica se considerarmos o estigma que recobre a pronúncia retroflexa.

Um exemplo da “pronúncia intermediária” do campineiro relativa ao /r/ a que muitos informantes fizeram referência pode ser ilustrada através do espectrograma 5, da palavra “porta”, abaixo::

Espectrograma 5 – aproximante alveolar



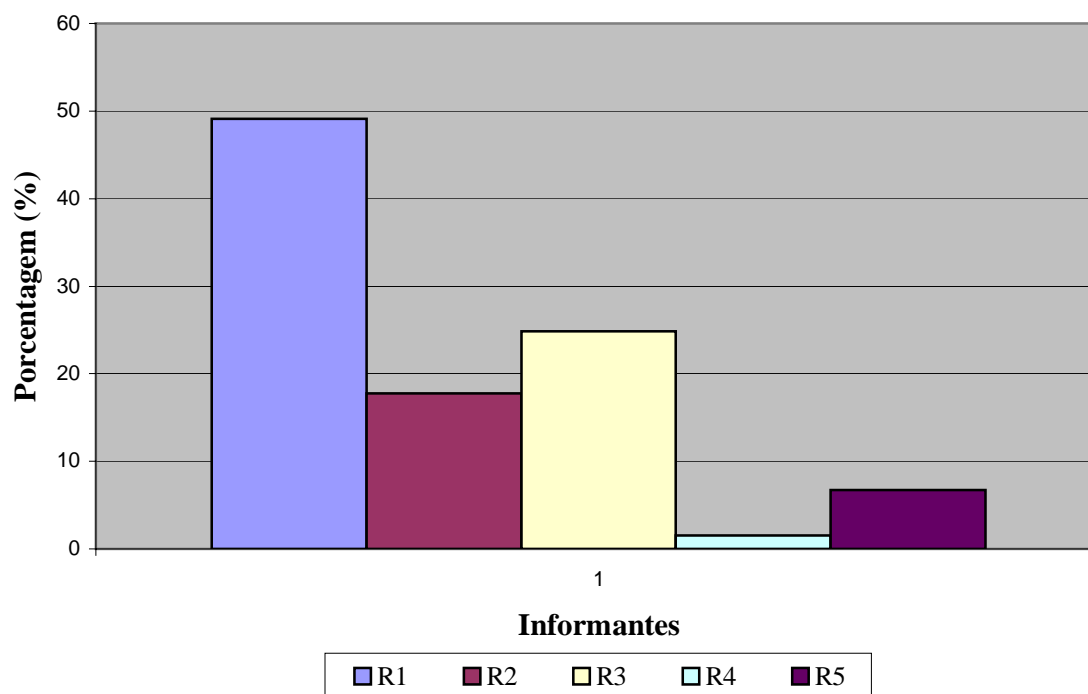
Podemos visualizar no espectrograma 5 acima o correlato acústico de uma aproximante alveolar, caracterizada por uma elevação de F_3 , distanciando-se de F_2 – correlato acústico oposto à retroflexão (F_3 próximo de F_2).

Ao final da análise dos dados, verificamos que tanto os alunos ingressantes quanto os alunos concluintes realizam as mesmas variantes. Dessa forma, ocorre uma co-variação entre aproximante retroflexa, aproximante alveolar, vogal colorida, aproximante palatal e *tap* alveolar. Os alunos ingressantes, que estão em Campinas há menos de um ano, realizam a variante aproximante retroflexa em maior número (49%), enquanto os alunos concluintes, há quatro anos em Campinas, apresentam um maior

número de ocorrências da variante vogal colorida (47%). Os resultados obtidos podem ser visualizados nos gráficos seguintes:

Gráfico 1

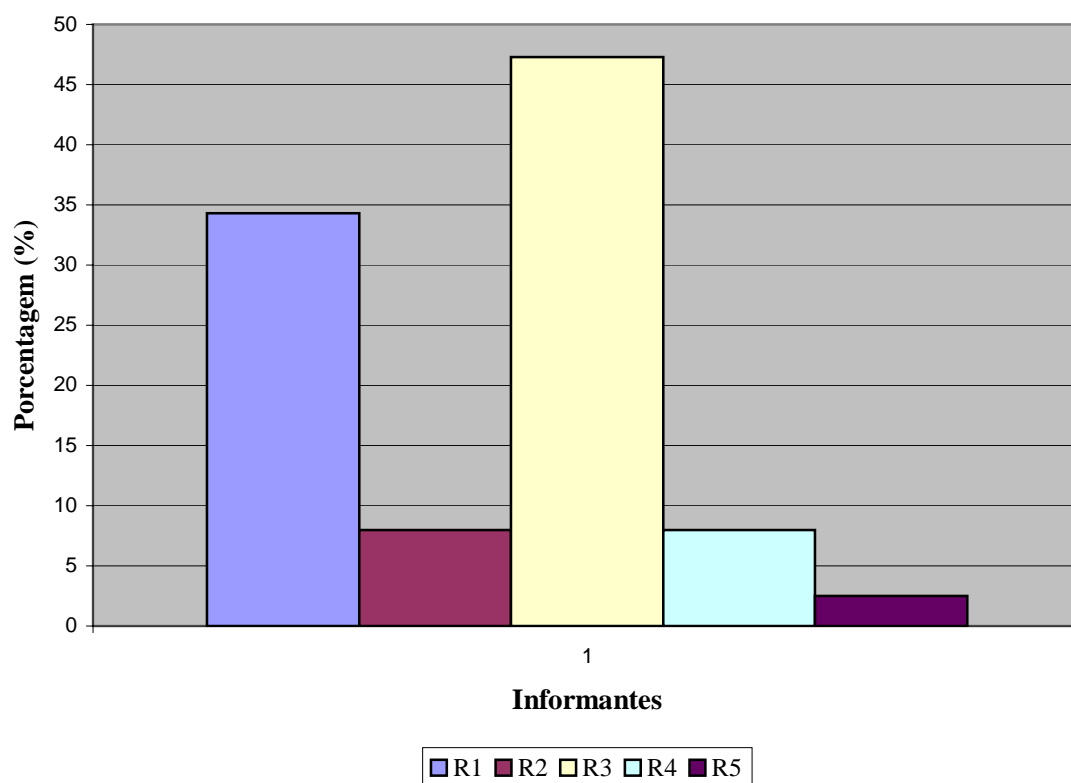
Porcentagem total de variantes⁸² realizadas por todos os alunos ingressantes:



⁸² Esclarecimento sobre a legenda: R1 = aproximante retroflexa [©], R2 = aproximante alveolar [♦], R3 = vogal colorida, R4 = aproximante palatal [j] e R5 = *tap* alveolar [P].

Gráfico 2

**Porcentagem total de variantes realizadas por todos os alunos
conclucentes:**



Depois do exposto, podemos reafirmar que, como postulamos no capítulo 1, os informantes acobertam a pronúncia do /r/ retroflexo devido á estigmatização em relação a essa variante. Esses informantes percebem uma certa diferença entre as variantes que concorrem em seu dialeto, bem como apontam algumas variantes (aproximante alveolar e vogal colorida) como mais prestigiosas que a variante aproximante retroflexa.

Feitas essas considerações, passaremos para o capítulo 4 onde analisaremos as atitudes lingüísticas dos informantes entrevistados a partir dos pressupostos teóricos discutidos no capítulo 2.

Capítulo 4

Atitudes Lingüísticas dos Informantes

4.1 Considerações iniciais

Como já salientamos no capítulo 1, os depoimentos analisados neste capítulo referem-se aos dados coletados junto aos oito estudantes de São José do Rio Preto, sendo que quatro estão iniciando a graduação na Unicamp e quatro já estão há quatro anos na mesma instituição de ensino concluindo a graduação. Esses são os informantes principais desta pesquisa. Além desses dados, utilizamos depoimentos de quatro campineiros que também foram entrevistados no decorrer do desenvolvimento do trabalho, pois a referência constante à fala do campineiro nos depoimentos dos graduandos mostrou-nos a necessidade de ouvir os depoimentos de alguns moradores da cidade de Campinas. Uma caracterização mais específica desses informantes pode ser encontrada no tópico 1.4 (sub-tópicos 1.4.1, 1.4.2 e 1.4.3) do primeiro capítulo.

4.2 O dialeto caipira como estereótipo

Para os informantes, caipira é alguém que tem pouca instrução, modos de vida mais simples, protótipo diferente daquele que caracteriza o cidadão metropolitano. Para todos os informantes essa caracterização é

pejorativa e o adjetivo “caipira” certamente não escapa a avaliações negativas por parte dos falantes que convivem sob esse rótulo. Quando convidados a falar sobre essa designação e sobre um possível modo de caracterizar alguém pelo modo de falar enquanto caipira, deram respostas como a apresentada a seguir:

(4)

C. S. (F – 20 anos): ah: (+) com certeza’ sim (+) é:: sim (+) é porque:: (+) ah: seu caipira’ sabe” (+) você não é da grande cidade (+) você é um CAIPIRA’ um bicho do mato que não sabe nada’ sabe” (+) nós somos / vocês são ignora::ntes porque vem da roça (+) é o que eu vejo assim (+) não que (+) mas é assim (+) é o que tem me passado desde que eu era pequenini::nha assim (+) eu fui criada com essa / tendo essa visão do que é um caipira e do que é a pessoa que mora num grande ce::ntro (+) às vezes caipira também pode ser aquela pessoa tí::mida’ né” do interior.

Nesse depoimento, o informante afirma que ser caipira é ser ignorante, não morar num grande centro, ser bicho do mato ou da roça, ser pessoa tímida e morar no interior.

A visão simplificada desse informante é a visão do senso comum. Nessa visão, aqueles que moram no interior são ignorantes, ou mais ignorantes do que aqueles que moram nos grandes centros. Assim, o morador de uma cidade do interior que tenha hábitos distintos daqueles apresentados por um típico habitante de uma grande cidade é caipira. A generalização é enorme. Não há muitas indicações de características quanto a outros hábitos sociais. O que prevalece é a rotulação.

Para outros informantes, o estigma é tão forte que estes preferem entender a designação “caipira” como sendo característica da região Nordeste, paisagem bem diversa da origem destes informantes. O que se verifica é que o informante lança mão desse argumento para se livrar da estigmatização, como podemos demonstrar no depoimento abaixo:

(5)

M. T. (M – 20 anos): ah: porque tem o termo técnico (+) caipira' né" (+) nem é daqui' né" (+) é do Nordeste e tudo (+) ah: eu acho que depende do jeito que você fala.

Esse informante não se reconhece como caipira e vale-se desse argumento para se livrar de tal adjetivação. Essa negação aparece também em outros depoimentos. F. H. (M – 23 anos), por exemplo, quando perguntado se, para ele, é desagradável ser chamado de caipira, respondeu:

(6)

F. H. (M – 23 anos): se é é (+) se caso alguém me chamar ou se (+) não (+) não é nem pejorativo nem desagradável (+) é:: (+) só que aí eu vou / eu vou falar e aí:: o que eu acho que é verdadeiro realmente num num (+) não sou caipira (+) não tenho NADA da cultura caipira' assim (+) por mais que tenha nascido numa cidade do Norte do esta::do que tem assim' é lógico' que ouve música sertaneja' ouve moda de vio::la' ouve tudo isso (+) mas eu não/ não sou não (+) uma pessoa que participa dessa cultura' sabe assim" (+) eu tenho influências disso mas eu não (+) não me sentiria CONTEMPLADO (+) não que eu me sentisse ofendido (+) mas não dá pra dizer que eu sou caipira.

É interessante ressaltar que, após ter sido feita a questão ao informante F. H. (M – 23 anos), este passou a priorizar o uso do *tap* alveolar em *coda* silábica de maneira muito recorrente. Essa “escolha” pode ser entendida como sendo o uso de um artifício pelo falante que tem por objetivo marcar uma certa distância do dialeto a que pertence e das variantes até então recorrentes em sua fala, a aproximante retroflexa e a aproximante alveolar – ambas típicas do dialeto do interior de São Paulo. Ao contrário do *tap*, que é uma variante típica da capital de São Paulo. Esse

informante, então, elege o *tap* alveolar como a variante menos marcada socialmente a que tem acesso⁸³.

Com relação a essa questão, salientamos que, ao falar sobre a sua proposta para lidar com as atitudes lingüísticas, Schlieben-Lange (1993) afirma que há um saber sobre a língua o qual os falantes são capazes de explicitar. Dessa forma, são capazes de dizer quais elementos são antigos ou novos em sua língua, bem como são capazes de identificar variantes geográficas, estilísticas e sociais. Podemos dizer que, de posse desse conhecimento, o informante F. H. (M – 23 anos), ao se sentir constrangido frente às questões suscitadas pela entrevista, valeu-se de uma outra variante, o *tap* alveolar característico do dialeto paulistano, procurando se livrar da “inconveniente” variante aproximante retroflexa, que até então prevalecia em sua fala.

Quando perguntados se reconheciam a designação caipira como apropriada para caracterizar o interior ou a sua região, deram respostas do tipo:

(7)

M. T. (M – 20 anos): ah: num é um absurdo' mas também não é o correto' né" a gente aceita.

(8)

V. G. (M – 21 anos): não' não (+) não concordo como sendo caipira não (+) cada região tem o seu sotaque (+) mas' não quer dizer que isso seja (+) caipira.

Esses exemplos ilustram o que pudemos perceber nos depoimentos de quase todos os informantes: a negação do dialeto caipira, o não

⁸³ O pai desse informante é paulistano. Talvez a variante escolhida, o *tap* alveolar, seja uma variante recorrente em sua fala, mas certamente não era a que prevalecia até então.

reconhecimento por parte dos informantes como sendo membros desse dialeto e, portanto, não portadores de suas marcas, pronúncias e sotaques.

Observamos, por outro lado, que dois informantes identificaram e reconheceram a sua forma de falar como sendo representante de um “jeito caipira de falar”, descrito como manso, puxado. Para esses informantes, foi possível vislumbrar pontos positivos nesse modo de se expressar que remete a um estilo de vida simples, sem pressa, interiorano, por vezes, rural:

(9)

C. S. (F – 20 anos): aí: é porque é uma coisa que tá tão internalizada na ge::nte (+) assim (+) assim (+) de o que não é (+) o que não é da grande São Paulo é caipira’ é interior’ é da roça’ entendeu” (+) então eu acho que (+) ah: eu acho que é o jeito caipira’ assim de falar (+) é jeito assim de: é:: de quem vive na ro::ça (+) de quem teve uma:: (+) sei lá (+) lá nas origens assim (+) e a gente fala desse jeito ma::nso’ com erre (+) e eu acho que é um jeito caipira sim (+) de pessoas si::mples (+) é porque foi / é uma coisa que nem eu falei tá internalizado’(...) / eu acho sim que é caipira ((risos)) (+) não no lado / não pelo lado pejorativo’ mas pelo lado assim (+) de ser mais rura::l’ de dessa (+) dessa forma interiorana mesmo (+) de interior (+) o próprio nome INTERIOR assim (+) também está (+) está vinculado a esse pólo de o interior rural não é desenvolvido (+) e o:: / e a grande cidade’ a metrópole’ São Paulo (+) eu vejo assim (+) essa própria / porque é engraçado / por exemplo / Campinas chama a gente de interior’ né” (+) é assim de São José do Rio Preto’ tal (+) mas eles TAMBÉM são interior’ né” (+) mas o jeito de falar deles também é de ((risos)) é mais parecido com o do interior (+) mas embora geograficamente esteja mais próxima de São Paulo.

Enquanto isso a informante K. F. (F – 19 anos) afirmava:

(10)

K. F. (F – 19 anos): ah:: assim (+) várias pessoas do meu curso falam ah:: ela é caipira’ assim (+) pode ser (+) dependendo do jeito que a pessoa fala você pode entender que é por causa do jeito que você fala (+) ou por por causa dos seus costumes ou jeito que você se veste.

Ainda quanto a essa questão, a mesma informante esclarece:

(11)

K. F. (F – 19 anos): não::: (+) na verdade não (+) eu não acho que' assim (+) o fato de sê caipira é uma coisa ruim (+) principalmente porque eu acho que MEUS PAIS' assim (+) tem uma origem no / nasceram no sítio (+) se for por aí eles são caipira também (+) eu nasci também bem no interior de São Paulo (+) eu acho que (+) não ficaria ofendida não.

É interessante observar o quanto a referência à pronúncia do /r/ retroflexo é recorrente nos depoimentos dos informantes. Para alguns, apenas o erre “marcado” é apontado como a grande diferença entre o dialeto típico do interior de São Paulo e o da capital, como podemos demonstrar nos depoimentos a seguir:

(12)

F. H. (M – 23 anos): há (+) há diferença sim (+) é (+) como como eu falei agora a pouco assim (+) São Paulo' além de ter um estereótipo' inclusive' que as pessoas utilizam (+) isso já tá um pouco é::: dilui:do' né” (+) não é tanto (+) é meio que uma forsação de barra dizer que todo paulista fala italianado (+) mas há diferença sim (+) principalmente acho que: (+) é::: no erre' na velocidade de fala' né” assim (+) acho que o paulista ele fala um pouco mais (+) mais rápido e um pouco mais (+) não sei explicar assim (+) parece que a gente tem uma outra entonação mesmo (+) então há diferença sim (+) não são TÃO estereotipadas como colocam' mas há.

(13)

K. F. (F – 19 anos): bom (+) eu sinto que o pessoal do interior puxa mais o erre (+) as pessoas que moram em São Paulo falam um erre mais tremido' assim (+) e o pessoal do litoral é::: eu acho que às vezes tem muita proximidade com o pessoal do Rio de Janeiro / eu acho / não exatamente igual (+) mas eles falam bem diferente da gente (+) eu não sei dar uma característica.

(14)

K. F. (F – 19 anos): eu acho que existe (+) eu acho que é a mais nítida diferença (+) pelo erre(+) eu acho viu' (+) é a diferença que eu mais percebo (+) fora a enorme quantidade de gírias que eles falam (+) eu acho que é a maior diferença.

Entendendo o estereótipo nos termos de Schlieben-Lange (1993), como sendo o argumento do discurso público sobre a língua, ou dos discursos públicos que concorrem entre si, é possível observar no próximo exemplo mais uma evidência de que há uma crença compartilhada socialmente, ainda que de maneira simplificada, indicando o quanto o dialeto caipira, particularmente a pronúncia do /r/ típico desse dialeto, é passível de chacotas, críticas, avaliações negativas, enfim:

(15)

L. T. (F – 24 anos): hoje eu tava vendo até de manhã aquele programa da Ana Maria Braga (+) aí uma mulher ligou pra lá e tinha um sota / um errezinho bem puxado (+) e a Ana Maria tava imitando ela. Todo mundo riu.

Podemos dizer que o riso da platéia do referido programa mencionado no depoimento da informante traduz o estigma compartilhado pelos participantes ali presentes e por tantos outros interlocutores que assistiam ao programa.

4.3 Atitudes dos informantes perante a sua própria fala

Como pudemos verificar no tópico anterior, os informantes reconhecem e verbalizam o estigma que recobre a acepção do termo caipira, assim como deixaram claro o quanto é estereotipado certos traços do dialeto

do interior de São Paulo. Reconhecem, também, que são chamados de caipira pela forma de pronunciar o /r/, como podemos observar no depoimento abaixo:

(16)

L. T. (F – 24 anos): ah: num sei (+) eles/ eles acham que a gente é tudo caipira' né" ((risos)) de puxá o erre de:: ((risos)).

É importante observar a atitude desses informantes diante da sua própria fala. Quando perguntados como se sentiam quanto à forma como falam, eles demonstram, de uma forma ou de outra, o estigma que permeia a pronúncia do /r/ nesse dialeto, como podemos ver nos seguintes depoimentos:

(17)

P. G. (F – 25 anos): ah: às vezes tenho vergonha ((risos)) (+) às vezes eu puxo muito o erre assim (+) aí o pessoal' né" (+) tira sarro.

(18)

M. T. (M – 20 anos): ah: (3,0) né" (+) a gente acostuma falar de um jeito (+) o povo (+) mata na hora.

Em seguida, o informante M. T (M – 20 anos) fala sobre os traços através dos quais “o povo” consegue identificá-los:

(19)

M. T. (M – 20 anos): um" ah:: o s dos cariocas' o meu r puxa::do' o ti ((pronuncia o t não palatalizado)) né" (+) de várias regiões / tantas regiões também.

Podemos, ainda, citar o depoimento da informante L. T. (F – 24 anos) que remete à sua fala relembrando a maneira como os colegas se referem a essa sua pronúncia do /r/:

(20)

L. T. (F – 24 anos): ah:: num sei ((risos)) (+) já (+) o r ((risos)) que nem a gente fala porta ((risos)) ((pronuncia enfatizando a retroflexão do r)) a gente puxa mesmo.

(21)

L. T. (F – 24 anos): ah:: eu acho chato porque parece que falam de uma maneira depreciativa.

Cinco dos informantes entrevistados demonstram ter vergonha da pronúncia do /r/ retroflexo e não aceita a rotulação de caipira. Reconhecem que, geograficamente, estão no interior do estado de São Paulo, mas se posicionam como “um interior não tão interior”, uma vez que a cidade de São José do Rio Preto é uma cidade grande, desenvolvida.

Todos os informantes apontam a pronúncia do /r/ retroflexo como sendo característica dessa região, mesmo que afirmem o contrário logo em seguida, para se livrar do estigma, dizendo que não possuem um /r/ tão puxado, como o de Piracicaba, por exemplo:

(22)

V. G. (M – 21 anos): bom' (+) o pessoal do interior: é:: puxa no erre' né” assim (+) mais no interior' né” não todo' né”o pessoal na minha casa fala um erre puxado (+) o pessoal de São Paulo assim (+) não tô entendendo' ((risos)) é:: o pessoal de Piracicaba o que eu mais acho assim (+) tradicional é:: o que eu me lembro agora é isso.

(23)

V. G. (M – 21 anos): ah:: eu não sei (+) eu acredito que nã:o (+) assim (+) é:: eu num sei (+) pode ser que eu esteja enganado mas eu acho que eu não tenho sotaque do interior (+) entendeu (+) num sei (+) talvez' né" num dá prá saber(+ eu não puxo muito o erre (+) às vezes é difícil se / se auto julgar.

O informante M. T. (M – 20 anos) ilustra bem o que pudemos perceber nos depoimentos dos informantes que estão iniciando a graduação. Estes realizam a aproximante retroflexa em maior número, seguida da aproximante alveolar. Para eles, a aproximante retroflexa é a forma mais marcada socialmente e, mesmo tendo essa variante como a forma mais recorrente, afirmam que não a realizam⁸⁴, como pode ser exemplificado no depoimento abaixo:

(24)

M. T. (M – 20 anos): um" (+) não porque (+) aí:: (+) o meu não é tão puxado' né" (+) isso eu falo que (+) a GLOBO é a maior culpada disso tudo' né" que ela acaba com o sotaque de todo mundo (+) a gente assiste muito a TV (+) a gente perde o sotaque.

Depois do exposto, podemos concordar com Labov (1964) quando afirma que as questões que envolvem atitudes lingüísticas são muito delicadas porque o falante freqüentemente julga pronunciar a forma a que aspira, a variante que detém mais prestígio social. Como exemplo dessa questão, podemos citar o depoimento da informante L. T. (F – 24 anos), aluna concluinte que, mesmo afirmando que *puxa só um pouquinho o erre*, o se percebe após a análise dos dados é que a variante que predomina em sua fala é justamente a aproximante retroflexa, variante estigmatizada pela informante. Como exemplo, segue o depoimento da informante e o

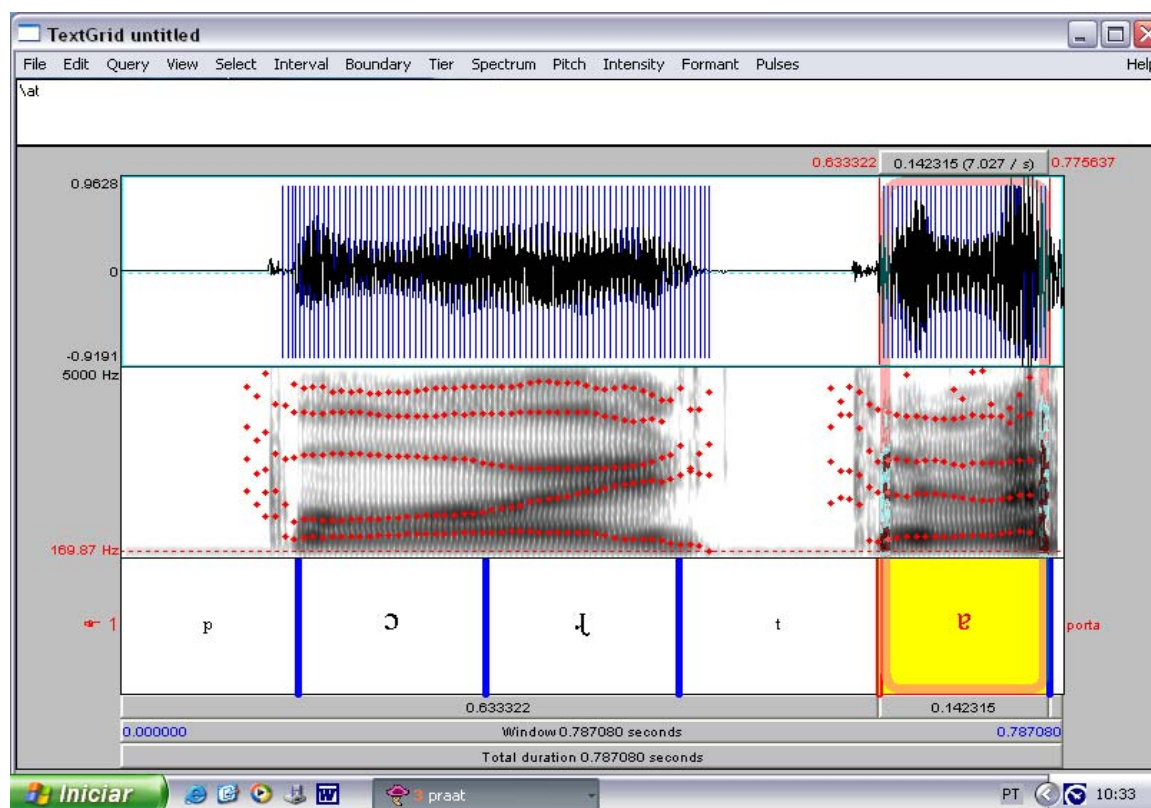
⁸⁴ Todas as vezes que os informantes caracterizam o dialeto caipira, quando fazem algum gracejo estereotipando a pronúncia típica do /r/ do dialeto do interior de São Paulo é a aproximante retroflexa que utilizam. Pudemos nos certificar acerca dessa realização através de análises acústicas.

espectrograma da palavra *porta* ilustrando uma ocorrência da variante aproximante retroflexa proferida por L. T. (F – 24 anos):

(25)

L. T. (F – 24 anos): tem ((risos)) (+) acho que sim (+) do do / é o pessoal tem um pouco um pouco de preconceito com a gente que é do interior que puxa os r' né” ((risos)) eu acho que eu puxo só um pouquinho.

Espectrograma 6 – aproximante retroflexa



4.4 Avaliando a variedade campineira...

Há uma afirmação por parte do campineiro em situar-se como falante de um /r/ “intermediário” e essa afirmação pode ser entendida como uma barreira erguida por esses falantes como quem procura diferenciar-se das demais cidades do interior paulista e marcar a sua própria fronteira. Assim, o quadro que pode ser visualizado a partir das entrevistas realizadas com quatro informantes campineiros ilustra uma certa tensão recobrando questões de linguagem e, mais uma vez, a pronúncia retroflexa é apontada como uma variante que incomoda os campineiros.

O fato de os campineiros entrevistados posicionarem Campinas como uma cidade diferente das demais do interior paulista demonstra que eles se excluem do interior. O campineiro consegue dizer que “vai para o interior” com muita naturalidade. A esse respeito, uma das informantes de São José do Rio Preto faz o seguinte comentário:

(26)

C. S. (F – 20 anos): Campinas chama a gente de interior’ né” (+) é assim de São José do Rio Preto’ tal (+) mas eles TAMBÉM são interior’ né”.

Quando perguntados se havia um falar característico do interior de São Paulo, os informantes campineiros deram respostas do tipo:

(27)

L.F. (M – 26 anos): eu acho que o modo do paulista falar é um pouco: ridicularizado’ então (+) isso acaba acho que tirando um pouco o prestígio (+) acaba parecendo uma coisa de: pessoal que / de pessoa sem cultura (+) apesar de não ser (+) não tem muito uma coisa a ver com a outra (+) mas é a impressão que passa pelo menos pra quem não está no estado (+) quem é de fora:: ou quem é de

*uma região de fora diferente (+) assim como o carioca também fala de um jeito que a gente acha que carioca fala tá rindo é folgado' né" pelo menos a minha opinião' é:: acho **que paulista acaba passando um pouco essa coisa de que é:: meio:: é: ignorante.***

(28)

S. A. F. (F – 37 anos): ah:: há um preconceito quanto a fala do / do / da pessoa do interior (+) a gente sempre sente isso (+) que é o caipira (+) porque a imagem do caipira sempre foi é:: sempre se teve preconceito quanto a essa imagem' entendeu" (+) então acho que a linguagem acaba:: recebendo esse tipo de influência também (+) quer dizer (+) as pessoas acabam tendo como maior prestígio a fala do paulistano.

Os informantes campineiros reconhecem que há preconceito com relação à fala das pessoas do interior de São Paulo, mas sobre uma possível caracterização do falar campineiro ou algum traço que marque esse falar três dos quatro campineiros entrevistados posicionaram-se da seguinte forma:

(29)

L.F. (M – 26 anos): é o meio termo entre o / o caipira e o paulistano ((risos)).

Os informantes de São José do Rio Preto também reconhecem uma certa diferença na pronúncia do campineiro. O depoimento da informante K. F. (F – 19 anos) ilustra de maneira bastante significativa o que percebemos por parte de alguns informantes durante as entrevistas:

(30)

K. F. (F – 19 anos): ah:: eu acho que o campineiro tenta imitar muito o jeito que o pessoal de São Paulo fala' assim (+) é o que eu vejo' assim (+) com as pessoas mais próximas de mim / aliás com as únicas pessoas de Campinas que eu conheço são as que estão na minha sala (+) eu acho que (+) de vez em quando você percebe que eles misturam um pouco as coisas (+) um pouco fa / falam um pouco

o erre puxado (+) um pouco o erre tremido (+) num sei (+) não sei qual é o verdadeiro estilo da fala.

O informante M. T. (M – 20 anos), porém, é mais específico e afirma com muita naturalidade que a fala de Campinas, particularmente a pronúncia do erre é a “ideal” – nem tanto do interior, mas também não igual a pronúncia da capital – por ser uma pronúncia “intermediária”, segundo o informante, “sem exageros”:

(31)

M. T. (M – 20 anos): ah: entre o:: da capital e do interior assim.

(32)

M. T. (M – 20 anos): Ah: é o que eu falei (+) o intermediário.

Pelos depoimentos, podemos afirmar que os campineiros e os informantes de São José do Rio Preto reconhecem que há diferenças na pronúncia do campineiro e, segundo eles, essa diferença ora se aproxima do dialeto paulistano, ora do dialeto típico do interior de São Paulo. A referência a um modo particular de falar, denominado como “intermediário”, marcadamente na pronúncia de um /r/ “menos puxado”, é o que prevalece nos depoimentos da maioria dos informantes. No entanto, a informante campineira L. B. (F – 32 anos) justifica-se de maneira diferente, uma vez que afirma que fala um /r/ “puxado” e não o “intermediário”:

(33)

L. B. (F – 32 anos): eu sei que eu tenho um jeito interiorano de falar (+) tanto é que eu estou aqui me esforçando (+) na gravação (+) pra não sair essa ((risos)) esse caipirado /.../ mas eu percebo (+) me identifico com o erre puxado.

É importante ressaltar que em momento algum da entrevista foi feita nenhuma pergunta que abordasse o erre em nenhum de seus aspectos e quase todos os informantes – três campineiros e todos os informantes de São José do Rio Preto – mencionaram esse fato, procurando caracterizar o falar do campineiro como uma “pronúncia intermediária”, conforme evidenciado acima. Mas, dos quatro informantes, apenas L. B. (F – 32 anos) afirma que se identifica com o “r puxado”.

Mais interessante é perceber nos depoimentos o dilema que permeia os depoimentos acerca da cidade de Campinas, bem como do campineiro – uma cidade do interior que não se reconhece como tal. Esse dilema pode ser entendido como o propulsor para o acobertamento do dialeto caipira, ou pelo menos da pronúncia retroflexa do /r/, tão estigmatizado por parte destes que galgam um outro posto, o de metrópole. Ao responder, por exemplo, as questões sobre a uma matéria publicada no jornal Correio Popular no dia 07/07/2000 em que a cidade de Campinas é caracterizada como uma cidade indecisa – não sabe se é interior ou se é capital – os informantes campineiros se posicionam da forma demonstrada nos seguintes depoimentos:

(34)

L. B. (F – 32 anos): o campineiro tenta disfarçar a caipirice dele’ na minha opinião’ (+) ele quer ser o que não é (+) ele pensa que é elitizado’ e muitas vezes não é (+) essa é uma característica muito forte de Campinas’ tanto que (+) muitas pessoas já vieram reclamar pra mim que acham que as pessoas são metidas (+) não sei’ tenho essa impressão (+) de tentar encobertar a::: (+) talvez um conflito entre interior e metrópole (+) talvez seja alguma coisa assim’ né” (+) mas o campineiro muitas vezes tenta disfarçar essa simplicidade.

(35)

L.F. (M – 26 anos): é o que eu te disse (+) a gente está no meio termo entre (+) o caipira e o paulistano (+) aqui tem / tem características dos dois lados (+) está:: está bem no / Campinas

acho que não é uma cidade que tem uma identidade PRÓPRIA (+) é:: muita gente procura muita coisa da capita::l (+) e quer copiar o que o pessoal faz lá (+) mas aqui não dá certo porque aqui tem muita cultura também de quem vem do interior (+) e:: tanto é que eu disse pra você no começo (+) eu não me identifico com o pessoal daqui.

(36)

S. A. F. (F – 37 anos): é:: ele não gosta de ser caracterizado como caipira (+) como pessoa do interior (+) campineiro não gosta disso (+) você entendeu” porque:: Campinas é uma cidade que tem status de cidade GRANDE (+) de bast / bem populosa (+) de pólo de desenvolvimentos tecnoló::gicos (+) pólo educaciona::l (+) mas é uma cidade do interior (+) só que o campineiro não gosta de ser visto como interiorano (+) interiorano no sentido até de receber as influências mesmo de de / de maneira de falar’ entendeu”.

Podemos perceber nos depoimentos até então analisados neste tópico 4.4 que o campineiro se auto-avalia como detentor de uma fala “intermediária”, menos marcada que a de outras cidades do interior paulista. O estigma que recobre a caracterização do dialeto do interior de São Paulo, principalmente o desprestígio creditado à pronúncia do /r/ retroflexo, é suficiente para que os campineiros queiram se afastar da estereotipação relacionada à pronúncia típica do interior paulista e afirmar-se como “não-interior”.

A argumentação apresentada pelos campineiros, ou seja, de que possuem uma fala “intermediária” entre o interior paulista e a capital, poderia ser comparada à argumentação, apontada no trabalho de Barbosa (2002), dos brasilienses, em cujos depoimentos afirmam possuir um falar sem sotaque, não marcado. No caso dos brasilienses, a autora afirma que há, por parte da elite de Brasília, um interesse em se destacar nacionalmente e, definindo-se como uma cidade sem sotaque, marca a sua diferença atingindo assim o seu objetivo. No caso dos campineiros, podemos postular que há o interesse destes em se destacar do interior paulista, e, para isso,

argumentam que possuem uma pronúncia menos marcada, ou “intermediária”.

4.5 Reconhecendo e avaliando outras variedades

Todos os informantes manifestaram algum juízo de valor a respeito da diferença dialetal. Assim, quando perguntado à informante C. S. (F – 20 anos) a qual, entre os tipos de fala do paulista e do paulistano, poderia ser atribuído julgamentos de valor e, se assim fosse, qual entre esses tipos de fala seria mais bonito, mais feio ou ainda se esse tipo de julgamento não procederia, ela respondeu:

(37)

C. S. (F – 20 anos): ah: eu não vejo assim (+) é:: (+) bom (+) eu vou ser bem sincera assim (+) às vezes me irrita o jeito do paulistano falar (+) assim (+) não que eu ache bonito ou feio’ sabe (+) mas esse jei / ai:: ‘pô meu (+) me dá minha cartei::ra’ sabe” eu num sei porque ((risos)) mas às vezes me irrita (+) não que eu não goste da pessoa’ mas o jeito de falar às vezes me incomoda (+) não sei porque (+) mas às vezes me incomoda (+) não que eu ache mais bonito ou mais feio (+) não é essa a questão’ mas (+) não sei não.

O depoimento de número 35 da informante C. S. (F – 20 anos) ilustrado acima contrasta com a posição assumida nos depoimentos pelos demais informantes, pois a maioria destes reconhece como prestigiosa a fala do paulistano.

Após falar sobre a importância da cidade de São Paulo para o cenário nacional e ser perguntada sobre as diferenças existentes entre a fala do

paulistano e do paulista, a informante K. F. (F – 19 anos) fez o seguinte julgamento.:

(38)

K. F. (F – 19 anos): olha (+) ouvir falando eu acho que é mais bonito uma pessoa que MORA mesmo na cidade de São Paulo (+) eu acho que o estilo dela falar é mais bonito (+) mas eu acho que isso é muito característico' assim de cada região (+) acho que é até legal existir essas diferenças.

Podemos perceber que a informante acha mais bonito a forma de falar do paulistano. Salientamos que esse mesmo julgamento é o que prevalece nos depoimentos dos demais informantes.

O que podemos observar é que há uma conotação positiva referente ao dialeto paulistano nos depoimentos dos informantes quando estes o comparam ao dialeto paulista, como pôde ser visto no exemplo de número 36 citado acima.

Esse prestígio atribuído ao falar do paulistano, particularmente no que se refere à pronúncia do /r/, é sustentado pela representatividade da cidade de São Paulo em termos econômicos, principalmente. A referência a essa questão é manifestada por um dos informantes que, ao reproduzir a opinião de um amigo a respeito do dialeto do paulistano, diz que o paulistano não tem sotaque. Assim, com um certo tom de indignação, conta: (...) *tinha um amigo até que brincava, meio na brincadeira, mas não deixava de ser que (+) quem tem sotaque é os outros' né" NÓS TEMOS O MAIOR PIB DO PAÍS.*

Podemos verificar que esse mesmo argumento aparece em outros depoimentos, como nos apresentados abaixo:

(39)

K. F. (F – 19 anos): ai (+) eu acho que é porque eles tão na capital (+) eles acham que eles são o centro de tudo (+) num sei na verdade ((risos)) (+) acho que é (+) é o centro do estado (+) então acho que todo mundo já admira a cidade por ser uma cidade muito bem desenvolvida e conseqüentemente as pessoas que moram lá.

(40)

P. L. (M – 22 anos): ah: acho que muitos queriam falar igual o paulistano ((risos)).

Nesses depoimentos, a valorização do dialeto de São Paulo está ligada à representatividade da cidade de São Paulo: a cidade é a mais prestigiada e o dialeto é o mais prestigioso. No exemplo de número 38, o informante P. L. (M – 22 anos) ao comentar com entusiasmo sobre a pujança econômica da cidade de São Paulo conclui a sua fala afirmando que a fala dessa cidade também é representativa dessa prosperidade. Dessa forma, na opinião de P. L. (M – 22 anos), muitos dos brasileiros gostariam de falar como o paulistano e de ser um representante, através da sua fala, da capital paulistana.

Todos os alunos entrevistados, quando solicitados a falar sobre as diferenças quanto ao modo de falar até então abordadas durante a conversa, relativa à questão de número 28 do roteiro de entrevistas 2, manifestaram reconhecimento e respeito à variedade lingüística e às diferenças culturais suscitadas pelas questões que propostas durante a entrevista. Assim, afirmam:

(41)

K. F. (F – 19 anos): eu a:cho mui::to legal as diferenças no modo de falar (+) acho que é uma das coisas que melhor caracterizam o Brasil (+) e além disso NÃO SÓ de estado pra estado' de região Sudeste pra região Nordeste (+) acho que (+) nossa (+) acho que tem muita diferença de fala aqui assim (+) estilos (+) e eu acho legal (+) acho que é possível você (+) pelo menos identificar mais

ou menos da onde a pessoa veio só pelo modo dela falá (+) eu acho isso uma cultura que a gente deve preservar (+) devia todo mundo falá do jeito que aprendeu e nunca mudar.

(42)

C. S. (F – 20 anos): ah: eu acho que assim (+) essa diferença / que nem eu falei / traz consigo esse STATUS (+) isso/ isso é claro assim e::: ah::: é mais em quanto ao erre que eu vejo que tem muita diferença (+) o jeito AGITADO de fala::r também que eu noto (+) mas (+) e eu acho que isso deve ser analisado porque ((risos)) / tem que estudar esse preconceito lingüístico (+) que é uma coisa que vem com a gente (+) tá internalizado na gente' né" (+) e eu acho que é isso.

(43)

F. H. (M – 23 anos): ah: as diferenças (+) elas sempre vão existir né" (+) e na verdade é:: (+) e tão sempre ligadas a uma questão histórica mesmo' a uma questão social-histórica' né" (+) o lugar que cê tá inserido (+) eu acho que::: é (+) mais do que (+) ressaltar as diferenças' é (+) a gente também tem que entendê-las (+) prá poder entender a nossa própria construção' a nossa própria / a nossa própria maneira de falar (+) né" pensando nesse ponto mais específico da fala (+) não adianta eu apenas selecionar o que é diferente de mim se eu não reconheço o que (+) o que é:: (+) o que em mim é diferente pros outros' né" então (+) é eu sei (+) eu sei (+) eu reconheço que há em alguns lugares preconceito lingüístico' sabe" (+) há um preconceito do tipo da fala (+) mas muitas vezes esse preconceito tá até ligado a uma questão social também (+) tá ligado à questão do nordesti::no' sabe" (+) à questão (+) é:: (+) aliás é comum nesse país tudo é nordeste' né" (+) até o Norte é Nordeste assim (+) tudo fica é (+) então (+) é importante (+) perceber as diferenças' mas perceber que tudo isso é uma construção histórica' social (+) que isso tá ligado à sua criação (+) tá ligado ao lugar que você vive' sabe" (+) que não é uma coisa::: pura e simplesmente natural (+) as pessoas nasceram falando assim' sabe" (+) e vão falar assim pro resto da vida' né" (+) é isso.

A atitude da maioria dos informantes – exceto a informante C. S. (F – 20 anos) – ao longo da entrevista é a de querer mudar a sua “pronúncia marcada”. Embora reconheçam e manifestem respeito à variedade lingüística, também sinalizam o desejo em se afastar da pronúncia

retroflexa. Esse tipo de atitude é recorrente e ilustra muito bem o quanto essa questão é difícil de ser avaliada.

4.6 A “fala ideal” ou a “pronúncia ideal”

A estigmatização sofrida pelos graduandos naturais da cidade de São José do Rio Preto que chegam para morar em Campinas pode ser confirmada através do depoimento de K. F. (F – 19 anos) como resposta⁸⁵ à seguinte pergunta: “Já ocorreu de alguém imitá-lo quanto ao modo de falar? Em caso positivo, o que você sentiu? Em caso negativo, como seria a sua reação?”:

(44)

K. F. (F – 19 anos): sim (+) ((risos)) ah:: eles imitam assim (+) no caso do erre (+) é sempre assim (+) qualquer coisa que eu falo (+) que eu puxo demais o erre (+) todo mundo (+) ei interior ((pronuncia caracterizando a aproximante retroflexa estigmatizada)) (+) todo mundo fala assim ((risos)).

A informante K. F. (F – 19 anos) realiza em maior número a aproximante retroflexa (53%) e afirma que não faz esforço para mudar a sua pronúncia:

(45)

K. F. (F – 19 anos): não tenho vergonha da forma como eu falo (+) também não tenho orgulho (+) acho que é normal (+) de cada

⁸⁵ Há um roteiro de entrevista (em anexo) em que foram abordadas questões, mais ou menos na mesma ordem, mas a dinâmica da conversa travada com os informantes constantemente era alterada, não obedecendo a uma ordem pergunta-resposta. Dessa forma, indico essa resposta a uma determinada pergunta mesmo sabendo que entre a indagação feita por mim e o depoimento citado pelos informantes havia muitas outras interlocuções.

região (+) acho que é supernatural (+) e não tenho a mínima vergonha (+) não faço esforço para falar de nenhum outro jeito.

Opiniões como essa não são freqüentes. Apenas duas informantes - K. F. (F – 19 anos) e C. S. (F – 20 anos) – expressam opiniões como a que pode ser verificada no exemplo de número 43 acima. A opinião de K. F. (F – 19 anos) talvez possa ser entendida como uma identificação por parte da informante à sua cidade de origem, aos amigos e à família, uma vez que é recorrente em seus depoimentos a referência à origem rural dos pais, nascidos e crescidos em sítios, com um tom afetivo, demonstrando orgulho por essa origem.

A referida informante, K. F. (F – 19 anos), credita prestígio à fala do campineiro e à do paulistano, sendo a fala desta cidade mais prestigiosa do que daquela. Também faz referência especificamente à pronúncia do /r/ nessas cidades. Ao final da entrevista, contudo, julga que irá alterar a sua fala:

(46)

K. F. (F – 19 anos): acho que sim (+) pelo meu estilo (+) eu pego muito fá:cil (+) se/ se eu vou para algum lugar eu pego muito fácil o sotaque.

Situações como essas são muito comuns nos depoimentos dos informantes em diversas situações, ilustrando a dificuldade em avaliar e comparar as atitudes lingüísticas por eles manifestadas. Dessa forma, não podemos afirmar se o falante realmente quer ou não alterar a sua pronúncia. O fato é que o estigma quanto à pronúncia retroflexa é percebido em situações cotidianas, conforme é ilustrado em outros trechos de depoimentos já citados. Diante dessa aparente controvérsia, a informante justifica-se:

(47)

K. F. (F – 19 anos): ai:: na verdade eu não ligo' assim (+) porque eu sei que eu não puxo muito o erre (+) eu sei que dá pra perceber mas não é exagerado (+) mas eu não ligo (+) não me incomodo.

Compartilhando dessa mesma opinião, a informante C. S. (F – 20 anos) fala das críticas sofridas, como no exemplo de número (47) e manifesta um certo reconhecimento e valoração pela variedade falada (depoimento de número 9 e 47).

(48)

C. S. (F – 20 anos): ah: em brincadeiras já assim (+) tipo porta' porteira ((pronuncia caracterizando o erre retroflexo)).

(49)

C. S. (F – 20 anos): ah: eu num ligo porque (+) assim (+) é:: quanto a isso porque' sei lá' é o meu jeito de falar (+) e as pessoas geralmente gostam assim (+) porque eu falo meio devaga::r já / nossa já elogiaram bastante esse meu jeito de falar (+) falam que eu falo engraça::do' mas (+) eu não me esquento muito não.

No entanto, apenas a informante C. S. (F – 20 anos) julga que não irá alterar a sua fala, bem como a sua pronúncia retroflexa do erre:

(50)

C. S. (F – 20 anos): é porque é o jeito de falar não dá prá você mudar' eu acho assim (+) é o seu jeito de falar (+) é o que você foi criado assim (+) então:: (+) só que a língua também dá status (+) então fica complicado (+) acho que é por isso que:: é tudo muito nebuloso ainda ((risos)).

O que prevalece nos depoimentos dos informantes é a atitude manifestada no sentido de alcançar, assim como os campineiros, um falar intermediário. Diante da estigmatização sofrida, expressam o desejo em

alcançar um padrão “intermediário” no que se refere à pronúncia do /r/ retroflexo, já que esta pronúncia é apontada por todos os informantes como uma variante desprestigiada. Assim, a mudança quanto à pronúncia do /r/ retroflexo que quase todos os informantes relatam pode ser ilustrada através de depoimentos como o apresentado a seguir:

(51)

M. T. (M – 20 anos): então’ né” (+) como a gente / convivo com várias pessoas de vários luga:res (+) a tendência é ir acabando o sotaque da MINHA região (+) é:: encontrando aquele intermediário’ né” (+) conforme o tempo.

No depoimento 49, contudo, C. S. (F – 20 anos) afirma que a sua fala não é diferente da fala característica de um campineiro, ao menos com aqueles que até então pode se relacionar, explica-se:

(52)

C. S. (F – 20 anos): eu me identifico assim falando com um campineiro ((risos)).

Em geral, a questão que envolve a pronúncia do /r/ retroflexo é percebida pelos informantes de forma tal que estes chegam a estabelecer comparações entre a realização da variante típica de seu dialeto e da variante que ele percebe como típica da cidade de Campinas, a variante que “não é tão forte”, segundo o informante:

(53)

F. H. (M – 23 anos): se:: esse do interior que:: é::: (+) que não é tão forte’ assim (+) é porta (+) porta’ portão’ sabe” num tem (+) num é muito forte esse (+) esse erre ((pronuncia um aproximante alveolar)) não é::: e mesmo o é (+) (pensa) no final das palavras’ sabe” é (+) às vezes tem uma pessoa que fala interio::r’ ((pronuncia a aproximante retroflexa)) sabe” e num é (+) aqui em

*Campinas é interior' né” ((pronuncia a aproximante alveolar)) (+)
acho que tem uma diferença aí.*

Depoimentos como o do informante V. G. (M – 21 anos) indicam que a alteração da sua fala é permeada por um certo policiamento:

(54)

*V. G. (M – 21 anos): eu acredito sim (+) acabou mudando sim (+)
às vezes eu:: assim (+) eu me policio um pouco.*

Não podemos saber se esses falantes que estão há quatro anos em Campinas continuarão a manter variantes como a aproximante alveolar e a vogal colorida com uma frequência maior do que a aproximante retroflexa, considerada como desprestigiada e típica do dialeto de São José do Rio Preto. Já que existe um incômodo por parte dos informantes que os impele a policiar a sua fala, podemos supor que, estando em uma outra cidade, onde não se sinta intimidado, talvez volte a realizar a aproximante retroflexa sem que seja estigmatizado por este uso.

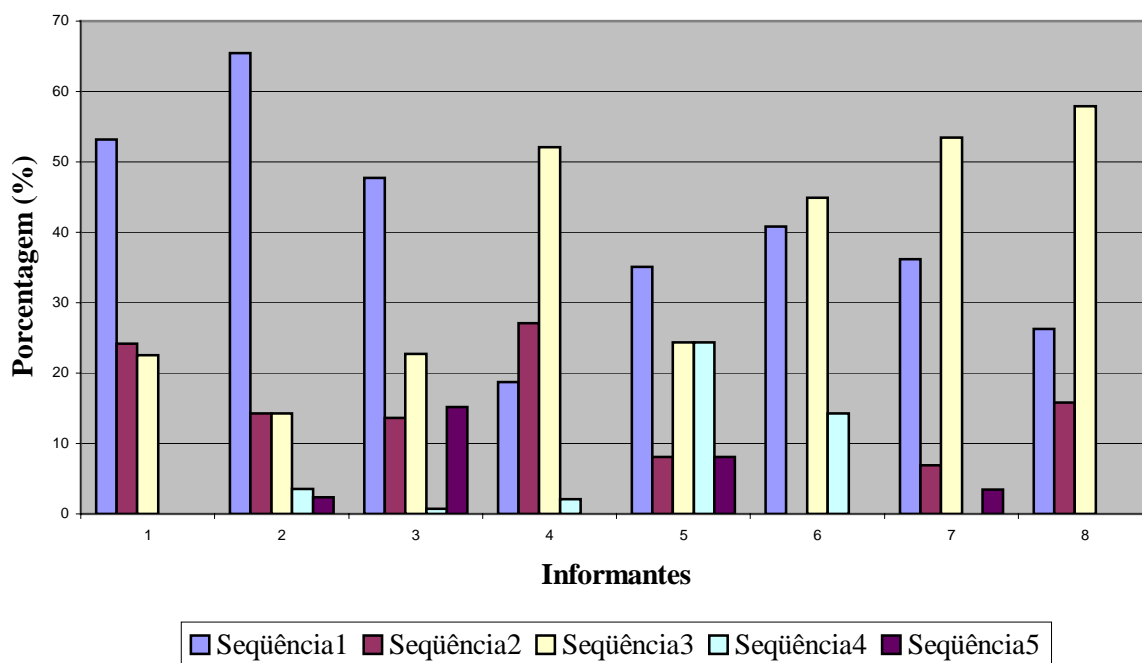
O resultado das entrevistas indica que a maioria desses informantes aspira a uma forma intermediária, forma esta, segundo eles, falada em Campinas. Os informantes, portanto, elegeram a pronúncia de Campinas como sendo uma pronúncia ideal e “menos marcada” socialmente. Para Fischer (1958, p. 93), o fato de um falante adotar uma variante em detrimento de outra não é aleatório, não significa que este tenha feito a opção pela forma mais fácil de pronunciar e nem que a opção venha a facilitar alguma distinção importante no significado denotativo, *mas porque expressa o que sentem quanto ao seu status em relação a outros falantes.*

4.7 Discussão dos resultados

Todos os alunos ingressantes reconhecem uma diferença quanto à pronúncia típica do campineiro e quase todos julgam que ocorrerá uma alteração em sua fala, principalmente na pronúncia do /r/ retroflexo, com o passar do tempo. Essa alteração é vista como algo positivo. Na verdade, todos os informantes realizam, no mínimo, três dessas variantes, como pode ser visto no *Gráfico 3*: Os números 1, 2, 3 e 4 referem-se aos quatro informantes que estão iniciando a graduação, enquanto os números 5, 6, 7 e 8 dizem respeito aos informantes que estão concluindo a graduação, ou seja, estão em Campinas há quatro anos.

Gráfico 3

Porcentagem das variantes⁸⁶ realizadas por todos os informantes.

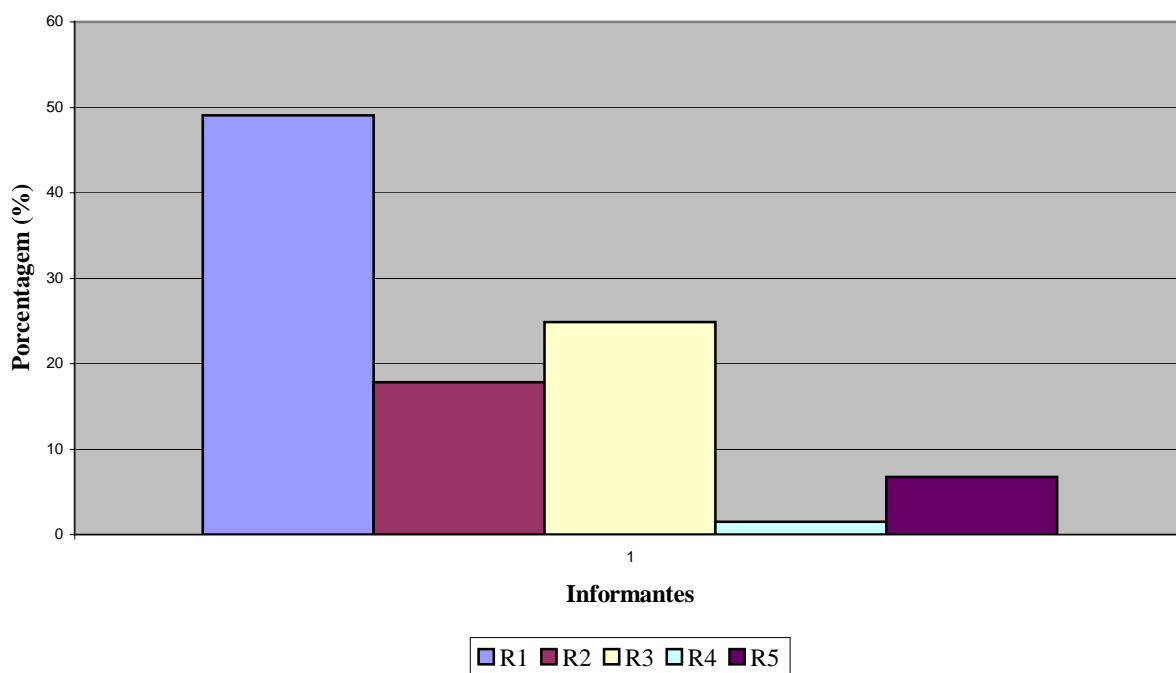


A maioria dos alunos entrevistados, naturais de São José do Rio Preto, reconhecem que há uma pronúncia característica do falar do campineiro, pronúncia esta almejada por ser menos marcada – entendida aqui como sendo menos marcada socialmente – enquanto outros aproximam a pronúncia que têm do dialeto típico do interior de São Paulo, como pudemos verificar nos depoimentos citados anteriormente. A variante que prevalece nos dados referentes aos alunos ingressantes, é a aproximante retroflexa, pronúncia típica do dialeto caipira do interior de São Paulo, conforme ilustração do *Gráfico 1* abaixo que corresponde à porcentagem total do número de variantes realizadas pelos informantes ingressantes, ou seja, aqueles que estão em Campinas há menos de um ano:

⁸⁶ Legenda: R1 = aproximante retroflexa [©], R2 = aproximante alveolar [♦], R3 = vogal colorida, R4 = aproximante palatal [j] e R5 = *tap* alveolar [P].

Gráfico 1

Porcentagem total do número de variantes⁸⁷ realizadas por todos os alunos ingressantes.



Ao comparar o falar de São José do Rio Preto, representando aqui o dialeto do interior paulista, com o do campineiro, os informantes apontaram uma diferença entre eles e afirmaram que o falar do campineiro detém mais prestígio do que o seu próprio falar, o de São José do Rio Preto. O argumento que sustenta tal afirmação é o mesmo empregado para justificar o dialeto paulistano como sendo mais prestigioso, mais bonito, ou seja, a pujança econômica, a notoriedade político-social que os centros mais desenvolvidos detêm. É o que podemos observar nos depoimentos seguintes:

⁸⁷ Legenda: R1 = aproximante retroflexa [©], R2 = aproximante alveolar [♦], R3 = vogal colorida, R4 = aproximante palatal [j] e R5 = *tap* alveolar [P].

(55)

V. G. (M – 21 anos): prestígio” acho que a do paulistano tem mais prestígio mas a do interior é mais conhecida (+) ah:: eu acredito isso.

(56)

C. S. (F – 20 anos): (...) dá sim um certo status o jeito de falar (+) você ser paulistano te dá um status de (+) aí: grande cida::de e desenvolvimento (+) tem essa (+) tem esses dois pólos que eu vejo (+) então (+) mas a gente / eu acho sim que é caipira ((risos)) (+) não no lado / não pelo lado pejorativo’ mas pelo lado assim (+) de ser mais rura::l’ de dessa (+) dessa (fama) interiorana mesmo (+) de interior (+) o próprio nome INTERIOR assim (+) também tá (+) tá vinculado a esse pólo de o interior rural não é desenvolvido (+) e o:: / e a grande cidade’ a metrópole’ São Paulo (+) eu vejo assim.

Dessa forma, uma questão interessante, bastante recorrente nos depoimentos e já ilustrada no tópico 4.4 deste capítulo, é a que se refere aos depoimentos dos riopretenses e dos próprios campineiros, quando afirmam que em Campinas há uma pronúncia “menos marcada”, menos marcada socialmente, sempre quanto ao /r/. Assim, ao falarem dessa pronúncia explicam como ela seria:

(57)

M. T. (M – 20 anos): ai (+) tem que ser (+) sem os extremos (+) tem que ser o que ((risos)) o que a Globo mesmo padronizou (+) é assim assim assado e tau (+) não pode ser tão puxado com as coisas (+) nem (+) parecer outras coisas tão puxado.

O informante M. T. (M – 20 anos) compara a pronúncia do erre dos campineiros com a pronúncia que é exibida nas redes de televisão, particularmente a rede Globo. No entanto, a variante (ou as variantes), que fazem parte do inventário fonético dos apresentadores da televisão carioca (fricativa velar ou mesmo fricativa glotal), é bem distinta das variantes que poderiam estar sendo realizadas pelos falantes da cidade de Campinas. Podemos postular que o informante apenas expressa com o seu comentário o

prestígio atribuído pela mídia a certas dialeções, assim como manifesta o desejo em atingir um padrão menos marcado socialmente e, como consequência, mais prestigioso. Dessa forma, por identificarem Campinas a essa pronúncia menos marcada, e, portanto, detentora de maior *status*, almejam falar como os campineiros. O depoimento seguinte traduz bem a opinião que prevaleceu nas entrevistas:

(58)

M. T. (M – 20 anos): ah: não pode ter os exageros’ né” (+) falar muito porta’ assim (+) puxar muito o r (+) ou tremer’ tremer muito o r (+) tem que ser o equilibrado.

(59)

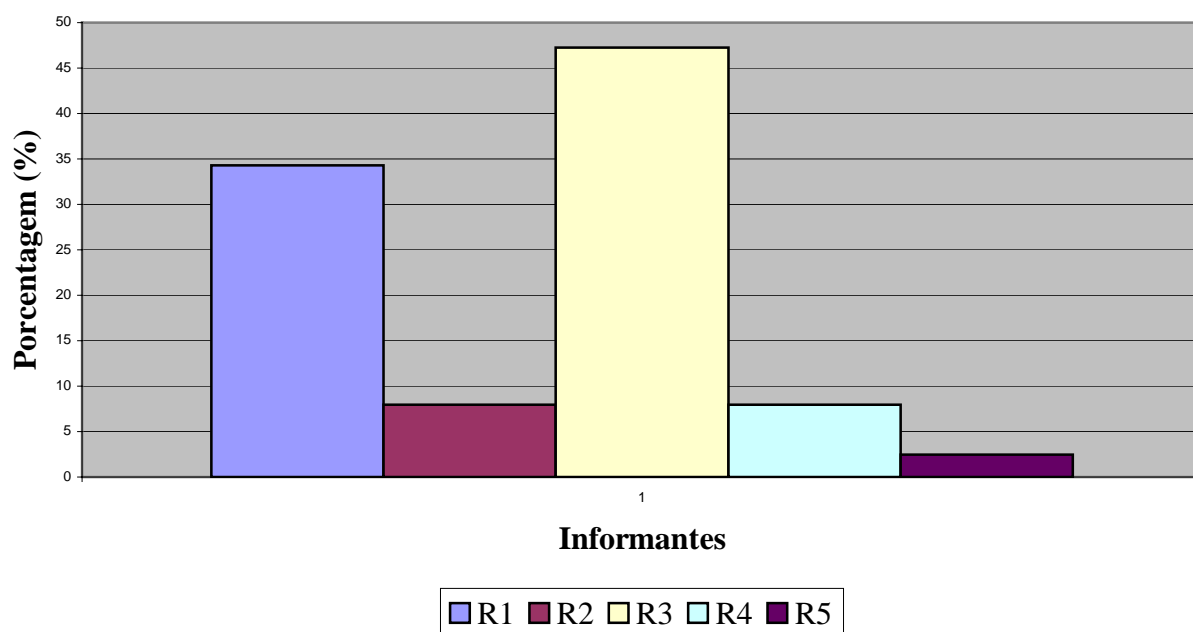
M. T. (M – 20 anos): campineiro” (+) nossa (+) não sei (+) não sei (+) é aquele (+) aquele intermediário (+) que eu acho O IDEAL (+) é o intermediário eu acho até.

É comum nos depoimentos dos informantes a percepção do estigma com relação ao /r/ típico do interior de São Paulo, ou do dialeto caipira segundo algumas declarações, bem como a manifestação destes ao afirmarem que desejam mudar a pronúncia dessa fala típica e que irão, com o passar do tempo, alcançar a “forma intermediária”, “menos marcada”, como foi descrito até então.

Na tentativa de acobertar a pronúncia retroflexa que é característica do dialeto da cidade de São José do Rio Preto os informantes *privilegiam* as variantes aproximante alveolar e vogal colorida. Estas variantes são as que ocorrem com maior frequência na fala dos campineiros entrevistados e são percebidas pelos informantes, que chegam a tentar descrever tais realizações. O *Gráfico 3* abaixo mostra a porcentagem total de variantes realizadas pelos graduandos concluintes, que estão em Campinas há quatro anos:

Gráfico 2

Porcentagem total do número de variantes⁸⁸ realizadas por todos os alunos concluintes.

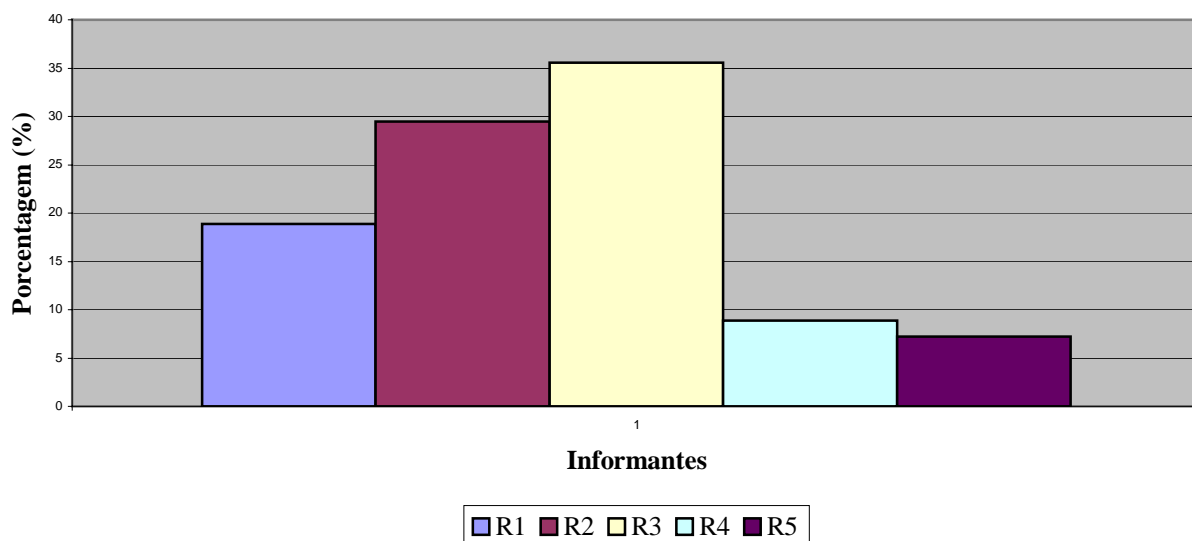


Ao analisarmos acusticamente a fala de dois campineiros, pudemos observar que as variantes do /r/ em posição de *coda* silábica que esses informantes produzem são as mesmas encontradas nos dados analisados referente aos informantes de São José do Rio Preto. Contudo, o que prevalece é a ocorrência de uma aproximante alveolar e de uma vogal colorida, percebidas pelos informantes de São José do Rio Preto como detentoras de maior prestígio se comparadas à aproximante retroflexa. O Gráfico 6 abaixo ilustra a porcentagem total de variantes realizada por dois informantes campineiros:

⁸⁸ Legenda: R1 = aproximante retroflexa [©], R2 = aproximante alveolar [♦], R3 = vogal colorida, R4 = aproximante palatal [j] e R5 = *tap* alveolar [P].

Gráfico 4

Porcentagem total do número de variantes⁸⁹ realizadas por dois informantes campineiros.



Não podemos fazer muitas afirmações a respeito das variantes de /r/ que figuram em posição de *coda* silábica na fala dos campineiros, pois o gráfico acima se refere apenas às realizações de dois informantes. Contudo, os depoimentos são ilustrativos, uma vez que sugerem uma pronúncia particular na cidade de Campinas, e assim sinalizam uma questão interessante que pretendemos explorar em outros estudos.

A análise dos dados mostrou-nos que os informantes privilegiam a realização das variantes aproximante alveolar e vogal colorida em detrimento da variante aproximante retroflexa, variantes estas descritas no

⁸⁹ Legenda: R1 = aproximante retroflexa [©], R2 = aproximante alveolar [♦], R3 = vogal colorida, R4 = aproximante palatal [j] e R5 = *tap* alveolar [P].

capítulo 3. A análise das atitudes manifestadas nos depoimentos dos informantes registradas ao longo deste capítulo revelou que essa “opção” por parte dos estudantes denota a estigmatização que recobre a variante aproximante retroflexa, bem como a avaliação das variantes aproximante alveolar e vogal colorida como ideais por serem menos marcadas socialmente. Assim, os estudantes reconhecem que em Campinas há um padrão “intermediário” em relação à pronúncia desse segmento e o elege como uma “pronúncia ideal”, prestigiosa. Na tentativa de alcançar esse padrão intermediário, alteram a pronúncia da variante aproximante retroflexa buscando acobertar a pronúncia estereotipada, confirmando, então, a hipótese deste trabalho postulada no capítulo 1.

Capítulo 5

Considerações Finais

Considerando que este trabalho está inserido no âmbito da Sociolingüística, o nosso objetivo maior foi identificar e analisar as atitudes lingüísticas de oito informantes oriundos da cidade de São José do Rio Preto e estudantes da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), sendo que quatro destes alunos estavam iniciando a graduação e os outros quatro estavam se graduando. Tentamos, pois, comprovar a hipótese de que estaria ocorrendo um acobertamento, nos termos de Schlieben-Lange (1993), de uma variante em particular, o /r/ típico do interior paulista, impulsionado por atitudes negativas em relação à fala do interior, tão bem refletida na pronúncia do /r/ retroflexo – aqui representado pela aproximante retroflexa [©].

A análise dos dados coletados indica que todos os informantes, oriundos da cidade de São José do Rio Preto, percebem o estigma que recobre a realização da aproximante retroflexa. Em decorrência, os mesmos informantes manifestam o desejo de alterar a pronúncia do /r/ típico de sua cidade natal, São José do Rio Preto. A atitude dos informantes pode ser claramente identificada em seus depoimentos quando manifestam o desejo de alterar a sua pronúncia no sentido de atingir um padrão “intermediário”, apontado como típico do dialeto campineiro.

Dessa forma, os estudantes que estão concluindo o curso de graduação e que estão em Campinas há quatro anos realizam com maior frequência as variantes aproximante alveolar e vogal colorida, conforme demonstramos no *Gráfico 2*, se comparado com as realizações dos graduandos que são recém chegados do interior paulista, ilustrado pelo

Gráfico 1, que realizam em maior número a aproximante retroflexa, variante mais estigmatizada.

O elevado número de realizações das variantes aproximante alveolar e vogal colorida verificado nos dados dos graduandos concluintes denota uma “opção” por parte desses informantes. O que se observa é, em um período relativamente curto de tempo, um aumento na ocorrência dessas variantes, em detrimento das realizações da aproximante retroflexa. Essa “opção” justifica-se se considerarmos o interesse do falante que, em um período tão curto de tempo⁹⁰, procura amenizar a sua pronúncia, distanciando-se da variante mais estigmatizada, a aproximante retroflexa. Dessa forma, essa tentativa de acobertar a variante estigmatizada, típica da fala interiorana desses informantes, é alterada por um fator externo, o estigma que recobre essa questão.

A “consciência lingüística” expressa pelo falante ao perceber uma forma menos marcada na cidade de Campinas e o fato de procurar adequar-se, de realizar essa forma menos marcada – que parece estar em expansão – revela muito do que Schlieben-Lange (1993) denomina de um “saber sobre a língua”.

Esse “saber sobre a língua”, manifestado pelos informantes, refere-se às possibilidades da gramática dessa língua perceptíveis para esses falantes. Quanto a esse saber, Schlieben-Lange (1993, p. 95) esclarece que *os falantes dispõem somente de uma “cognitio clara vel confusa” que somente informa sobre o “que” e o “como” da fala, porém, esse saber não pode dar conta daquilo que depois se tornará a tarefa do lingüista*. Trata-se de um saber implícito, que em determinadas situações pode vir a ser explicitado, e que está bastante atrelado a um “discurso público sobre a língua”,

⁹⁰ O período de tempo a que me refiro diz respeito aos quatro anos em que os informantes estão residindo em Campinas. Vale ressaltar que tais informantes ainda mantêm um grande contato com a sua cidade de origem, São José do Rio Preto.

perceptivelmente marcado por questões avaliativas e sustentado por estereótipos lingüísticos.

Todos os informantes oriundos de São José do Rio Preto revelaram uma certa admiração pela cidade de Campinas, configurando-a como detentora de um poder econômico privilegiado, acompanhado de pujança e representatividade frente às demais cidades do interior. Como não havia de ser diferente, esta cidade também ocupa uma posição privilegiada em se tratando de questões de linguagem. Essa opinião é manifestada pelos informantes, segundo os quais, o falante da cidade de Campinas exhibe uma fala “menos marcada” ou seja, menos estigmatizada, que a particulariza em relação às demais cidades do interior paulista.

Esse prestígio conferido ao dialeto do campineiro, marcadamente quanto à pronúncia do /r/, faz com que os graduandos almejem atingir a referida pronúncia, fugindo assim do estigma que recobre a aproximante retroflexa, variante típica da cidade de São José do Rio Preto. Nessa tentativa, elegem as variantes aproximante alveolar e vogal colorida, presentes no dialeto campineiro, como formas prestigiosas e, então, menos marcadas socialmente. A atitude manifestada pelos informantes em atingir um padrão “intermediário” com relação à pronúncia está, portanto, estritamente relacionada à cidade de Campinas.

Não podemos dizer que se trata de um caso de mudança lingüística que esteja em progresso. Trata-se de um determinado grupo de informantes diante de uma situação específica em que avaliam positivamente uma forma prestigiosa e a realizam, ou ao menos se esforçam para realizá-la. O que podemos postular é que há uma variação e que os informantes com o passar do tempo realizam com mais freqüência as variantes aproximante alveolar e vogal colorida se comparado com o número de realizações da aproximante retroflexa, típica do interior paulista.

Por fim, poderíamos ainda nos perguntar: será que a alteração verificada na fala de informantes da cidade de São José do Rio Preto se confirmaria na fala de informantes das demais cidades do interior paulista que têm o /r/ retroflexo como fonema em posição de *coda* silábica? Os informantes entrevistados neste trabalho continuariam mantendo a sua “opção”, procurando se afastar da realização da aproximante retroflexa estando em sua cidade natal, ou em outra cidade do interior paulista?

Diante dessas questões, podemos dizer que, também, não poderíamos fazer afirmações a respeito da referida alteração com relação a informantes menos escolarizados na mesma situação, migrantes do interior na cidade de Campinas. O que podemos afirmar é que este trabalho não responde e nem encerra os questionamentos que perpassam essa questão. Antes, acaba dando margem a outros estudos que pretendemos desenvolver posteriormente.

Referências Bibliográficas

- ABAURRE, M. B. M. e SANDALO, M. F. S. Os Róticos Revisitados. In.: da Hora D. e Collischonn G. **Teoria Lingüística: Fonologia e outros temas**. João Pessoa: Editora Universitária / UFPB, 2003. p. 144-180.
- ALKMIM, T. Sociolingüística: Parte I. In: MUSSALIM, F. e BENTES A. C. (Orgs.). **Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras**, v.1. São Paulo: Cortez, 2001.
- ALVES, M. I. P. M. **Atitudes Lingüísticas de Nordestinos em São Paulo: abordagem prévia**. Dissertação de Mestrado, IEL/UNICAMP, 1979.
- AMARAL, A. (1920). **O Dialeto Caipira: gramática, vocabulário**. São Paulo: HUCITEC, 4. ed. 1982.
- BARBOSA, A. O. **Brasilienses e a idéia do não-sotaque no processo de formação de identidade lingüística**. Dissertação de Mestrado, IEL/UNICAMP, 2002.
- BISOL, L (Org.). (1996). **Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro**. 3. ed. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- BONET, E., MASCARÓ, J. **On the Representation of Contrasting Rhotics**. Universidade Autônoma de Barcelona, 1996 (ms.).
- BOUKOUS, A. Le Questionnaire. In: CALVET, Louis-Jean & DUMMONT, Pierre (direction). **L'Enquête Sociolinguistique**. Paris: L'Harmattan, 1999.
- BRANDÃO, S.F. **A Geografia Lingüística no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991.
- BRES, J. L'entretien et ses Techniques. In: CALVET, Louis-Jean & DUMMONT, Pierre (direction). **L'Enquête Sociolinguistique**. Paris: L'Harmattan, 1999.
- BRIGHT, W. As dimensões da Sociolingüística. In.: FONSECA, M. S. e NEVES, M. F. (orgs.). **Sociolingüística**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

- BURKE, P. (1993). **A Arte da Conversação**. Trad. de Álvaro L. Hattner. São Paulo: Editora da Universidade Paulista - UNESP, 1995.
- CAGLIARI, L. C. **Elementos de Fonética do Português Brasileiro**. Tese (Livre Docência) Universidade Estadual de Campinas, 1981.
- CALLOU, D., MORAES, J.A. & LEITE, Y. Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /R/ no português do Brasil. In.: KOCH, I. G. V. (Org.). **Gramática do Português Falado, v. VI: Desenvolvimentos**. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP/FAPESP, 1996.
- _____. Processo (s) de Enfraquecimento Consonantal no Português do Brasil. In.: ABAURRE, M. B. M. e RODRIGUES, A. C. S. (Orgs.). **Gramática do Português Falado, v. VIII: Novos Estudos Descritivos**. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP/FAPESP, 2002.
- CALVET, Louis-Jean. (1993). **Sociolingüística: uma introdução crítica**. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.
- CÂMARA JR., J.M. **Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa**. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.
- _____. **Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão – Livraria Editora, 1977.
- _____. **Problemas de Lingüística Descritiva**. Petrópolis: Vozes, 2. ed., 1969.
- CARDOSO, S. A. M. e FERREIRA, C. S. **O Léxico Rural: Glossário, Comentários**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2000.
- CUNHA, C. (1968). **Língua Portuguesa e Realidade Brasileira**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 3. ed., 1972.
- FERREIRA, C. e CARDOSO, S. A. **A Dialektologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.
- FISCHER, J. L. Influências Sociais na Escolha de Variantes Lingüísticas. In.: FONSECA, M. S. e NEVES, M. F. (Orgs.). **Sociolingüística**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

- FRASER, C.; SCHERER, K. R. **Advances in the Social Psychology of Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1973.
- GUIOTTI, L. P. **O Estudo da Variante Retroflexa na Comunidade de São José do Rio Preto**. Dissertação de Mestrado, UNESP, São José do Rio Preto, 2002.
- HALLE, M. Feature Geometry and Feature Spreading. In: **Linguistic Inquiry**, vol. 26, 1995. p. 1-46.
- HALLE, M., B. VAUX & A. WOLFE. On Feature Spreading and the Representation of Place of Articulation. In: **Linguistic Inquiry**, vol. 31, 2000. p. 387-444.
- HARRIS, J. Flaps, Trills, and Syllable Structure in Spanish. In.: Aniko Csirmaz, Zhiqiang Li, Andrew Nevins, Olga Vaysman and Michael Wagner (eds.), **MIT Working Papers in Linguistics**, vol. 42. 2002. p. 81-108.
- HEAD, B. F. Propriedades fonéticas e generalidades de processos fonológicos: o caso do “R caipira”. In.: **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, n. 13. Campinas, 1987. p. 5-39.
- HORA, D. da. Medidas avaliativas de atitude lingüística. **Anais do IX Encontro Nacional da ANPOLL – Lingüística**, v. 2, 1994.
- KENT, R. & READ, C. **The Acoustic Analysis of Speech**. San Diego: Singular Publishing Group Inc., 1992.
- KLERK, V.; BOSCH, B. Linguistic Stereotypes: Nice accent – Nice person?. **International Journal of Sociology of Language**, n. 116. 1995. p. 17-37.
- LABOV, W. (1964). Estágios na aquisição do inglês standard. In.: FONSECA, M. S. e NEVES, M. F. (Orgs.). **Sociolingüística**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.
- _____. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: Pennsylvania University Press. 1972

- LADEFOGED, P. (1975). **A Course in Phonetics**. New York: Harcourt College Publishers, 4. ed., 2001.
- _____. **Vowels and Consonants**. Oxford: Blackwell, 2000.
- LADEFOGED, P. & MADDIESON, I. Rhotics. In.: **The Sounds of the World's Languages**. Blackwell Publishers, Oxford, 1996. p. 215-245.
- LAMBERT, W. E., HODGSON, R., GARDNER, R. C. e FILLENBAUM, S. Evaluational reactions to spoken languages. **Journal of Abnormal and Social Psychology** **60**, 44-51, 1960.
- LINDAU, M. Phonetic Differences in Nigerian Languages. **UCLA Working Papers in Phonetics** **51**. 1980 a. p. 105-113.
- _____. The story of /r/. **UCLA Working Papers in Phonetics** **51**. 1980 b. p. 114-119.
- MARCUSCHI, L. **A Análise da Conversação**. São Paulo, Série Princípios: Ática, 1986.
- MELO, G. C de. **A Língua do Brasil**. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1946.
- OMDAL, H. Attitudes toward spoken Norwegian. **International Journal of Sociology of Language**, n. **115**. 1995. p. 85-106.
- OPPENHEIM, A. N. **Questionnaire Design and Attitude Measurement**. New York. Basic Books, Inc.. Publishers, 1966.
- RYAN, E.; GILES, H.; e SEBASTIAN, R. **Attitudes towards language variation. Social and applied contexts**. London: Edward Arnold, 1982.
- RODRIGUES, A. N. **O Dialeto Caipira na Região de Piracicaba**. São Paulo: Ática, 1974.
- ROSSI, N. et al. **Atlas Prévio dos Falares Baianos**. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1963.
- SAVILLE-TROIKE, M. (1982). "Attitudes toward Communicative Performance". In: **The Ethnography of Communication**. Oxford: Brasil Blackwell, 1989.

- SCHLIEBEN-LANGE, B. **História do Falar e História da Lingüística**. Tradução: Fernando Tarallo et al. Campinas: Ed da Unicamp, 1993.
- SEPE, C. P. Contextualizando o estudo de atitudes lingüísticas. In.: INDURSKY, F. e CAMPOS, M. C. (Org.). **Discurso, Memória, Identidade**. Porto Alegre: Ed. Sagra Luzzatto, 2000.
- SILVA, A. H. P. **Para a Descrição Fonético-Acústica das Líquidas no Português Brasileiro: dados de um informante paulistano**. Dissertação de Mestrado, IEL/ LAFAPE – UNICAMP. Campinas, 1996.
- SILVA, T. C. **Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. São Paulo: Contexto, 4. ed., 2001.
- SMITH, D. M. Language, speech and ideology: a conceptual framework. In.: SHUY, R.W.; FASOLD, R.W. (Orgs.). **Language attitudes: current trends and prospects**. Washington, Georgetown University Press, 1973.
- WEINREICH, U., W. LABOV E M. HERZOG. Empirical foundations for a theory of language change. In.: LEHMANN & MALKIEL: **Directions for Historical Linguistics**. University of Texas, Austin, 1968.

Anexos

Roteiro de Entrevistas 1:

1. Estudar em Campinas foi uma escolha? Por quê?
2. Como é a sua cidade de origem? Lá tem universidade?
3. Qual era a sua impressão acerca da unicamp? Qual era a sua expectativa? Elas se confirmaram, ou não?
4. Qual o motivo de ter escolhido esse curso? Está satisfeito (a)?
5. Como é viver em Campinas? Você gosta? Do que você mais gosta em Campinas?
6. Com que frequência você costuma ir à sua cidade de origem? Quais são as melhores recordações que você tem da sua cidade? Poderia citar algumas?
7. Você tem uma vida social ativa em Campinas? Quais os lugares que você costuma frequentar?
8. Você trabalha? Em quê? Desde quando? Gosta do que faz?
9. O curso de graduação que você está estudando será útil à sua profissão? Fale um pouco sobre a área em que você pretende atuar.
10. Você sente orgulho em ser aluno (a) da Unicamp? Foi difícil conseguir aprovação?
11. O que você acha do vestibular da Unicamp? Por quanto tempo você se preparou para essa seleção?
12. Você teve a oportunidade de participar de projetos de pesquisa durante a graduação? Achou importante? Em caso positivo, fale um pouco sobre essa experiência.
13. E quanto à participação em congressos, seminários, você se interessa por esses eventos? Com que frequência eles ocorrem e quais são os mais significativos para você?
14. Qual a sua opinião a respeito dos professores da sua faculdade? O que há de positivo e o que ainda precisa ser melhorado?
15. Há alguma mobilização, por parte dos alunos, no intuito de reivindicar melhorias para os cursos? Se essa mobilização ocorre, como se dá?

Roteiro de Entrevistas 2:

1. Você já teve a oportunidade de perceber diferentes tipos de fala entre pessoas de outro estado? Poderia dar algum exemplo, caracterizando essa fala, mostrando como essas pessoas falavam?
2. E aqui no estado de São Paulo, você já percebeu alguma diferença na maneira como as pessoas falam? Você seria capaz de imitar (caracterizar) essa fala?
3. Você acredita que, estando em outro lugar, ou em contato com pessoas de outro lugar, outras pessoas possam identificar de onde você é (a sua origem) apenas pela maneira como você fala? Por quê?
4. Em sua opinião, há alguma diferença no modo de falar entre o paulistano e o paulista? Qual? Você seria capaz de imitá-los?
5. Já ocorreu de alguém imitá-lo quanto ao modo de falar? Em caso positivo, o que você sentiu?
Em caso negativo, como seria a sua reação?
6. Entre esses tipos de fala – paulista e paulistano – qual você acha mais bonita, ou mais feia, ou esse julgamento não procede?
7. Ainda quanto a esses tipos de fala, você acha que um desses tipos detém mais prestígio do que o outro? Qual? Por quê?
8. Em sua opinião, há um falar característico do interior de São Paulo? Qual?
9. Como você caracterizaria o falar do campineiro? Há algum traço que marca esse falar?
10. A fala do campineiro poderia ser comparada com a fala do paulistano, com a fala do paulista, ou com nenhuma delas?
11. Você seria capaz de imitar um campineiro falando? Como seria?
12. Você conhece alguma história ou piada relacionada ao paulista ou ao paulistano devido ao seu jeito de falar? Poderia contá-la em poucas palavras?
13. E quanto ao campineiro, você conhece alguma história ou piada devida ao seu jeito de falar? O que você sente a respeito disso?

14. A piada ou história que se refere ao paulista poderia ser aplicada da mesma forma ao campineiro?
15. Você, enquanto campineiro, reconhece que a piada ou a história, ou ainda qualquer outro tipo de gracejo, dirigida ao paulista também se refere a você? Por quê?
16. O que você entende quando se diz que alguém é caipira? Há algum modo de caracterizar alguém como caipira pelo modo de falar?
17. Para você, ser chamado de caipira é pejorativo, é desagradável?
18. Você concorda com a caracterização da fala do interior de São Paulo? Enquanto caipira? Você poderia dar alguns exemplos dessa caracterização?
19. Na matéria do jornal Correio Popular de 07 de julho de 2000, a cidade de Campinas é qualificada como uma cidade indecisa, ou seja, não é a capital, mas também é diferente do interior devido ao seu desenvolvimento. Qual a sua opinião a esse respeito?
20. O mesmo jornal exibe uma matéria que veicula a seguinte mensagem: “Campinas começa, mesmo que de maneira hesitante, a assumir que é uma cidade do interior e se volta para suas raízes *caipiras*”. Você concorda com isso?
21. Enquanto campineiro você gostaria de ser qualificado como caipira? (ou você se reconhece como um caipira típico?)
22. Você consegue perceber alguma diferença quando um paulistano ou um paulista pronuncia palavras como *porta*, *mar*, *cartão*, por exemplo? Poderia reproduzir (ou imitar) essa pronúncia?
23. E o campineiro, como pronunciaria essas palavras?
24. Enquanto campineiro, como você pronunciaria essas palavras?
25. Enquanto campineiro você sente orgulho ou vergonha devido à forma como você fala? Por quê? E o paulista do interior, como você acha que eles se sentem?
26. Enquanto paulista você sente orgulho ou vergonha devido à forma como você fala? Por quê? E o campineiro, como você acha que ele se sente?
27. Você acha que alterou a sua fala depois que veio morar aqui em Campinas? (apenas para o imigrante)
28. Em linhas gerais, qual a sua opinião a respeito das diferenças quanto ao modo de falar abordadas aqui?

Tabelas referentes às ocorrências das variantes no *corpus* analisado

Tabela 1: Número de ocorrências de cada variante por informantes.

Informantes	Amostras	Variantes				
		R1	R2	R3	R4	R5
K. F.	62	33	15	14	0	0
C. S.	84	55	12	12	3	2
F. H.	132	63	18	30	1	20
M. T.	48	9	13	25	1	0
L. T.	37	13	3	9	9	3
P. G.	49	20	0	22	7	0
P. L.	58	21	4	31	0	2
V. E.	57	15	9	33	0	0

Tabela 2: Porcentagem de variantes realizadas por cada informante

Porcentagem de /r/ por informante					Total
R1	R2	R3	R4	R5	
53	24	23	0	0	100
65	14	14	4	2	100
48	14	23	1	15	100
19	27	52	2	0	100
35	8	24	24	8	100
41	0	45	14	0	100
36	7	53	0	3	100
26	16	58	0	0	100

Tabela 3: Porcentagem total de variantes realizadas por todos os informantes

Porcentagem de /r/ da Amostra Total				
R1	R2	R3	R4	R5
43	14	33	4	5
Total	100			

Tabela 4: Porcentagem total de variantes na amostra dos alunos ingressantes

Porcentagem de /r/ da Amostra dos Ingressantes				
R1	R2	R3	R4	R5
49	18	25	2	7
Total	100,00			

Tabela 5: Porcentagem total de variantes na amostra dos alunos concluintes

Porcentagem de /r/ da Amostra dos Concluintes				
R1	R2	R3	R4	R5
34	8	47	8	2
Total	100			

Gráficos referentes aos resultados das análises dos dados dos campineiros⁸²

Gráfico Campineiros 1

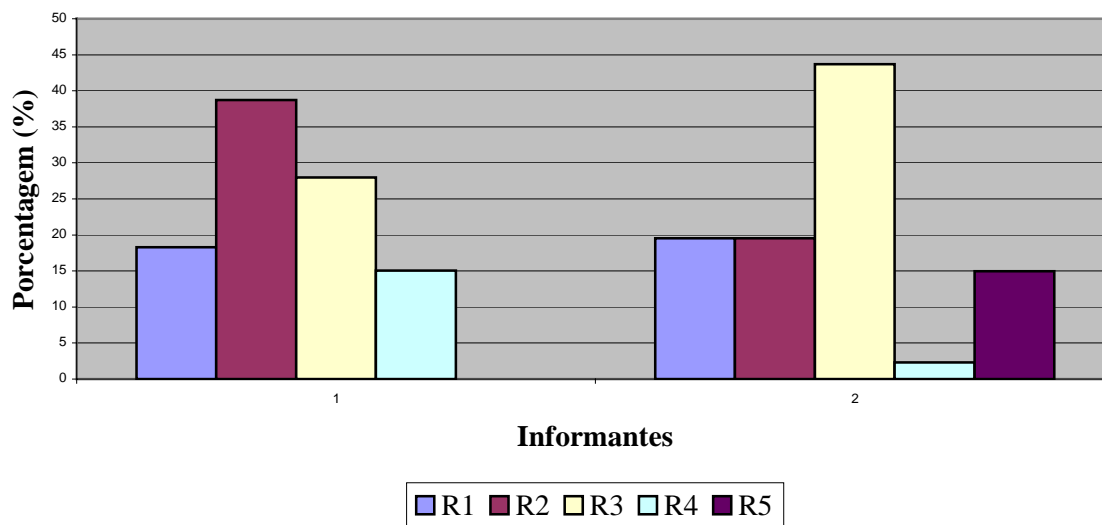
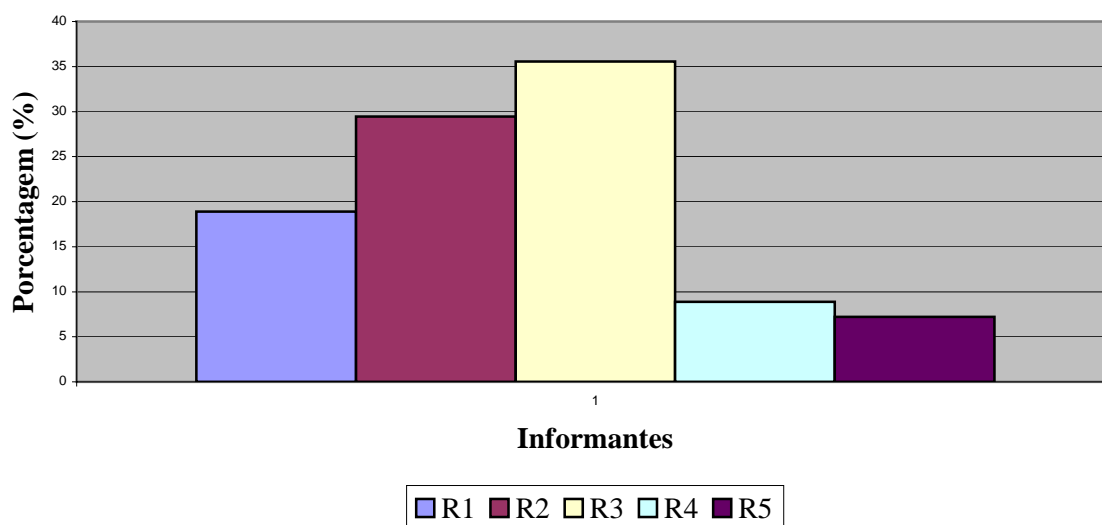


Gráfico Campineiros 2



⁸² O Gráfico Campineiros 1 representa o número de ocorrências das variantes encontradas na fala de dois informantes campineiros (1 e 2). O Gráfico Campineiros 2 representa a porcentagem total das variantes referente a esses dois informantes campineiros.

Esclarecimento sobre a legenda: R1 = aproximante retroflexa [ʈ], R2 = aproximante alveolar [ɖ], R3 = vogal colorida, R4 = aproximante palatal [j] e R5 = *tap* alveolar [P].

